UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DA UFRJ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA - PPGDAN/UFRJ

Monique Gomes Ottati de Menezes

DIÁRIO DE UMA INTERRUPÇÃO:

O abortamento clandestino e as escritas e anatomias de si na construção de uma performance em dança

Rio de Janeiro
2025

Monique Gomes Ottati de Menezes

DIÁRIO DE UMA INTERRUPÇÃO:

O abortamento clandestino e as escritas e anatomias de si na construção de uma performance em dança

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Dança, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Dança.

Orientadora: Profª Drª Lígia Losada Tourinho

Coorientadora: Drª. Vanessa Freitas de Paiva Macedo

Rio de Janeiro
2025

CIP - Catalogação na Publicação

de Menezes, Monique Gomes Ottati
d032d DIÁRIO DE UMA INTERRUPÇÃO:

o abortamento clandestino e as escritas e anatomias de si na construção de uma performance em dança / Monique Gomes Ottati de Menezes. -- Rio de Janeiro, 2025.
120 f.

Orientadora: Lígia Losada Tourinho.
Coorientadora: Vanessa Freitas de Paiva Macedo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Educação Física e Desportos, Programa de Pós-Graduação em Dança, 2025.

1. dança. 2. anatomia emocional. 3. processos autobiográficos de criação cênica. 4. escuta de si. 5. psicologia formativa. I. Tourinho, Lígia Losada, orient. II. Macedo, Vanessa Freitas de Paiva, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Monique Gomes Ottati de Menezes

DIÁRIO DE UMA INTERRUPÇÃO:

O abortamento clandestino e as escritas e anatomias de si na construção de uma performance em dança

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Dança, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Dança.

Orientadora: Profª Drª Lígia Losada Tourinho

Coorientadora: Drª. Vanessa Freitas de Paiva Macedo

Aprovada em 11 de fevereiro de 2025

_____

Profª. Drª. Lígia Losada Tourinho (PPGDan/UFRJ - Orientadora)

_____

Drª. Vanessa Freitas de Paiva Macedo (pós-doutoranda PPGDan/UFRJ - Coorientadora)

_____

Profª. Drª. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva (PPGDan/UFRJ)

_____

Profª. Drª. Adriana Ferreira Bonfatti (UNIRIO)

RESUMO

de Menezes, Monique Gomes Ottati; Tourinho, Lígia Losada; Macedo, Vanessa Freitas de Paiva. "DIÁRIO DE UMA INTERRUPÇÃO: o abortamento clandestino e as escritas e anatomias de si na construção de uma performance em dança", 2025. Dissertação (Mestrado em Dança) – Escola de Educação Física e Desportos. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Esta dissertação tem como mote de pesquisa um processo de criação cênica em dança que parte de uma metodologia que intersecciona as escritas de si (diários e depoimentos) e a anatomia emocional de si, tendo como tema o abortamento clandestino. As escritas em diários e os depoimentos de mulheres que vivenciaram a experiência do aborto são interligados em uma abordagem que privilegia as emoções e as formas anatômicas das emoções, formando uma cênica autobiográfica. A pesquisa é construída com base no entrelaçamento dos estudos da psicologia formativa de Stanley Keleman, Regina Favre e Denise Passos com os estudos das escritas de si e do campo da pesquisa cênica autobiográfica, tendo como referências Margareth Rago, Carolina Hanish, Annie Ernaux, Vanessa Macedo, Janaína Leite.

Palavra-chave: dança; escrita de si; processo de criação autobiográfico; anatomia emocional; feminismos, aborto.

ABSTRACT

de Menezes, Monique Gomes Ottati; Tourinho, Lígia Losada; Macedo, Vanessa Freitas de Paiva. “DIARY OF AN INTERRUPTION: clandestine abortion and the writings and anatomies of the self in the construction of a dance performance”, 2025. Dissertation (Master in Dance) – School of Physical Education and Sports. Federal University of Rio de Janeiro.

This dissertation's research theme is a process of scenic creation in dance that is based on a methodology that intersects self-writing (diaries and testimonies) and the emotional anatomy of the self, with the theme of clandestine abortion. The writings in diaries and the testimonies of women who have experienced abortion are interconnected in an approach that prioritizes emotions and the anatomical forms of emotions, constructing a scenic autobiographical approach. The research is based on the intertwining of studies of formative psychology by Stanley Keleman, Regina Favre and Denise Passos with studies of self-writing and the field of autobiographical scenic research, with references from Margareth Rago, Carolina Hanish, Annie Ernaux, Vanessa Macedo and Janaína Leite.

Keywords: dance; self-writing; autobiographical creation process; emotional anatomy; feminisms, abortion.

Agradecimentos

A todas as pessoas que me apoiaram e me deram suporte às dúvidas, aos hormônios, às emoções pré e pós a realização do meu abortamento clandestino, cada um do seu jeitinho: minha mãe, Tania, e meu pai, Perminio; minhas irmãs da vida Luisa, Nely e Karine; meu irmão de vida Amon; minha mestra e terapeuta Denise.

Ao meu irmão Hugo, pela grande parceria de uma vida toda.

À professora e orientadora Lígia Tourinho, pela compreensão em momentos complexos desse processo, assim como pela alegria conjunta quando da realização das etapas.

À professora Ruth Torralba, pela ajuda e escuta no processo de interrupção e retorno.

À professora e coorientadora Vanessa Macedo, pela parceria, força e honestidade durante o desenvolvimento desta pesquisa. Por ter sido quem me encorajou a assumir o tema autobiográfico do abortamento clandestino como uma das interfaces principais, por ter compartilhado seus conhecimentos de forma tão generosa.

A João Acácia pela escuta sensível, pela amizade farta e pela contribuição ativa em uma das faixas da trilha sonora. Por me ajudar a materializar nas madrugadas e intervalos do corre a experiência sonora que estava em minha imaginação.

À Deisi pela parceria na defesa desta pesquisa.

Aos depoimentos sensíveis de mulheres, algumas que conheço e outras que não, que se colocaram no exercício de testemunhar suas experiências de abortamento e autonomia.

SUMÁRIO

PRÓLOGO

EM PRIMEIRA PESSOA, MUITAS PESSOAS..... 8

UM PRIMEIRO OLHAR..... 15

ATRAVESSAMENTO I

1. AS ANATOMIAS DE SI..... 22

1.1 Perspectiva Formativa..... 25

1.2 Corpo: um campo de embate e afirmação - uma disputa de narrativas..... 35

1.2.1 Um pra lá, dois pra cá..... 39

1.3 Um certo corpo. Toda experiência corpa..... 45

ATRAVESSAMENTO II

2. AS ESCRITAS DE SI..... 54

2.1 A dimensão política das escritas de si..... 56

2.2 Clandestinas..... 61

2.2.1 Depoimentos públicos da experiência abortiva no Brasil..... 62

2.2.2 Diários - autodepoimentos escritos nos silêncios das páginas. Tempo espiralado das escritas de si 70

ATRAVESSAMENTO III

3. O ABORTAMENTO CLANDESTINO E ILEGAL..... 76

3.1 O aborto no Brasil - legislação e luta..... 80

CRIAÇÃO

4. DIÁRIO DE UMA INTERRUPÇÃO - a construção dramatúrgica - parir depoimentos em gestos, imagens e cena..... 85

PARTO

Parir..... 97

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 99

Nas lacunas, vejo o Tempo

PRÓLOGO

EM PRIMEIRA PESSOA, MUITAS PESSOAS

Aqui está uma escrita de si e o transbordar de uma experiência em carne viva em forma de poesia. Uma dança testemunhal, que emerge do encontro entre diários, sangue, músculos e pensamentos com a reentrância na anatomia do vivido no tempo do agora. A eles, se unem depoimentos de outras vivências comuns a minha. Opto por fazer isto entremeando pedaços escritos, grifados nas lacunas da experiência, para que as pessoas leitoras se atravessem, como sou atravessada. As teorias, denúncias, conceitos e defesas que aparecem no texto também corpam a criação cênica que resulta deste atravessamento. Aqui fala uma experiência de aborto clandestino, que é muito além de tema, é experiência vivida.

Parto dessa contação de mim a partir da juventude, quando, com os pés bailando, o corpo no chão ou em abraços riscados nos bailes de salão, caminhei pelas estradas do amor e da agressividade que coabitavam no ambiente doméstico. Tracei movimentos para me libertar das clausuras da crença de que a obediência, o casamento e a procriação são alguns dos princípios estruturantes e basilares da existência de quem nasce com útero e é responsável pela continuidade familiar. Não deixo de caminhar furiosa tendo o patriarcado como companhia indesejada. Ele convive com todas as pessoas e é uma experiência que carregaremos no caminhar da vida. Porém, tenho a dança como parceira de outras éticas do viver em marcas de saltos, giros, rolamentos, pegadas, choros e risadas; a dança como chão duro, que pode ser doloroso, mas acolhe quando encontra alguma maciez na interação vincular presente, nos dando segurança para seguir os passos singulares que desejamos e acreditamos.

Por um tropeço, caí na graduação de Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Estudava as leis pela manhã e ensaiava e dançava em companhias de dança o restante do dia. O Direito quase me ganhou. Fui integrante do primeiro coletivo feminista da Faculdade Nacional de Direito, experiência que me forma até hoje. Passei pelas práticas de atendimento e defesa popular na Defensoria Pública durante e após o fim da graduação, onde vivi a experiência de atender presidiários internados em Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico da rede carcerária, mais conhecidos como Manicômios Judiciais, assim como na UPA do complexo de presídios de Bangu. Atuei também no Juizado de violência doméstica. Defendi homens

agressores e defendi e cuidei das mulheres vítimas. No Estado Democrático de Direito, todos têm direito à defesa e a Defensoria Pública é a garantia de que isso acontece na prática, mesmo que ocorra um conflito ético aos que realizam o serviço. Corpei muitas mulheres em estado de sofrimento durante os atendimentos às vítimas de violência doméstica, passando a tê-las presentes na anatomia que sou.

Em seus atendimentos, olhei nos olhos da nossa assustadora realidade. Eram variados exemplos, de jovens a idosas, mães solos ou não, mulheres casadas com seus agressores ou sendo suas parceiras de trabalho. Foi assustador ver de perto e em grande quantidade o quanto muitos homens nos consideram suas propriedades e o quão dilaceradas estavam aquelas mulheres agredidas psicofisicamente. Falo isso pensando em uma maioria[1], não querendo generalizar.

Retornei à dança com o desejo de unir a experiência vivida e corpada nos manicômios judiciais e no contexto da violência doméstica com o movimento lúdico da criação e da arte. As histórias de vida ouvidas e acompanhadas ali me formaram profundamente e eu queria contar essas vidas reais em ambientes menos cristalizados e formais que o judiciário. Por conta disso, iniciei a pós-graduação de Terapia através do Movimento - corpo e subjetivação - na Faculdade de Dança Angel Vianna, na qual me formei e onde experienciei com profundidade o poder terapêutico do movimento e as possibilidades de interfaces entre esses saberes e as criações de pesquisa e de cena em dança/performance. Uma dessas foi com o Movimento Autêntico, prática somática-relacional criada por Janet Adler[2] e trazida para o Brasil pela querida mestra Soraia Jorge. Um caldeirão corpado em mim. Foram anos de prática que levaram a desembocar nas marés dos ensinamentos de Stanley Keleman e sua Psicologia Formativa, com a qual aprendi mais uma forma de enxergar e caminhar pela vida.

Pratico a metodologia terapêutica de Stanley Keleman há tempos junto à Denise Passos[3], minha guia e terapeuta neste processo. Comecei a costurar as práticas terapêuticas realizadas em terapia pessoal aos treinos de improvisação em dança contemporânea, momento em que

[1] Benevides, Carolina. *"Para especialistas, mulheres ainda são vistas como propriedades".* Jornal O Globo. 2014. Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/para-especialistas-mulheres-ainda-sao-vistas-como-propriedades-12014705. Acesso em: 01 abr. de 2025.

[2] Janet Adler (1941-2023) foi terapeuta, nascida nos Estados Unidos da América, e criadora do Movimento Autêntico. Mais informações disponíveis em: https://janetadlerlight.com/janet. Acesso em: 18 set. de 2024.

[3] Denise Passos é terapeuta formativa, tendo estudado com Keleman, tanto nos Estados Unidos das Américas , quanto em suas vindas ao Brasil. Foi membro do Centro Internacional de Psicologia Formativa e hoje é fundadora do Diálogos Formativos - escola que une os estudos da Psicologia Formativa de Keleman com a neurociência e algumas interfaces artísticas.

percebi a influência das minhas emoções nos movimentos e a potência dessas experiências como balizas para criação do mover. Elas afetam a qualidade do gesto, a temporalidade das ações, o alcance, a espacialidade. Tudo é afetado. O exercício do improviso possibilita pensar e testar caminhos que ainda não estão dados, que estão no quase, e os saberes corpados por meio das práticas da Psicologia Formativa me auxiliam na formação dessas trilhas inseguras.

Com a percepção aguçada para a anatomia emocional tramada ao movimento improvisado, começo a construção de um caminho de criação, que denomino aqui como *caminho formativo*, no qual faço um contato inicial com o material que nutre o corpo da pesquisa e percebo silenciosa e minuciosamente a anatomia responder a ele. Nesta pesquisa, os materiais foram os diários em suas muitas maneiras de serem degustados (pelo sentido da visão, com leituras ou vídeos; pelo sentido da audição, com áudios gravados) e os depoimentos biográficos de outras mulheres. Para além deste encontro entre corpos (eu e os diários/depoimentos), o caminho formativo acolhe o estado emocional que se chega em sala de trabalho, trazendo este para dentro da construção dramatúrgica e gestual.

Estar na sala de ensaio hoje está sendo um desafio, o que não esperava que seria, mas estando aqui agora percebo o quanto a conversa com C. me afetou ontem. Sinto meu corpo um pouco esvaziado. Bem nesse momento em que estou pesquisando este tema, me aparece um rojão deste para segurar. Ser a única pessoa com quem C. pode contar é de uma responsabilidade e um peso imenso. Ele me disse que só eu sei. Ele está mal. Ela está mal. Eu já dei o contato da clínica, mas parece que ela está tomada pela emoção da gravidez e está confusa. Ontem eu segurei bem a emoção.

Hoje sinto o peso. Meu corpo está sem energia. Me sinto fraca para me mover. Os movimentos estão mais lentos, mais densos talvez. Percebo uma outra textura ao continuar pesquisando os gestos que venho descobrindo nesta semana. Hoje eles estão diferentes.

A conversa com C. sobre a gravidez indesejada, o relacionamento abusivo, a

> dúvida, o desespero e a alegria que vêm juntos e a possibilidade de uma interrupção me fez rebobinar a fita da minha vida e relembrar como me senti confusa à época da gravidez. Revivi essas sensações todas. Senti a tensão da apreensão, o agudo do desespero e a desorientação da dúvida, tudo no corpo. Isso me acompanhou hoje na pesquisa em sala de ensaio. É duro, viu. Vou ao movimento pelo chão. A movimentação e a pesquisa de interrupção nos gestos foram mais lentos e com menos engasgos e tônus. Meu tônus está mais fraco, menos explosivo. Diria que até mais macio. O emocional faz seus caminhos na estrutura dançada.[4]

Acompanhada por Denise, engravido e decido abortar. O aborto é uma experiência extrema, independente da forma como ocorre. O momento entre a ciência de uma gravidez indesejada, a decisão do aborto e a sua realização é um mar turbulento, com ondas imensas e fortes. Quando feito por vontade, radicaliza a experiência, uma vez que a escolha da trajetória da vida é somente sua, os riscos são somente seus, assim como o alívio, emoção que senti intensamente. As emoções são paradoxais e permanecem como uma nuvem que paira ao mesmo tempo que se move violentamente durante os tempos circulares da existência, ainda mais quando se vive em um país onde a prática de tal ato é ilegal e passível de prisão e onde o desejo de controlar a mulher se transfigura na criminalização do aborto, as condenando até quando a gravidez advém de uma situação de estupro. Em uma nação onde meninas de 13 anos, ou até mais jovens, são estupradas[5], engravidam e têm dificuldades de conseguir a liberação judicial para a realização do aborto de forma legal e segura, os abortos clandestinos são um destino compulsório à nossa autonomia e os seus efeitos subjetivos são casos urgentes de exposição, a fim de que se dissemine informações não tão óbvias e se contamine o debate também a partir dessas perspectivas. Soube desde a realização do aborto que iria querer compartilhar as tempestades emocionais que acompanham esta singular vivência feminina e é daí que parte a criação desta pesquisa.

---

[4] Fragmento de diário de bordo - 2024.

[5] Alcântara, Manoela e Rodrigues, Galtiery. *"Entenda caso da menina de 13 anos que tenta fazer aborto legal em GO". Metrópoles,* 30 jul. de 2024. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/entenda-caso-da-menina-de-13-anos-que-tenta-fazer-aborto-legal-em-go. Acesso em: 30 mar. de 2025.

A criminalização do aborto é uma forma de controlar a vida de mulheres e também de matá-las, principalmente aquelas mais afetadas pelas desigualdades. Isso não é segredo. Assim como também não o é o fato de que muitas pessoas realizam abortos, mesmo nos países onde sua prática é proibida, uma vez que nossas ancestrais o fazem desde sempre, tendo sido uma prática comum e aceita durante um bom tempo da humanidade. No mundo contemporâneo e globalizado, não é difícil encontrar uma clínica clandestina, conseguir os medicamentos necessários para a realização de um aborto ou encontrar informações para realizá-lo de forma caseira com chás, caules de mamonas, etc., nos países onde sua prática é proibida. Todas as pessoas conhecem alguém que interrompeu uma gravidez, mesmo que não tenha ciência disso. O aborto é uma prática comum, da mulher comum, como tanto afirma Débora Diniz[6], uma das pesquisadoras referências na defesa da legalização do aborto no Brasil. Diniz compartilha conosco:

> Há uma desinformação generalizada sobre "a mulher comum" que faz um "aborto comum". Na literatura brasileira em saúde pública, descrevemos o aborto como um fenômeno da vida reprodutiva *comum à mulher comum* (...). Isso acontece em todas as classes sociais, em todos os grupos raciais, com uma maior concentração entre as mais jovens e negras: neste grupo, uma em cada duas mulheres fará o primeiro aborto antes dos 20.
> (2024, p. 10)

No Brasil de 2024, o Congresso Nacional votou com urgência a colocação em pauta de um projeto de lei (PL 1904/24)[7] que propõe o aumento radical da pena para pessoas que pratiquem autoaborto ou para terceiros que o façam, mesmo em caso de estupro. O projeto propõe que todo aborto realizado a partir da 22ª semana seja ilegal e criminalizado, independente de sua razão. Esta bravata aconteceu durante essa pesquisa, no meio do processo criativo em sala. Meus olhos se arregalaram e uma eletricidade indignada e raivosa percorreu meu corpo. Perguntava-me: "nesta nação, estuprar é mais bem visto do que abortar?". Apesar do não prosseguimento da pauta desta proposta de lei, não levada à frente pelo Senado Federal devido à grande pressão civil e midiática, não esqueçamos que ela existiu e que o risco de seu retorno é iminente. Os misóginos estão ali, aguardando que a gente esmoreça na luta para nos atacar em seguida, na calada da noite.

---

[6] Débora Diniz é pesquisadora e uma das referências nacionais na defesa da legalização do aborto. Mais informações disponíveis em: https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do. Acesso em: 30 jan. de 2025.

[7] BRASIL. Câmara dos Deputados. Ficha de tramitação do Projeto de Lei nº 1904/24. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2434493. Acesso em: 01 abr. de 2025

Por todas essas razões, escolho realizar esta pesquisa, entendendo a importância de expormos e compartilharmos nossas experiências coletivas e criarmos poéticas com elas. Também, por todas elas e com intuito de proteger minha liberdade, decido por não informar datas da minha vida pessoal, para além do ano do meu nascimento.

Eu sempre verbalizei que faria um aborto em caso de uma gravidez não desejada. Como eu não tinha a convicção de querer ser mãe, isto não era algo que abalava o meu imaginário. Afirmo: abortei segura de que queria e deveria abortar e não tenho qualquer receio, dúvida, arrependimento ou qualquer outro sentimento dessa ordem quanto à minha escolha. A minha não convicção sobre a maternidade esbarrava em desejos pessoais e em questões sociais, pois a realidade das mães no mundo neoliberal e capitalista pode ser cruel em muitos casos, tornando-as, muitas vezes, mães sem amparo de rede de cuidado. Eu nunca quis arriscar passar por esta situação. Desejava e desejo viver muitas outras experiências, que não esta. Porém, ao me ver grávida, sentindo os efeitos sensoriais da gravidez e estando ao lado de alguém que afirmava o desejo de prosseguimento, a escolha se tornou algo muito mais difícil e complexo do que eu imaginava. Quando eu decidi por fazê-lo, foi porque já havia ponderado até o imponderável, como afirma Débora Diniz (2024, p. 12): “Ela pensou, ponderou, já conheceu outras mulheres e histórias”. A escolha do aborto, mesmo para quem afirma que o fará com facilidade, não é tão simples assim.

Na minha história de vida, resolvi escrever o capítulo da luta contra o tabu da fala sobre o aborto e, por conta dessa inquietação, compartilhei minha experiência com mulheres de fora do meu círculo íntimo. Descobri que muitas já tinham abortado e que haviam feito seus abortos sozinhas com medicamento, sofrendo as dores físicas agudas em silêncio compulsório, desacompanhadas de qualquer assistência médica ou afetiva. Outras que realizaram em casa acompanhadas de algum afeto e tiveram que ser socorridas e ir para o hospital devido à hemorragia, torcendo para não morrerem e nem serem denunciadas e presas em flagrante. A experiência de interrupção clandestina de gravidez constitui um corpo coletivo, para além de um corpo pessoal. Somos muitas e falar se faz imperativo.

A trajetória das pessoas, suas biografias e experiências subjetivas despertam o meu interesse desde a adolescência. Interesso-me por como cada pessoa vive, experiencia, constrói e conta sua trilha de vida. Falo, então, a partir da anatomia emocional que sou: mulher cis, brasileira, branca (com descendência europeia e de povos originários), nascida em 1989 na Ilha do Governador, Zona Norte do Rio de Janeiro, em uma família de classe média com poucos

vínculos e com forte desenraizamento de sua ancestralidade, com violências e também afetos carinhosos em plena e desgastante convivência, e onde o patriarcado operou com muita força; falo a partir da anatomia emocional que estou sendo, das escritas que fui e serei, e do meu aborto.

Esta pesquisa tem como recorte as mulheres cisgêneros, uma vez que todos os depoimentos colhidos foram de pessoas que assim se reconhecem. Opto por utilizar o termo "mulher" neste texto, pactuando com as pessoas leitoras que com ele estarei me referindo somente às mulheres cis, apesar de saber que pessoas com útero - homens transsexuais - podem engravidar e ter de vir a decidir por uma interrupção de gravidez. Porém, como não foram colhidos quaisquer depoimentos deles sobre a experiência de abortamento, eles saem do recorte da pesquisa, assim como as mulheres transsexuais.

Importante salientar que não pretendo falar por todas as mulheres e nem abarcar todas as experiências vividas no espectro do aborto. Isso seria impossível e um tanto prepotente. Falo a partir das experiências que vivi e das que escutei e corpei. Os conhecimentos sobre estatísticas e dados de organizações públicas também atravessam o corpo desta pesquisa. Assim, mergulho nas ondas das pesquisas de criação a contar de enlaces autobiográficos e de depoimentos que já me costuram, criando um caminho formativo de criação, que tem como chão o entendimento da perspectiva formativa sobre a vida e, consequentemente, o corpo.

Deixo para você decidir quando caminhará comigo pelo resultado desta pesquisa e criação cênica. Você pode mergulhar agora ou após a leitura ou, quem sabe, mergulhar durante a navegação nas ondas das palavras. A escolha é somente sua: https://youtu.be/B9quT1Q2QsQ.

O aborto é corpo e escrita em mim. O aborto é corpo coletivo.

UM PRIMEIRO OLHAR

Antes de adentrarmos ao tema, acredito ser importante a exposição de conceitos e verbetes que aparecerão no texto. Proponho esta escrita antecipatória, a fim de não comer a poesia discursiva com explicações minuciosas, que causariam pontos-vírgulas para além do desejado na fruição da leitura. Assim, peço licença e atenção das pessoas leitoras.

Mergulharemos nos mares dos estudos autobiográficos, da criação em dança e da Psicologia Formativa, na qual adentro apenas no que denomino *perspectiva formativa*, que é um ângulo pelo qual aprendi a entender a vida e a mim a partir do contato com esta prática terapêutica somática.

Primeiramente, cabe explicar o que é a Psicologia Formativa. Inicio com seu criador: Stanley Keleman[8] foi um homem nascido em Nova York e filho de imigrantes húngaros, que teve em sua trajetória a quiropraxia, a terapêutica corporal, a fenomenologia e os estudos da bioenergética[9], e que viveu a vida pesquisando o corpo, sua linguagem e suas respostas somáticas. Na junção de tantos estudos e pesquisas empíricas com seus clientes, Keleman criou uma psicoterapia somática vinculada à linguagem e à vida do corpo, partindo do entendimento sobre os ritmos de contração e expansão (sendo essas as duas fases da excitação), vinculadas às emoções. Em seus atendimentos, ele direcionava as pessoas a se escutarem começando da própria anatomia, dos seus ritmos internos, assim como lhes ensinava possibilidades de manejo de tônus muscular, a fim de alterar a própria experiência que se vive, criando novas circuitarias sinápticas, com o objetivo de que as reações fossem substituídas por ações conscientes. Como ele utiliza os micro movimentos das mãos em sua terapia, seria como pegar a própria vida nas mãos.

Portanto, a Psicologia Formativa é uma lente calcada na vida do corpo, enquanto um processo somático que forma constantemente a si em ininterrupto intercâmbio com o ambiente. Ao longo de mais de 40 anos de pesquisa e prática clínica sobre a vida do corpo e suas conexões com os aspectos da experiência humana, Keleman criou uma linguagem, uma

[8]Keleman foi um pesquisador do nosso tempo, falecido em 2018. Mais informações sobre a biografia de Stanley Keleman podem ser encontradas no site: ttps://psicologiaformativa.com.br/stanley-kaleman-e-a-piscologia-formativa/. Acesso em: 5 jan. de 2025.

[9] Alexandre Lowen foi o criador da Bioenergética, psicoterapia corporal somática. Mais informações sobre sua biografia podem ser encontradas no site Sociedade Brasileira de Análise Bioenergética, disponível em: https://www.analisebioenergetica.com.br/. Acesso em: 5 jan. de 2025.

teoria e uma metodologia terapêutica corporal, que une estreitamente a biologia e a psicologia como parte de um contínuo formativo do processo de formação humana[10].

Regina Favre[11], terapeuta, primeira precursora de Stanley Keleman no Brasil e tradutora de quase todos os seus livros para nossa língua nativa, nos explica o que chama de vida do corpo:

> [...] uma arquitetura tissular, geneticamente programada, finita, em permanente construção e desconstrução, pulsando segundo afetos, como tubos dentro de tubos, com suas câmaras e válvulas, sempre em busca de mais vida, inflando, esvaziando, adensando ou enrijecendo de acordo com seu grau de tolerância aos ritmos da excitação gerada pelas experiências de amor ou decepção, medo ou agressão, agonia ou prazer.
> (1992, p. 10).

Após quatro anos de estudos, tendo me tornado terapeuta formativa, entendo que, para além de uma metodologia terapêutica, uma linguagem e uma teoria sobre a experiência da vida do corpo, a Psicologia Formativa nos apresenta uma forma de habitar e enxergar a vida. Por isso, me enlaço não com a metodologia *ipsis literi* criada por Keleman, mas com o que absorvi desse conhecimento e entendo ser seu fundamento, sua base, que aqui chamo de *perspectiva formativa.* A metodologia de pesquisa que denomino como *caminho formativo* advém dessa perspectiva, com uma aplicação direcionada para a pesquisa cênica e de criação e corporeidade em dança.

O que seria esta forma de habitar a vida? Keleman nos fala sobre nossa anatomia emocional, ou seja, sobre a maneira que nossos tecidos corporais (musculares, faciais, nervosos, etc.) se alteram devido às emoções que experienciamos e como essa forma rege o jeito com o qual experienciamos e habitamos a vida, tanto no campo pessoal, quanto no campo das relações. Há uma atenção específica às sensações, às emoções e aos sentimentos que se experiencia a fim de entender como o corpo biológico é afetado pelas experiências e como ele responde a elas formando nossas atitudes a todo momento, nos formando bio-psico-fisicamente em um caminho contínuo.

A perspectiva formativa leva em consideração o pensamento do corpo, o que o corpo comunica sobre as experiências que vive e como ele se forma a partir de cada experiência vivida. É sobre abrir uma escuta generosa para uma linguagem que somos nós e que foi deixada

---

[10] Não adentrarei profundamente na explicação teórica ou prática da Psicologia Formativa nesta pesquisa. Para informações mais pormenorizadas sobre o estudo desenvolvido por Keleman, o site do Centro de Psicologia Formativa do Brasil tem boas referências. Disponível em: https://psicologiaformativa.com.br/ Acesso em: 10 out. de 2024.

[11] Criadora do Laboratório do Processo Formativo, primeiro laboratório de experienciação da Psicologia Formativa em trama com outras tecnologias somáticas.

culturalmente de escanteio, acredito que devido à dicotomia razão/emoção - corpo/mente. Independente de outras interpretações e crenças, habitamos esta vida na matéria-corpo, somos ele. Le Breton, antropólogo e sociólogo estudioso do corpo, afirma: “Antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (1992, p. 7). É, portanto, uma forma de habitar em que observo minuciosamente como experiencio os momentos da minha vida, com que pulso e ritmo me movo, e a qual levo em consideração o que sinto anatomicamente em cada momento, não dando atenção apenas a psicologização das atitudes.

Alguns conceitos são trazidos desde a Psicologia Formativa para cá e que fazem *jus* a uma apresentação:

- Corpar -

No site de Regina Favre encontrei uma definição específica sobre o corpar. Ela nos explica no texto chamado *Corpar: nosso verbo principal* (2014)[12]:

> Corpar, gerar corpo, é a ação que os corpos fazem continuamente.
>
> [...]
> Keleman inventa o uso do verbo corpar, to body, que podemos usar. Em inglês, um gerúndio vira facilmente substantivo. Bodying é o nome do ato de corpar. É um substantivo que é gerúndio, um acontecimento, um presente em andamento. O substantivo, numa língua latina, é algo eterno, de mármore, para durar para sempre.
> Gerúndios-substantivos expressam uma realidade continuamente se fazendo. Essa compreensão do substantivo-gerúndio só poderia ser gerada por uma língua nômade.
> (2014, sem paginação)

Favre nos chama a atenção para o substantivo-gerúndio, que é o tempo presente em andamento, que se faz e desfaz continuamente a cada instante, não voltando a ser, apenas sendo na passagem das experiências e compondo simultaneamente a si e com/no ambiente. Ao transformar o substantivo corpo em verbo *corpar,* possibilitando sua forma em gerúndio *corpando*, Favre nos apresenta um corpo-gerúndio, denominado desta forma por Luciana Gabanini, atriz-MC e pesquisadora, em seu livro *Corpo gerúndio - escritos de uma atriz-MC em uma poética do prejuízo* (2018).

> [...] um corpo-gerúndio que segue aprendendo e, fazendo e, compreendendo e, refletindo e assim, compartilhando.

[12] Favre, Regina. *Corpar nosso verbo principal.* Laboratório do Processo Formativo, 2014. Disponível em: https://laboratoriodoprocessoformativo.com/2014/02/corpar-nosso-verbo-principal/ Acesso em: 01 ago. de 2024.

> A principal característica do gerúndio é que ele indica uma ação contínua, que está, esteve ou estará em andamento, ou seja, um processo não finalizado.
> (2018, p. 151)

Também Helena Katz, pesquisadora e crítica de dança, mergulha na pesquisa do corpar dentro da Teoria Corpomídia, em coautoria com Christine Greiner, tendo encontrado com Favre e a Psicologia Formativa em sua caminhada. No seu texto: *Corpar- Porque corpo também é verbo* (2021), Katz menciona esse encontro teórico em 2021, apesar de já utilizar o verbete corpar em suas disciplinas na PUC-SP desde 2011: "[...] descobri que Regina Favre, em 15 de fevereiro de 2014, escreveu um pequeno texto chamado "Corpar: nosso verbo principal", atribuindo a invenção desse verbo a Stanley Keleman (1931-2018), fundador da Psicoterapia Formativa." (Katz, 2021, p. 2).

Assim, corpar é o verbo utilizado para defender que o corpo está sempre se fazendo, a partir da criação de vínculos relacionais e do contato com o ambiente, as emoções e os sentimentos.

Katz usa a água e o açúcar como exemplo:

> O açúcar que é colocado na água, por exemplo, pode ser tratado como informação, pois se diferencia da água e nela produz uma diferença (a água passa a ser doce). A diferença que é produzida passa a fazer parte da coleção/do corpo (o doce do açúcar passa a fazer parte da água, torna-se água, água doce).
> (2021, p. 9)

Esse exemplo ilustra bem o que corpar vem propor como olhar e percepção do que somos: seres que não estão prontos, mas sim em formação contínua e ininterrupta, se alterando a cada relacionar. Assim se vive e é por meio dos sentidos que percebemos e corpamos, seja pelo sentido da interocepção (como sentimos nosso estado interno) ou pelos sentidos que percebem e corpam os acontecimentos externos (auditivo, proprioceptivo, gustativo, vestibular, olfativo, visual, entre tantos outros a serem descobertos). Porém, muito do que acontece escapa à percepção, seja o movimento das trilhões de bactérias que acontecem em nosso corpo ou as frequências sonoras do ambiente, por exemplo, e mesmo assim somos formados por eles inconscientemente. A perspectiva formativa, assim como o caminho formativo de pesquisa em dança, vem enfatizar a atenção à percepção da anatomia emocional, a fim de que possamos ter cada vez mais consciência do que nos forma a cada momento e o que cada experiência causa de modulação na experiência-corpo que somos.

Neste trânsito simultâneo e ininterrupto entre o ambiente e o corpo, este corpa o que percebe, sendo “a percepção uma ação do corpo, e não o que acontece nele” (Katz, 2021, p.12).

- Co-corpar -

Favre (2014) continua seu texto nos apresentando este segundo conceito de Keleman:

> [...]
> e não é só corpar, é co-corpar, porque os corpos fazem junto, a si e a seus ambientes.
> [...]
> Os corpos não são mobílias no espaço. Tudo se faz no encontro dos corpos.
> [...]
> A gente é muitos.
> (2014, sem paginação)

Com base nos estudos metodológicos terapêuticos da Psicologia Formativa e trazendo o conceito para o campo da pesquisa em artes cênicas e dança, compreendo que co-corpar é a disponibilidade consciente da fusão transitória com o corpo do hoje em experiências passadas, em encontros consigo de outros tempos, assim como com o outro, por meio de um depoimento, uma música, um texto, ou qualquer artifício e arquivo que a pessoa se proponha a co-corpar. Fusão transitória não como algo de passagem, mas como algo que, a partir do contato já passa a ser o corpo, permanecendo e indo, transformando; o que era, já não é e, o que é, já não será. Co-corpar com algo gera um outro corpo, que gera outro e outro, mantendo o gerúndio do caminho.

Corpamos a todo o momento. Porém, o que nos importa aqui e na Psicologia Formativa é estimular a consciência deste co-corpar, a atenção que se deve dar ao que se sente anatomicamente ao co-corpar com alguém, o que isso inaugura e o que se perde no caminho, assim como o tempo, muitas vezes lentificado, dessa percepção.

O caminho formativo abre as portas da pesquisa corporal e cênica em dança para que ela seja embriagada do corpando que a performer-pesquisadora vive na experiência cotidiana, assim como com os co-corpares dos materiais que são trazidos à sala para friccionar este corpo e criar corporeidade a partir deles. Porém, como se trata de uma pesquisa cênica que é banhada do caminho formativo como metodologia, mas não como fim, há a necessidade de forjar o que foi criado com espontaneidade emocional anatômica, ou seja, de aprender a produzir artificialmente aquele co-corpar que originou a cena criada.

Finalizo este primeiro olhar falando sobre a expressão "*em formando"*, que virá complementar algumas palavras no caminhar do texto, como "*corpo em formando",* por exemplo. Essa expressão vem afirmar que o corpo está em formação contínua, que nós estamos em formação contínua, estando sempre *em formando*.

O emocional faz caminho
nas estruturas dançadas

ATRAVESSAMENTO I

AS ANATOMIAS DE SI

Pedra que vira pó.
Muito pó é poeira,
e voa pelos ares e mares.
O pó continua sendo pedra? A pedra também é pó? São rastros.[13]

Anda, deita, corre, estica. Gira a gira e levanta. Suga. Acena para quem gosta, para um pássaro, para quem não gosta, para o amor, para o explorador. Dança e dança, pisa forte e marca o ritmo nas mãos, bate palma e bate pé. Dobra. Se dobra. Desdobra. Manuseia a linha para colocar na agulha, a argila para virar cerâmica, a faca para cortar o legume; manuseia a vida. Abraça, sorri, chora, gargalha, come de babar e lamber os dedos. Costura as tramas da saia. Enlaça as tramas dos vínculos. Fala e esgota a saliva. Cala e se encolhe. Aperta. Bate forte no chão, pulsa forte o coração. Beija. Ocupa a rua, a casa, as escolas, a praia. Vive. Grita. Acaricia a mata, as vísceras. Faz xixi. Engravida e rompe. Interrompe. Nasce. (Re)nasce. Festeja. Escreve. Cria.

O nascimento pressupõe a ação da explosão. Rompe-se para o líquido escorrer e o corpo expelir o segundo coração que já não mais tem habitat seguro e fixo. É um rompimento material. Rompe-se a bolsa, escorre-se o líquido, rompe-se a vida anterior. Transmutação. (INTER) ROMPER. Inter é, etimologicamente, um sufixo em latim que significa “entre”. Qual o entre de um rompimento? E de uma interrupção?

Eu abortei um renascimento. Renasci uma parte de tesão em mim.[14]

[13] Fragmento de diário de bordo - 2024.
[14] Fragmento de diário pessoal escrito entre uma até duas semanas após a realização da interrupção da minha gravidez.

Cada experiência é um formando de si, que em fluxo contínuo segue inaugurando a trajetória da vida. Forma nossa subjetividade somática, nossa anatomia emocional e nosso caminhar no mundo. A busca do *entre* rodeia por toda a pesquisa. É uma tempestade emocional, um frio intenso na barriga, um aperto visceral, um grito silencioso entre as dúvidas e as certezas. São emoções que se colam na anatomia de si e constroem a forma, o tônus, o gesto.

Cada ação da vida cotidiana é corpo em movimento, ocupação de espaço e afetação do mundo ao redor, sendo formada pelo transbordar e pela regurgitação das vivências e gestos. Toda ação tem recheio; ela não é apenas a borda. Nosso corpo está sempre presente em vísceras e pele em cada experiência vivida e segue se formando e transformando nas interações. É sobre nossa anatomia emocional e a nossa internalidade composta de fluídos e pulsações. Neste momento da escrita, chamo de ação toda e qualquer atitude cotidiana de uma pessoa, desde tomar um simples café da manhã ou escolher dormir até mais tarde, ao discurso em um palanque político. Ação, neste caso, é força de afirmação de ocupação. Ou seja, ação é a alteração do estado de repouso ou de movimento uniforme que, pelo período que perdura, afirma algo, que, consequentemente, gera uma resposta e uma possível ação no ambiente.

A ação é o agente do gerúndio da vida. É uma ocupação que se relaciona com o espaço que habita, performada por cada pessoa de uma forma singular e pessoal. É um agenciamento nos espaços privado e coletivo. A experiência em corpando; as emoções e sentimentos formando vísceras, válvulas, pulsões, tecidos e criando ritmos em uma trama única, compondo sentido para as ações nos ambientes a que pertencemos e compomos. Cada ação conta uma história pessoal, ancestral e coletiva, ocupa espaço e importa.

Por esse mesmo caminho, seguiu esta pesquisa de construção cênica em dança. Cada ação tem diversas camadas de recheio, pensadas e repensadas, sentidas, observadas, criadas para comunicar algo. Na pesquisa cênica, iniciei a busca das ações a partir do caminho formativo, o qual tem como mote principal o encontro da performer-pesquisadora com os materiais externos que compõem a pesquisa e a erupção de suas emoções, que dão forma e gestos à anatomia de si. Após a pesquisa banhada das emoções emergidas deste encontro e criada a anatomia emocional do trabalho, adentrei no *como* forjá-la, uma vez que se trata de cena, que tem como pressuposto a necessidade de criação de artifícios para produzir a corporeidade desejada, repetidamente. Assim, é possível acessar a anatomia emocional do trabalho sem que esta seja uma emoção espontânea.

Comecei em sala de trabalho pelo contato com os meus diários e com algumas indicações concretas físicas como guia, iniciando o jogo com a matéria e seguindo para improvisos a partir da forma emocional que esta colaboração entre corpo vivo e objeto inanimado criava fisicamente. Na realidade, o objeto *diário* não tem muito de inanimado, apesar de ser um caderno com marcas feitas por uma tinta e que trazem uma linguagem codificada. Por ser linguagem, é viva mesmo enquanto arquivo. Os arquivos também são móveis a depender do olhar que se lança sobre eles.

Arquivos não morrem. Arquivos nos marcam e narram histórias. [15]

Durante a pesquisa, formas e gestos foram se repetindo nos improvisos. A ação da cena, então, começava a surgir com um recheio emocional ebulido pelo estado relacional com os objetos materiais e imateriais e, posteriormente, a partir de uma leitura externa, observada por mim por meio das gravações audiovisuais diárias e por Vanessa Macedo, artista-pesquisadora e coorientadora desta pesquisa. A perspectiva formativa me acompanhou em sala e meu intuito era entender se essa ferramenta, que permite um estado de consciência anatômico-emocional, seria um caminho possível para o surgimento de formas e gestos recheados das experiências contadas nos áudios, vídeos e escritas. Queria entender se o caminho formativo seria uma possibilidade para iniciar a criação de ações cênicas na linguagem da dança.

A anatomia emocional é composta pela razão, que por sua vez é preenchida de um bocado de emoção, não havendo separação, pois tudo se forma em consonância. Tem pensamento, enquanto se dança e ele também constrói cena, estado e ação.

Na sala de ensaio hoje senti vontade de ficar de cabeça para baixo durante o áudio que fala sobre a sensação de descoberta da minha gravidez. É um mundo que cai, é um embrião em um útero, que abriga um saco gestacional. Ele navega ali, mínimo. Segundo o google, o saco gestacional se forma entre 4 e 5 semanas de gravidez, mede de 2 a 3mm e fica no centro do útero. É um mundo de cabeça

[15] Fragmento de diário de bordo - 2024.

pra baixo, no qual o meu ventre era a parte mais importante para o meu corpo todo, como se ele tomasse o lugar da cabeça. Naquele momento quem gerencia o corpo é o ventre.

Tenho vontade de ficar no meio do espaço cênico, com uma luz fina, minúscula, como uma linha em 3mm, de cabeça para baixo. Não sei se é possível, mas me veio esta imagem e essa vontade corporal enquanto estava pesquisando. Eu fui para esta posição sozinha, sem ter consciência no momento, apenas entendo as razões depois.[16]

Imagens iam sendo construídas pelo caminho da anatomia emocional e, ao dar vazão ao pensamento do corpo, ações recheadas de sentido surgiam e invocavam a racionalização sobre a motivação cênica daquela ação.

1.1 Perspectiva Formativa

O corpo se gesta a todo tempo em um formando contínuo e ininterrupto no encontro com o ambiente e com os vínculos que faz com seus arredores, sendo sempre composto pela poética do prejuízo, que Luciana Gabanini (2018) nos apresenta em sua pesquisa sobre o teatro-performativo.

Entendo que a poética do prejuízo, utilizada por Gambini no contexto cênico, também pode ser atrelada ao que está em formando cotidianamente, uma vez que algo em nós sempre se esvai, nunca é igual ao momento anterior. A vida é uma poética da ação e do deixar de ser para ser algo outro, em prejuízo daquilo que se foi. Isto é a perspectiva formativa, uma forma de ver a vida por meio da corporificação em gerúndio das experiências vividas, com a consciência atenta ao que se forma de novo. Gambini (2008, p. 155) afirma: "[...] corpo-gerúndio terá também uma poética do prejuízo em eterna demonstração de perda pois, o tempo urge e este é o grande acontecimento". São ângulos diferentes e complementares sobre um mesmo acontecimento. O prejuízo de algo pressupõe o nascimento de um outro. Uma ação se vai e, simultaneamente,

[16] Fragmento de diário de bordo - nov. de 2024.

outra surge, não havendo fim, mas sim outros começos. Assim também são as artes da cena, conhecidas por sua efemeridade. Mesmo aquelas com uma dramaturgia mais definida passam por alterações diárias de tempo, espaço, qualidades de movimento, a depender das emoções dos performers que a compõem, do vínculo criado com a plateia, da constituição da cena com o ambiente, etc.

Como trazer esta perspectiva formativa para a sala de pesquisa? Como a poética do prejuízo atrelada à perspectiva formativa se dá na pesquisa corporal cênica em dança sem, necessariamente, ser o mote principal do trabalho cênico, mas sim da pesquisa? Como se prossegue na pesquisa corporal para uma criação cênica sendo cada dia um corpo distinto do dia anterior e sendo essa mudança bem vinda ao trabalho? O que muda?

Choro ao tornar-me pó com alegria de não mais ser pedra. Apaixono-me pela vida nos ares. Mergulho ao mar como areia e me surpreendo ao ver tartarugas. Aperta-me o peito as saudades da estabilidade rochosa, enquanto, com frio na barriga de temor e excitação, velejo sob as nuvens até as asas de um pássaro que migra em bando.

As linhas vermelhas dentro de mim circulam,
circulam, circulam,
emaranham e tramam, formando raízes firmes e fluidas.[17]

A perspectiva formativa gestada pelos conhecimentos de Stanley Keleman é banhada pelo viés evolucionista de um corpo sempre formando a si em relação com os ecossistemas - ambientais, sociais, políticos - que habita. Nada que passa, se esvai. Tudo faz corpo. A teoria evolucionista encontra seu cerne nas ideias de Charles Darwin, cientista e criador da teoria evolucionista,[18] sobre a evolução das espécies. Somos um processo biológico em andamento. Para Keleman (1994), somos um processo biológico complexo, um processo vivo. Essa forma de observação inclui a possibilidade de lidarmos com o "binômio dentro/fora como

[17] Fragmento de diário de bordo - 2023.
[18] Mais informações disponíveis em: https://www.ebiografia.com/charles_darwin/. Acesso em: 05 abr. de 2025.

complementaridade aberta e não como exterioridade mútua - que faz toda a diferença para se entender que não existe um corpo pronto" (Katz, 2006, p. 16), mas sim um corpo continuamente mutável conforme as experiências que vive.

A perspectiva formativa, portanto, é uma forma de observar, compreender, sentir, habitar e estudar a vida, como tantas outras, tendo seu fundamento basilar no conhecimento e aguçamento da escuta para a percepção das emoções e suas afetações corporais, seus pulsos e impulsos, sua excitabilidade (contração e expansão), assim como suas respostas e atitudes padronizadas. Já o caminho formativo como metodologia de pesquisa e construção cênica foca no mencionado *aguçamento da escuta e percepção das emoções e suas afetações corporais* com a observação voltada para as formas que são criadas de dentro para fora, ou seja, partindo da anatomia emocional. Foi interessante perceber, durante a pesquisa e criação, que muitas propostas se transformavam devido ao convite de que a anatomia emocional ocupasse a sala como uma das principais convidadas. O envolvimento das emoções, falando em primeira pessoa no momento da pesquisa corporal, produzia a cada dia possibilidades diferentes de tônus e gestualidades. O co-corpar com a Monique dos diários era cada dia um, entretanto algo permanecia, gestos reapareciam, apesar do tônus ou velocidade que se modificavam.

Todo esse universo acontece e se modifica a cada instante. A perspectiva formativa apresenta a sabedoria da escuta atenta à anatomia emocional em formando que se é a partir de suas respostas estruturais e em ações, de acordo com as emoções que experienciamos. A experiência emocional é basilar nesse processo.

Um dos desafios dessa pesquisa foi trazer as emoções diárias para dentro da sala de trabalho, ao invés da tentativa de deixá-las do lado de fora. Muitas vezes, trabalhos cênicos tem uma atmosfera específica, pré-pensadas por quem está coreografando ou dirigindo o projeto. Já participei de processos nos quais se intencionava não fomentar a criação de intimidade entre os performers, devido ao conteúdo relacional do projeto e a que tipo de atmosfera cênica se desejava construir, por exemplo. Isso é o oposto do que escolhi pesquisar. Todo dia em que estava em sala, pesquisava com a anatomia emocional do meu dia, o que não quer dizer que a presença era cotidiana. Entrava-se em sala com a energia e a atenção direcionada ao trabalho, o corpo cotidiano não estava ali, mas as emoções que me preencheram no dia sim, o que gerava muitas vezes tônus musculares diferentes. Senti que isso era o que mais se alterava e foi uma das primeiras modulações que percebi: o tônus e também a velocidade dos gestos. Algumas vezes, os gestos que emergiam durante a improvisação quando em contato com os diários eram

muito similares, mas a energia, a velocidade, a expansividade mudava e a pesquisa acolhia essa relação direta entre emoção e criação. O interessante é que acontecia uma mistura entre uma emoção contemporânea e cotidiana com uma emoção forjada, apesar de real. Chamo de forjada porque ela se dava a partir de uma pesquisa de proposição cênica e isto, por si só, já pressupõe algum grau de artificialismo.

> Hoje cheguei na sala com raiva, com tristeza. Os movimentos eram explosivos, diretos, com mais espasmos. Não consegui trabalhar com a lentidão. Ela me fazia querer chorar. Então, improvisei e depois entrei na pesquisa de gestos do trabalho, deixando a raiva e a pulsação forte virem. Sinto que esta emoção deixa meu corpo menos articulado, menos lubrificado e, ao mesmo tempo, dá força e impacto ao movimento.[19]

> Com as mãos manuseio e modulo a argamassa da vida do corpo, a argamassa da vida da experiência-mundo[20]

Nós somos corpo. Sem corpo, não há gesto, não há linguagem, não há pensamento, não há existência. Para Keleman (1975), somos "um certo corpo", formando a si a todo instante. Não "um", no sentido de unicidade, que fecha o círculo de formação, mas, sim, "um" em cada instante contínuo de formação, que já não é mais aquele, sendo constantemente formativo a cada experiência. Somos onda em pé, não há terra firme, há marés. Tempestuosas ondas e calmas ondulações. É sempre um improviso formativo.

> Hoje é dia 03 de outubro de 2024 e vivi uma experiência que achei interessante de observar em vídeo. Em algum momento da experimentação da proposta de pesquisa de gestos interrompidos ou da descoberta do que seria um corpo em interrupção, trazendo fluxo contínuo e descobrindo o que eram essas

[19] Fragmento de diário de bordo - 2024
[20] Fragmento de diário de bordo - 2023

> interrupções, assim como compreendendo quais gestos se repetiam e firmavam na pesquisa corporal, comecei a chorar. Do nada. Choro do nada. Eu não entendo muito bem de onde esse choro vem e, antes de decidir parar, permaneço me movendo por mais alguns instantes. Não consegui sustentar muito tempo, pois a emoção me arrebatou e precisei vir escrever. Mas enquanto dançava, senti um frio no corpo, todas as células dele ativas, senti um aterramento. Senti também que o gesto havia mudado. O mais interessante foi ver no vídeo logo após escrever um pouco. A qualidade do movimento muda, pois o tônus muscular muda. Ele ganha densidade, menos urgência, uma continuidade diferente da anterior.[21]

A escrita atenta e descritiva feita a partir da escuta apurada das percepções emocionais na estrutura anatômica é o que chamo de anatomias de si e que se inscrevem nas escritas dos meus diários, trazendo imagens de experiências anatômicas que vivi durante o processo de descoberta, decisão, interrupção da gravidez e continuação do projeto escolhido por mim para a minha vida. Também as tenho em minha memória. Ao ler determinados fragmentos dos diários, me transporto imediatamente para a sensação corporal que estava tendo naquele momento. É no espaço organísmico que a experiência acontece (Keleman, 1979).

> Eu permaneço com a possibilidade de acessar esse tônus mesmo meses depois. A experiência consciente e atenta me possibilita sentir hoje a sensação que senti naquele dia em sala de ensaio.[22]

Durante todo o processo do abortamento, desde a descoberta da gravidez até a decisão e execução da interrupção, estive acompanhada da Psicologia Formativa, sentindo-me perto das vísceras e emoções por este canal da prática somático-terapêutica, observando, sentindo e sendo as contrações e expansões advindas dessa experiência que me forma.

[21] Fragmento de diário de bordo - out. de 2024.
[22] Fragmento de diário de bordo - jan. de 2025.

Sinto meu assoalho pélvico solto. Não sei o que é isso. Será que é por conta da aspiração? Será que a aspiração desse tecido conjuntivo foi a mais do que deveria? Será que minha saúde está intacta? Que bosta é não poder tranquilamente conversar com uma médica ou um médico sobre a interrupção da minha gravidez para que eu possa ser devidamente examinada.

(...)

Meu corpo se dobrou hoje na sessão de terapia. Conforme eu ia modulando meu tônus muscular para entender como estou vivendo visceralmente a experiência do aborto e da expulsão do J. de casa, eu ia me fechando, minha forma corporal ia se contraindo de forma sutil, com um tônus muito leve. Eu fui virando em direção às minhas vísceras. Fui dobrando, dobrando, dobrando. Foi muito forte. Senti toda a minha rigidez muscular e interna ir se esvaindo. Eu não parava de chorar. Não choro por qualquer tristeza ou arrependimento. Não passa por aí. Eu me sinto aliviada e contente em ter interrompido esta gravidez. Agora eu estaria sendo aquela mulher que eu nunca quis ser, uma mãe sozinha. Só sei que a emoção que me tomou foi muito forte.[23]

A perspectiva formativa reconhece três corpos componentes de um corpo, advindos da Psicologia Formativa: o corpo ancestral, o corpo pessoal e o corpo social. O corpo ancestral são as estruturas fisiológicas, bioquímicas, anatômicas, herdadas geneticamente, que constroem nossa pulsação, nossa motilidade e a qualidade de nossos tecidos corporais. A linhagem ancestral de cada pessoa a habita, a forma, e a é. O corpo pessoal é como essa estrutura ancestral se desenvolve com as experiências desse corpo em formando no caminhar da experiência da vida e do crescimento no tempo do agora. É sobre a costura que vai se fazendo entre a maturação da vida interna e as experiências corpadas. Já o corpo social é como criamos os vínculos com o ambiente e como os corpos habitam em coletivo.

[23] Fragmento de diário pessoal após a interrupção da gravidez.

Minha experiência de interrupção de gravidez perpassa estas três trilhas, que estão diretamente imbricadas na pesquisa cênica: 1. o corpo coletivo do aborto, que é um corpo social velado composto por milhões de mulheres, que não podem escolher seus destinos de forma livre e segura (nos casos de clandestinidade); 2. o corpo pessoal, uma vez que vivi a experiência de escolher interromper minha gravidez e o fiz neste país; 3. o corpo ancestral - minha avó:

Ligo-me à experiência de minha avó, que praticou um aborto clandestino e ilegal acompanhada da tia de minha mãe, quando esta tinha apenas 11 anos. Minha mãe comenta da lembrança de ver minha avó chegando em casa, uma toalha sendo estendida na cama, ela deitando em cima da toalha e ficando em posição fetal, encolhida. Seu aborto foi vinculado a um amor que não pode ser concretizado, em razão de uma sociedade preconceituosa. Soube deste capítulo de sua vida pela minha mãe quando eu tinha por volta de uns 20 anos. Ela me conta que só quando adulta entendeu o que tinha sido aquela cena e as suas causas. Após saber esta informação, muitas ações da minha avó no mundo se esclareceram para mim. Ela nunca me contou sobre e eu nunca tive coragem de perguntar enquanto ela ainda estava viva. Um tabu familiar. Hoje talvez eu perguntasse.

Faço isso em sonhos e me questiono muito sobre a existência que minha avó teve e o que a interrupção dessa gravidez significou quanto aos seus caminhos de vida. Ela poderia ter morrido quando da feitura deste aborto clandestino e inseguro. Teria deixado três filhos pequenos com um pai que trabalhava o dia inteiro como garçom para colocar comida na mesa de casa. Ou talvez tivesse se separado do meu avô, vivido uma separaçã numa época onde mulheres separadas sofriam imenso preconceito e em um momento que ela quase não tinha escolaridade. Talvez o cara que a engravidou tivesse permanecido com ela, minha mãe e meus tios. Talvez não. Talvez ela ficasse sozinha com três filhos nascidos,

> um na barriga e uma separação na praça. Talvez ela tivesse sido denunciada e presa, deixando três filhos pequenos para serem criados pelo pai ou sabe-se lá por quem. Talvez eu nem estivesse aqui para escrever tudo isso. O rapaz que a engravidou era negro e o meu avô era português, não teria como disfarçar. Ela era apaixonada por aquele. Por fim, ela optou por arriscar a vida e retirar o embrião que estava se formando em suas vísceras. Era o menos inseguro para ela e isso diz muito sobre o mundo que as mulheres habitam[24].

A experiência de escolher por um abortamento clandestino e solitário fez corpo, emoção e cognição em minha avó, construindo sua subjetividade somática. Isto porque, corpo faz cognição, que faz ação, assim como emoção faz anatomia, pensamento e raciocínio. Constrói-se a subjetividade somática pessoal a partir deste caminhar. Somos social e sistemicamente forjados a compreender a nossa subjetividade apartada do corpo, como se essa tivesse asas e ficasse a voar em cima de nossas cabeças, forjados a imaginar que vivemos uma vida apenas do pensamento e da racionalidade, transportando nossa atenção fortemente para a intelectualidade e às demandas sociais externas, sem que elas, teoricamente, em nada se relacionem com o movimento e os afetos. Essa falsa dicotomia fabrica em nós uma separação que nos constitui, sendo necessário um exercício diário para a mudança desse olhar.

Na sala de ensaio, percebi que quando a anatomia emocional estava imbricada nas nuances da construção corporal, surgia uma determinada qualidade de presença. Apesar de uma base dramatúrgica inicialmente construída pela imaginação e pelos sonhos, aquelas formas corporais imaginadas eram outras e se davam com outro tônus e fluidez quando colocadas em prática. Para além, a expressão da anatomia emocional em contato com os arquivos pesquisados fazia emergir outras formas e movimentos, outras propostas dramatúrgicas que foram pensadas e direcionadas completamente pela inteligência do corpo.

Toda e qualquer experiência que se vive afeta todos os campos de atuação da nossa vida pessoal e coletiva. A experiência da escolha e da realização de um aborto constitui um corpo. A experiência da escolha e da realização de um aborto de forma clandestina, devido à ilegalidade do ato, também constitui um corpo. Há um antes e um depois e também há um entre. Uma

[24] Fragmento de diário pessoal/de bordo - 2024.

tempestade emocional no entre. É uma linha constituída por um emaranhado de menores linhas que traçam caminhos entre possibilidades e riscos.

Keleman afirma:

> Momentos decisivos são jornadas emocionais. São intumescimentos da vida. São interseções e intensificações de novos encontros, novas imagens, novos impulsos, catalisando, urdindo riquezas, carregando a atmosfera. São as raízes de novas direções e da autoformação. São os formadores de nossos corpos.
> (1994, p. 28)

A escolha de realizar uma pesquisa cênica com depoimentos meus e de outras mulheres também é uma escolha de mergulho, afetação, ação (força de afirmação e ocupação). Questiono-me sobre a experiência emocional que a clandestinidade, junto com a ilegalidade, impõe às mulheres que decidem pelo caminho do abortamento e são obrigadas a fazerem de forma clandestina, e que corpo em formando acontece neste momento.

Sigo a caminho de outro Estado. Enquanto sigo, quero invaginar-me e me esconder para evitar qualquer reconhecimento. Não quero falar e nem ser simpática. Quero silenciar e seguir meu caminho, como uma cobra que segue silenciosa pelas trilhas das florestas e das pedras. Não dou sorte, infelizmente. Encontro alguém conhecido em um posto de beira de estrada. Um conhecido profissional, o que é pior. Eu não queria falar com ninguém. Estava indo lá resolver. Eu tento me esconder, porém não consigo. Não consigo nem me esconder ao ponto de não ser vista e nem ser radiante como gostaria de ser. Me sinto mal. Fico puta. Sigo desconfiada e com medo por todo o fim de semana. Tive uma enxaqueca tenebrosa, como eu nunca tinha tido na minha vida, no dia que eu fui realizar o aborto. Minha cabeça latejava. Era como se meu corpo, mesmo eu não tendo dado nenhum indício para ele.. medicamentoso ou qualquer que fosse, soubesse. E não é como se ele soubesse. De fato, eu sabia que eu ia realizar o aborto. Ele sou eu, eu sou ele. Sou corpo. Isso mexia com todas as minhas vísceras e com tudo que o corpo estava completamente focado para fazer, que

é uma gestação. A minha intenção e pensamento foi capaz de me gerar uma enxaqueca. Isso é fantástico.[25]

Esse fragmento de diário foi escrito um dia após a interrupção da minha gravidez. Ele explicita com clareza o que a clandestinidade, seja pela ilegalidade ou pelo tabu moral social, provocou na minha experiência anatômica-emocional. A caminhada com as costas curvadas era para tornar-me invisível e eu nunca mais tive enxaqueca. Aquele dia foi o único dia da minha vida que tive uma enxaqueca grave, no qual senti meus olhos doerem e toda a minha cabeça latejar. Eu só conseguia ficar em posição fetal, andava encurvada, não queria ser reconhecida. Era a forma física daquela experiência emocional que é vinculada à ilegalidade e à clandestinidade. Apesar disso, após a finalização do procedimento cirúrgico, minha sensação era de leveza e alívio. Um alívio paradoxalmente misturado com receio, mas alívio. De fato, estudos científicos têm mostrado que o principal sentimento vivido pelas mulheres após um aborto é o de alívio[26]. Esta experiência também corpa uma coletividade imensa de mulheres que, assim como eu, abortaram, abortam e abortarão clandestinamente, por variadas razões. O aborto clandestino é uma experiência coletiva que habita a sociedade e, coletivamente, cada uma vive e experiencia em sua própria forma. Cada uma corpa e conta a própria história, que, somadas criam mar em dia de maré cheia, uma imensidão.

Ouvir os relatos, expor meus diários íntimos e levá-los ao mundo em forma de trabalho cênico é a minha tentativa de abrir mais um canal de ação para a luta pela legalização do aborto. É uma forma de ocupação. É uma ação contra o silenciamento das histórias pessoais e subjetivas sobre a interrupção da gravidez clandestina. É uma contribuição para o deslocamento de nossas histórias dos espaços privados para ocupar os espaços públicos. É um ato de ação no mundo vinculado à perspectiva formativa.

É essencial contarmos a nossa própria história e tomá-la nas mãos, vísceras e olhos. Gloria Anzaldúa, escritora norte-americana, nos diz:

> Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para

[25] Fragmento de diário pessoal escrito um dia após a interrupção da gravidez sobre o que havia ocorrido um dia antes do aborto.

[26] Foster, Diana Greene. *Gravidez Indesejada - The Turnaway Study - o mais extenso estudo americano sobre as consequências.* 1ª Edição. Editora Sextante, 2024.

> poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.
> (2000, p. 232)

Danço e escrevo esta experiência, agora pesquisa-cena, inspirada nessas palavras de Anzaldúa. Faço defesa às emoções e às revoltas, assumindo um embate à maquinização do corpo e à objetivação da vida e das experiências, principalmente de nós mulheres. Levanto a bandeira de que as artes cênicas, mesmo em tempos de radical virtualidade e arquivamento massivo, possuem a efemeridade da vida e são uma estratégia humana de comunicar e lutar de forma lúdica.

1.2 Corpo: um campo de embate e afirmação - uma disputa de narrativas

Por que a interrupção de gravidez é um assunto tão difícil socialmente?

A sociedade contemporânea capitalista neoliberal tem como uma das bases de sua construção o controle de corpos e de subjetividades, que opera a partir de estratégias de controle do viver, culminando na tentativa de padronização estética e ética de grupos sociais. Rejeita-se há muito a sabedoria das experiências e dos afetos, em prol da valorização da produção, do consumo e da razão dos grupos dominantes. Rejeita-se as emoções e enrijece-se o pensamento e as relações. Tudo o que é vivo é efêmero, mas ao que tudo indica esta é uma essencialidade da vida que se deseja exilar em favor de estimular a sensação falaciosa de controle absoluto sobre a caminhada. Rejeita-se a diferenciação, o improviso e pasteuriza-se a presença. Rejeita-se o corpo como vida e o colocam como máquina. Rejeita-se a experiência corporificada do existir, pela ilusão da imagem do que se deve ser. Isso tudo forma corpo, um certo corpo, tanto na esfera social-coletiva, quanto na pessoal.

Esta é uma das motivações da dificuldade de se debater com empatia o tema do abortamento no âmbito social. O entendimento do corpo como máquina e a rejeição da importância das afetações emocionais entopem o discernimento do coletivo, culminando em uma negação de escuta sensível às experiências reais de uma imensidão de mulheres que,

anualmente, abortam. Nem todas por escolha, como eu. Muitas mulheres recorrem ao aborto por uma questão grave de anomalia do feto, que por vezes é descoberta nos últimos meses de gestação, por exemplo. No Brasil, parte dessas mulheres recorrem à clandestinidade para conseguir não dar continuidade a uma gestação sem chances de sobrevivência do bebê. Se essas mulheres, muitas vezes, não são dignas de empatia e solidariedade dos seus pares, quem dirá nós, mulheres que escolhem abortar por não desejarem o dito destino da maternidade naquele momento, assim como por entenderem que quem tem o poder sobre suas vidas e trajetórias são elas; nós.

René Descartes (1596-1650), um dos filósofos mais conhecidos pela humanidade e que dá nome à filosofia cartesiana, tem grande influência no modo como pensamos e vivemos em coletivo. Uma das heranças deixadas por seu pensamento é a separação do corpo e da mente, sendo aquele desvalorizado e rejeitado em prol da supervalorização dessa. No livro *O erro de Descartes* (1994), Antônio Damásio cita este fragmento do livro *O Discurso do Método* (1637) de Descartes:

> [...] e reparando que esta verdade, "*Penso, logo existo*", era tão certa e tão segura que nem sequer as suposições mais extravagantes dos céticos a conseguiam abalar, cheguei à conclusão de que a receberia sem hesitação alguma como o primeiro princípio da filosofia que procurava.
> [...]
> Por isso eu soube que era uma substância cuja essência integral é pensar, que não havia necessidade de um lugar para a existência dessa substância e que ela não depende de algo material; então, **esse "eu", quer dizer, a alma por meio da qual sou o que sou, distingue-se completamente do corpo e é ainda mais fácil de conhecer do que esse último; e, ainda que não houvesse corpo, a alma não deixaria de ser o que é.** (grifo meu)
> (Descartes *apud* Damásio, 1994, p. 219)

Já Damásio afirma:

> É este o erro de Descartes: A separação abissal entre o corpo e a mente, entre a substância corporal, infinitamente divisível, com volume, com dimensões e com um funcionamento mecânico, de um lado, e a substância mental, indivisível, sem volume, sem dimensões e intangível, de outro;
> (1994, p. 219)

Klauss Vianna (1928-1992), bailarino e coreógrafo, em seu livro *A Dança* (2008), nos traz seu olhar de artista:

> [...] Acostumados a introjetar a ordem à nossa volta, habituamo-nos a não olhar, não ouvir, não sentir intensamente e desprezar a importância dos fatos e acontecimentos menores, quase imperceptíveis - embora fundamentais. Quando trabalhamos o corpo é que percebemos melhor esses pequenos espaços internos, que passam a se manifestar por

> meio da dilatação. Só então esses espaços respiram. [...] Portanto, subtrair os espaços corporais é o mesmo que impedir a respiração, bloqueando o ritmo livre e natural dos movimentos.
> (2008, p. 70-71)

Quando Klauss fala sobre a "subtração dos espaços corporais" identifico como sendo uma das consequências diretas do recorte da filosofia cartesiana em que estamos entrando aqui. O chamado desenvolvimento social foi limitando o envolvimento das pessoas consigo para que seu foco fosse desviado aos afazeres externos e às necessidades básicas de funcionamento do organismo que são, agindo como se colocasse uma gasolina no carro. Porém, nós não somos uma máquina, repito. Subtrair os espaços corporais, a percepção de escuta para si é radicalmente violento e cria rupturas graves na formação do ser e, por consequência, na sociedade. Abrir, multiplicar, somar os espaços corporais é urgente. O corpo se faz hoje um campo de embate e afirmação. Embate por ser o principal artifício de afetação do ambiente. O corpo, seus pesos, sua forma, sua experiência e sua expressão ocupam espaço. O corpo em ação forma mundos, produzindo ambientes que seguem se (trans)formando, em uma retroalimentação de formação contínua corpo-ambiente-vínculo-corpo-ambiente-vínculo-(...). A vida, assim como as artes cênicas, é formada por essa afetação.

Ele é *campo de embate* por ser desejado o seu controle. A ilegalidade e a criminalização do abortamento nada mais são do que o desejo da afirmação de que o Estado comanda e domina os corpos das mulheres, assim como seus destinos e experiências. Ele deseja dominar as escolhas de seus planejamentos de vida, assim como a sua vida sexual e reprodutiva. Ele tenta; nós lutamos; ele não consegue; nós sobrevivemos, vivemos, gritamos, criamos e dançamos. Campo de *afirmação* por ser a possibilidade de enunciar outras narrativas do existir, defendendo a formação de subjetividades transmutantes e a existência de outras possibilidades de atitudes e de convivências, assim como de experiências. Firmam-se, assim, outras políticas. Com o corpo é possível sustentar outros modos, lógicas e éticas de existência, indo de encontro com a ordem hegemônica assentada. É com ele que dançamos, escrevemos e contamos nossas histórias para que sejam ouvidas, comidas, mastigadas e regurgitadas, e para que ocupem espaço no coletivo e o formem.

O *eu* formando com consciência ativa nos pensamentos do corpo e em troca constante com o ambiente, faz emergir à superfície uma lente com outra perspectiva sobre a existência. Abrindo assim um campo de debate sobre o que está aparentemente determinado, sobre as suposições do porquê está posto de determinada forma, sobre como esse ambiente neoliberal

contamina a existência e forma corpos, sobre como as violências perpetradas pelo sistema compulsoriamente afetam e formam a experiência da existência, assim como sobre estratégias possíveis de formar outros corpos e relações sociais.

Desde o abortamento, eu quis continuar gestando nas vísceras, mas não no útero. Repetia para mim que aquela gravidez indesejada seguida de um aborto escolhido vinha para me dar coragem e para ser nutriente de movimento e de criação. Algo novo viria desse ato, a forma anatômica-emocional já era outra após a experiência. Pouquíssimos dias depois, eu estava desenhando e elucubrando em imagens uma performance para aquela situação junto ao rapaz de quem engravidei. Ele era ator e eu dançarina. A performance iria se chamar *Um dia por minuto*, o que representava as semanas que passei enfurnada em um quarto pequeno, vivendo um dos momentos mais caóticos, angustiantes, fortes e importantes da minha vida. Cada minuto parecia uma eternidade. O tempo era um redemoinho espiralado.

> É como se o trabalho fosse a cria que nasce do meu ventre tantos anos após a gravidez. Às vezes, uma gestação precisa de mais tempo do que 9 meses para estourar a bolsa, dar um suspiro de desespero e alívio e viver a primeira experiência de paradoxo e sobrevivência de tantas que virão. O pulmão da minha cria abre hoje e ela chora de dor e excitação com a novidade que está por vir ao olhar que tem toda uma vida pela frente.[27]

Como o relacionamento acabou de forma violenta, o projeto também se findou. Porém, me mantive grávida do tema. Acho que foi ali que esta pesquisa começou a ser gestada. *Um dia por minuto* nunca foi concretizado, não ganhou corpo. Quase nada daquilo ficou, restando apenas o ambiente caseiro como rastro. Esse permanece, mas de uma outra forma. Ali era um caminho formativo de duas pessoas; aqui é um caminho formativo de muitas presenças, a minha junto com a fantasmática de milhares de mulheres que compartilham da mesma vivência que eu, as vivas e as que já não estão aqui. Uma pesquisa cênica em dança acompanhada de arquivos da vida real possibilita a poetização de experiências duras e limítrofes; dos escombros nasce o lúdico.

[27] Fragmento de diário de bordo - 2024.

1.2.1 um pra lá e dois para cá

Rebobino um pouco na história para nos contextualizar sobre uma das causas da dominação do corpo da mulher. São muitas as possíveis razões e muitas as perspectivas que estudam e contam essa história. Aqui ficaremos com um ponto de vista de um pequeno, mas significativo, fragmento. Para tanto, dialogo com Silvia Federici, uma filósofa contemporânea e feminista italiana, que tem uma profunda pesquisa sobre os papéis da mulher na sociedade e suas transformações com o passar do tempo, a partir de uma perspectiva do poder sobre o domínio do corpo das mulheres, perpassando em seus estudos pela caça às bruxas, o trabalho doméstico, o aborto, entre outros. Federici analisa as relações entre o trabalho assalariado, o trabalho reprodutivo e o capitalismo para nos contar como o domínio sobre o corpo da mulher é uma das principais estratégias do sistema capitalista.

O século XVII é tramado por, além de tantos outros, dois movimentos significativos para o desenvolvimento do sistema hegemônico neoliberal contemporâneo, que veio a formar o que, predominantemente, entende-se como corpo: a publicação do livro *Discurso do Método* (1637) de Descartes e a revolução burguesa da Inglaterra, com a qual se inaugurou a segunda fase do capitalismo, conhecida como capitalismo industrial.

Como já vimos, em *Discurso do Método* (1637), Descartes inaugura sua filosofia sobre o corpo-máquina, construindo uma visão utilitarista do corpo, definindo-o como uma “coleção de membros” e desprovendo-o de qualquer importância a não ser servir ao que a alma deseja. A alma estaria imprimida na cognição, fora da materialidade corporal, sendo, muitas vezes, atrapalhada por essa. No seu outro livro, *Tratado do Homem* (1662), “(...) Descartes insiste que “esta máquina” (como ele chama o corpo de maneira persistente no *Tratado do Homem*) é apenas um autômato robô e que sua morte não deve ser mais lamentada do que a quebra de uma ferramenta” (Federici, 2017, p. 252). O corpo é, então, destituído de sua sabedoria:

> Desta maneira, o corpo cartesiano não apenas se empobrece e perde toda a virtude mágica; na grande divisão ontológica que institui Descartes entre a essência da humanidade e suas condições acidentais, o corpo está divorciado da pessoa, está literalmente desumanizado. "Não sou este corpo", insiste Descartes [...].
> (Federici, 2017, p. 254)

No século XVIII, momento em que o pensamento sobre o corpo-máquina transitava com força no continente europeu ocidental, estoura a revolução industrial na Inglaterra, “inaugurando” o pensamento exploratório-produtivo do trabalho industrial e do corpo como máquina que sustenta a necessidade e a importância dessa produção. A batalha contra o corpo, coisificando-o, tornando-o sem vida simbólica-subjetiva-somática, transformando-o em algo que se possui (ao invés de se ser) e que está a serviço da produção, assim como em produto final de consumo de uma ética de vida, é uma marca histórica da burguesia e seus sistemas de produção. Transforma-se, aqui, o “corpo na máquina de trabalho primária” (Federici, 2017, p. 250). Diz Federici:

> Na tentativa de formar um novo tipo de indivíduo, a burguesia estabeleceu uma batalha contra o corpo, que se converteu em sua marca histórica. De acordo com Max Weber, a reforma do corpo está no coração da ética burguesa porque o capitalismo faz da aquisição "o objetivo final da vida", em vez de tratá-la como meio para satisfazer nossas necessidades; para tanto, necessita que percamos o direito a qualquer forma espontânea de desfrutar a vida.
> (2017, p. 243)

E Federici segue:

> O corpo, então, passou ao primeiro plano das políticas sociais porque aparecia não apenas como uma besta inerte diante dos estímulos do trabalho, mas como um recipiente de força de trabalho, um meio de produção, a máquina de trabalho primária. Esta é a razão pela qual encontramos muita violência e também muito interesse nas estratégias que o Estado adotou com relação ao corpo; e o estudo dos movimentos e das propriedades do corpo se converteu no ponto de partida para boa parte da especulação teórica da época - já utilizada por Descartes para afirmar a imortalidade da alma; ou por Hobbes, para investigar as premissas da governabilidade social.
> [...]
> Uma tarefa fundamental do projeto de Descartes foi instituir uma divisão ontológica entre um domínio considerado puramente mental e outro, puramente físico. Cada costume, cada atitude e cada sensação são, desta maneira, definidas; seus limites são marcados e suas possibilidades, equilibradas com tal meticulosidade que se pode ter a impressão de que o "livro da natureza humana" foi aberto pela primeira vez ou, mais provável, que uma nova terra foi descoberta e os conquistadores estão se apressando em trazer um mapa de suas veredas, em compilar a lista de seus recursos naturais e em avaliar suas vantagens e desvantagens.
> (2017, p. 250)

O interesse por uma pesquisa corporal cênica que tivesse como mote basilar a anatomia emocional e as formas corporais que constrói, criando um caminho formativo que acolhe as emoções da performer--pesquisadora para dentro do espaço de criação surge também como um desejo de experimentar uma forma de pesquisa que não considere o corpo da dançarina como

máquina, o que não é incomum na cena da dança. Trazer as percepções emocionais cotidianas para o momento da pesquisa corporal faz com que a subjetividade da trabalhadora da dança seja considerada profundamente, sendo um posicionamento ético de trabalho. É apenas mais uma maneira de pesquisar e criar. Cada metodologia serve a um propósito cênico.

Silvia Federici acrescenta que no século XIX houve uma adaptação da concepção do corpo e das técnicas para discipliná-los com base no motor a vapor, havendo, para tanto, uma reformulação da vida familiar, que contou com a limitação do espaço da mulher ao espaço privado, passando essa a ser dona de casa em tempo integral e a ter total responsabilidade sobre a alimentação e os cuidados daqueles que frequentavam e laboravam nos espaços públicos (Federici, 2023). As considerações de Federici nos alertam para o fato de que a ética e a experiência do corpo-máquina, assim como o domínio e o controle sobre o corpo das mulheres seguem se perpetuando no tempo, sofrendo apenas as adequações necessárias e estruturais para uma boa adaptação ao tempo contemporâneo de sua aplicação.

Relegadas ao ambiente privado, doutrinadas ao cuidado compulsório e à submissão ao homem com quem coabitavam, suas dores, alegrias, medos e emoções foram apartadas do ambiente coletivo e, consequentemente, dos regramentos públicos. Sem que pudessem ser as porta-vozes de suas próprias demandas, aqueles que dominavam o setor público definiam o que melhor lhes atendia de acordo com seus interesses de manutenção de poder. Perpetuamos até a contemporaneidade a objetificação da mulher, apesar da conquista de tantos direitos civis graças às nossas batalhas e às de nossas ancestrais.

Ninguém, a não ser quem viveu, sabe o que é descobrir que está grávida, não desejar a gravidez por variadas razões, escolher abortar e o fazer. Independente do quão seguro seja a escolha e o procedimento, esta é uma experiência que se dá na anatomia emocional que estará corpada por toda a vida daquela pessoa. Não é simples e nem algo que se esquece, mesmo que não tenha havido conflitos na tomada de decisão e que tenha sido realizado em espaço seguro. Não é uma decisão pouco elaborada, mas, ao contrário. Um dos argumentos falaciosos dos defensores da criminalização do aborto é o de que as mulheres utilizam a interrupção da gravidez como método contraceptivo, o que não é real. As mulheres cuidam muito de sua vida reprodutiva. Segundo informações divulgadas pela professora Débora Diniz no prefácio do livro *Gravidez indesejada - the turnaway study* (2024), uma mulher, já tendo dois filhos, terá tido aproximadamente dois mil atos sexuais na sua vida reprodutiva, o que significa em números: 975 trocas de adesivos, ou 325 anéis vaginais, ou ingestão de 6.844 pílulas, ou/e uso de 2.000

camisinhas, ou entre 4 e 6 DIUS. Ou seja, mulheres cuidam e se medicalizam muito para planejar sua vida sexual, porém, falhas nos procedimentos acontecem. É de conhecimento público que nenhum desses métodos oferece 100% de eficácia. E os homens, o que fazem para evitar a gravidez?

Aprofundar-me neste contexto histórico e sociológico foi importante para a pesquisa corporal e a construção cênica. A ancestralidade de mulheres mortas por conta do abortamento está em nossas veias, muitas de nós morreram em fogueiras por isso. Carregamos essas histórias reais de vida conosco e devemos lembrá-las e honrá-las.

O Estado mantém ações políticas que apostam na dicotomia entre a razão/emoção e corpo/mente, fortalecendo o entendimento do corpo como máquina e visando a domesticação dos corpos, o que provoca o anestesiamento do sensível, a morte da empatia e facilita a manipulação social pelo poder hegemônico. A sociedade se torna corpo passivo e disponível para a atividade demandada pelo externo (Greiner; Katz, 2011). É daqui que surge a comparação entre o útero e o forno.

Imagino que muitas pessoas já tenham escutado esse jeito popular de se referir à barriga de uma mulher grávida: “filhote está no forninho”. Essa analogia tem muitos símbolos. Ela fortalece a vivência cultural do corpo-máquina, entretanto, esquece que quando um bolo sai do forno, as pessoas o comem e depois defecam sua digestão. Isso não acontece com a vida que sai da barriga de uma gestante. Essa é para sempre e, por isso, deve ser desejada. A imagem do útero como forno me inquieta um tanto e ficou muito presente durante este processo, uma vez que o corpo-máquina foi um dos temas que embasaram a pesquisa. Que corpo pessoal e coletivo se forma com o imaginário de que o útero é um forno? Que corpo pessoal e coletivo se forma ao defender que alguém não nascido vale mais do que aquela que gesta?

Recentemente, tive uma conversa com meu pai sobre o meu abortamento. Ele soube por mim, quando eu estava grávida e me ajudou a realizar o aborto da forma que julgamos ser a mais segura possível dentro da ilegalidade e sou muito grata por isso. Meu pai é uma pessoa que se considera conservadora politicamente, mas ele também acreditava que ter uma criança naquele momento “estragaria a minha vida”. Essas foram as palavras que ele usou na nossa conversa. Devido a proximidade de um evento tão radical e decisivo na vida de uma mulher, mesmo este homem conservador, virou um grande defensor da legalização do aborto em quaisquer circunstâncias. Estas também são palavras dele. Só quem sabe, é quem vive.

Ao ler *Além da pele: repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo,* de Federici (2023), entendi que ao corpo com útero foi dado o lugar de reprodutor da força de trabalho, devendo ser controlado, vez que o sistema depende da contínua reprodução humana para a regular existência de trabalhadores e consumidores, assim como de desempregados. Não importa as condições com que a vida virá ao mundo, mas apenas que ela venha, mesmo que seja para habitar a fome e a indignidade. Assim, o corpo da mulher, sua sexualidade, liberdade laboral, engrandecimento financeiro, liberdade e controle reprodutivos ainda sofrem tentativas de controle do Estado, das religiões e da cultura social engendrada por esses, apesar das grandes vitórias que as lutas das mulheres alcançaram. Um exemplo disso são as campanhas realizadas pelo governo em alguns países para que mulheres engravidem, uma vez que o envelhecimento populacional está encarecendo os custos estatais[28].

Sendo o corpo nosso campo de embate e afirmação, é latente o espalhamento da contação de experiências de mulheres, a partir do viés subjetivo, sobre o acontecimento que é a interrupção de gravidez e as consequências de sua feitura em locais clandestinos. O corpo ganha presença e se faz com narrativas outras que venham para ocupar seus espaços no mundo, para afirmar experiências e realidades. Reviver memórias impressas em nosso corpo têm o poder de afetar as experiências do presente e as por vir.

Stanley Keleman afirma:

> Se enxergarmos o nosso corpo como uma coisa, se o vemos somente como um processo biológico objetivo, deixamos de compreender a nossa forma interior de estar corporificado. Nosso interior somático vira exterior, objetificamos a nós mesmos. [...] Estar fisicamente presente [...] é estar em terra animada. Viver como uma imagem é estar em uma terra devastada.
> (1996, p. 42)

Terra animada. Des-objetificar a existência, levando em consideração o que somos: pele, ossos, vísceras, sangue, água, etc. O útero não é um forno, que assa um bolo para ser comido e desaparecer em excremento depois de algumas horas. O útero sou eu e o que é criado nele também sou eu para uma existência inteira. No pequeno fragmento a seguir, Federici descreve as infinitas descobertas perceptíveis quando conscientemente se conhece a vida do corpo, esse grande parque de diversões que somos e que se transforma a todo momento. A dança envolta

[28] Vehvilainen, Jenna. *As cidades que pagam mais de R$ 45 mil a seus habitantes para terem filhos.* BBC News Brasil. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/revista-50544933. Acesso em: 23 mar. de 2025.

de uma pesquisa de depoimentos biográficos e relatos autobiográficos nos possibilita escutar o pensamento do corpo e levá-lo à poesia.

Sobre a reapropriação dos corpos e a dança, Silvia Federici nos presenteia com essas palavras:

> A dança é central para essa reapropriação. Em essência, o ato de dançar é uma investigação, é uma invenção do que um corpo é capaz de fazer: de suas capacidades, de suas linguagens, de como ele articula os esforços do nosso ser. Cheguei à conclusão de que existe uma filosofia na dança, pois ela imita os processos pelos quais nos relacionamos com o mundo, nos conectamos com outros corpos, transformamos a nós mesmos e o espaço ao nosso redor. Com a dança, aprendemos que a matéria não é estúpida, não é cega, não é mecânica, mas tem seus ritmos, sua linguagem, e é autoativada e auto-organizada. Nosso corpo tem razões que precisamos aprender, redescobrir, reinventar. Precisamos escutar sua linguagem como caminho para nossa saúde e nossa cura, assim como precisamos escutar a linguagem e os ritmos do mundo natural como caminho para a saúde e a cura da terra. Uma vez que o poder de ser afetado e de realizar, de ser movido e de se mover — uma capacidade indestrutível, que se esgota apenas com a morte — é constitutivo do corpo, há nele uma política imanente: a capacidade de transformar a si mesmo, aos outros, e de mudar o mundo.
> (2023, p. 163)

Ainda Federici:

> Entendê-lo como uma produção social (discursiva) escondeu o fato de que nosso corpo é um receptáculo de poderes, capacidades e resistências que foram desenvolvidos em um longo processo de coevolução com nosso ambiente natural e em práticas intergeracionais, que fizeram dele um limite natural à exploração.
> (2023, p. 158)

O abortamento clandestino é um tema que mescla, de forma indissociável, o íntimo e o coletivo. Eles estão no mesmo terreno, paradoxalmente, e como é complexo expor o íntimo. Transformar em dança algumas histórias tão íntimas e tão coletivas ao mesmo tempo faz parte do caminhar que aqui vai sendo construído, passo a passo.

Fiquei com muita vergonha de escutar meus diários íntimos lidos por mim em uma caixa de som. Eu nunca os tinha lido em voz alta. Reler os meus diários é uma prática pessoal, mas eu não os leio para fora. Acontece sempre com um silêncio de mim mesma, quase um compromisso de confidencialidade comigo. Nunca tinha escutado a voz daquelas palavras. Por vergonha, cheguei a baixar muito o volume e colocar a caixa de som muito próxima de mim. Aproximei a

> caixa de som dos meus pés, abaixei o volume e me movi com menos espalhamento no espaço. Eu estava com vergonha que alguém escutasse o meu diário. Não sei se era bem uma vergonha. Era uma desavessamento tão íntimo, que me perguntei "pra quem você vai contar isso? Que ideia é essa a de expor sua intimidade de forma tão radical?". Fiz movimentos menores para conseguir ouvir o meu próprio relato. Não conseguia deixar os movimento emergirem. Meu corpo estava retesado de embaraçamento. Uma coisa é eu falar que abortei e bancar a ilegalidade do ato. Outra coisa é expor minhas palavras íntimas, escritas espontaneamente. Não sei muito bem porque, mas me causam emoções diferentes.[29]

1.3 Um certo corpo. Toda experiência corpa.

Escrevo diários desde os meus 13 anos. A escrita, assim como a dança, sempre foram minha estratégia de elaboração do viver. Neles ri, gritei, chorei e comemorei. Escrevi e arquivei experiências que formam o que fui ao tempo da escrita e o que estou. Ao reler meus diários, atualizo-me daquela Monique naquele tempo que passou, que forma esta Monique de agora, mas que já não é mais. Na experiência desta pesquisa, adiciono a escuta e leitura de depoimentos de abortamento clandestino e ilegal de outras mulheres, que me convocam a co-corporem suas emoções.

A experiência é nutriente para a formação contínua da subjetividade e sensibilidade somático-corporal. É da percepção da experiência e da conscientização do que ela vai formando em nós, assim como da ativa modulação de nossas ações pessoais a partir desta consciência, que possibilidades de transformação social e pessoal emergem.

Pergunto-me: que experiência é vivida quando se comete uma ação delituosa frente ao Estado, porém esta mesma ação é primordial para a proteção da sua saúde psicológica-emocional, da sua estrutura financeira-social, da sua livre escolha e da reapropriação

[29] Fragmento de diário de bordo - 2024.

de si? O antropólogo Victor Turner, em *Do Ritual ao Teatro* (2015), apresenta e entremeia diferentes linhas etimológicas da palavra experiência e apresenta que este vocábulo tem sentidos para além do conhecimento adquirido com a vivência, adentrando ao campo do risco, do perigo, da prova, do rito de passagem e da aprendizagem por tentativa, isso porque uma experiência também envolve os elementos da incerteza e do desconhecido. Entendo que qualquer experiência possui um antes e um depois, um corpo pré e um corpo pós, uma vez que a experiência corpa. No momento de se propor conscientemente a experienciar algo, assume-se o risco de se defrontar com o novo, o desconhecido, o incerto e é aí que mora a beleza e, possivelmente, o desafio. Ela, necessariamente, transforma, sendo um momento de trânsito entre formas. E a cada instante se pare um novo instante; a cada experiência corpada se pare uma nova experiência de ser.

Colocar-me em exposição aos arquivos desta pesquisa foi uma escolha que pressupõe um risco e que me lançou em um desafio. Co-corpar com o vivido por mim em um outro tempo, assim como por outras mulheres, é uma reatualização da experiência, assim como uma ritualização. Uma experiência que se iniciou no ritual de Ayahuasca e que seguiu para pesquisa, surgindo do encontro com os arquivos escritos e com a anatomia emocional que sou. É um ato volitivo e corajoso de entrada na experiência ao qual me proponho, sendo um desavessar-se perante outros, mas primeiro perante ao próprio processo de pesquisa. Agora, torno-me uma pequena semente na floresta de criações biográficas que contam nossas histórias e que tomam montanhas.

Após uma exposição de fragmentos dos meus diários pessoais para Vanessa[30], ela me chamou a atenção para os relatos sobre o Ayahuasca e sobre como descobri a gravidez. Disse que isso tinha força, que poderia virar algo na pesquisa. Essa reunião me acompanhou nos dias seguintes até chegar à sala de ensaio. Coloquei uma música que tem uma atmosfera de ritual, com a qual já experimento o dançar improvisado há algum tempo. Me relembro de um pequeno fragmento de um gesto improvisado que fiz nas semanas anteriores. Resolvo experimentá-lo, estando em contato íntimo com os arquivos escritos e anatômicos.

[30] Vanessa Macedo, coorientadora desta pesquisa.

Co-corpo com a Monique do dia do ritual com a medicina abuelita. Ao repetir o gesto, me sinto como uma velha ancestral, uma sábia que faz seus feitiços com as ervas que leva em suas bolsas, recolhidas da terra pelas suas mãos.[31]

O romance autobiográfico de Annie Ernaux sobre sua experiência de aborto clandestino é uma dessas sementes, que já virou árvore florida. O livro se chama *O acontecimento* (2000), no qual Annie nos conta do seu aborto realizado no início da década de 1960 na França, momento em que ainda era ilegal neste país. A escritora nos fala de suas angústias e expõe os riscos de vida que correu, devido ao desespero de realizar o abortamento. Seus escritos são contundentes e me fizeram fechar a garganta, tensionar a mandíbula e sentir uma determinada vibração na caixa torácica, que interpreto como agonia pelo reconhecimento das experiências aviltantes que mulheres passam por conta da ilegalidade da interrupção de gravidez. O peito vibra e o corpo tensiona; percebo o ato de estar corpando as informações que vêm. A experiência é subjetiva e anatômica.

O escrito de Annie me cativa e sinto-me conectada às suas palavras, defesa e arte. Ela, corajosamente, expõe uma experiência íntima ao grande público, inaugurando um novo episódio de sua vida quanto ao aborto que viveu e enfatizando a mescla indissociável do íntimo e do coletivo. Passados 40 anos do acontecimento, ele deixa de ser segredo e vira resistência e estratégia de luta.

Antes mesmo de confirmar sua gravidez, Annie Ernaux já sabia que estava grávida:

> Em outubro de 1963, em Rouen, esperei mais de uma semana que minha menstruação descesse. Era um mês ensolarado e ameno. Eu me sentia pesada e pegajosa em meu casaco de inverno retirado cedo demais do armário [...]. Ao voltar para o meu quarto na cidade universitária, na rua d'Herbouville, tinha sempre a esperança de ver uma mancha na calcinha. Comecei a escrever na agenda todas as noites, em maiúsculas e sublinhado: NADA. Quando acordava, de madrugada, logo sabia que não havia "nada". [...]
> Certa tarde fui ao cinema ver um filme italiano em preto e branco, *O emprego*. Era lento e triste, uma vida de um garoto em seu primeiro emprego, num escritório. A sala estava quase vazia. Vendo o corpo frágil, numa capa de chuva, de um funcionário menor, suas humilhações; diante da agonia sem esperanças do filme, eu soube que minha menstruação não desceria.
> (2022, p. 7)

O mesmo me aconteceu. Eu já sabia, uma vez que era eu quem estava grávida e todo o funcionamento organísmico que sou estava direcionado para a gestação, mas ainda não tinha

[31] Fragmento de diário de bordo - 2024.

consciência. Impressiona-me como o corpo nos informa antes da consciência o que está a se passar conosco. Alguns fatos ocorreram antes da realização do exame de urina de farmácia e corroboram o que digo. O primeiro acontecimento foi em uma caminhada. Eu estava com o rapaz do qual engravidei. Vimos um casal com uma criança. Ele puxou uma conversa sobre querer ter filhos e de como era bonito ver aquele casal curtindo o bebezinho que os acompanhava. Sem qualquer razão, minha intuição me levou a falar: "tenho certeza que se um dia eu tiver um filho seu, será um homem (biologicamente)". Como eu já disse, o desejo de ser mãe não era algo latente em mim. Ademais, não costumo falar algo do tipo para uma pessoa com quem estava saindo por um mês. Não reconheci qual impulso me fez falar aquilo. Essa certeza incompreensível à racionalidade, mas plausível às sabedorias das vísceras, está exposta neste fragmento de diário:

> Eu abortei. Abortei há uma semana, daqui há pouco duas. Eu abortei um rapaz, que agora é cacto pequeno com dois olhos azuis no quarto do meu companheiro. Enquanto escrevo, meu companheiro faz rapé. Eu abortei um renascimento. Renasci uma parte de tesão em mim. Um tesão de vida que não tenho há tempos. Um tesão de vida acompanhada.
> "O rapé está muito bom", ele disse. "Eu queria muito ter e me doi", ele disse. "Todas as vezes que vejo crianças lembro desse bebê", ele disse.
> Todas as vezes que vejo mães e crianças eu sinto no meu corpo a escolha do caminho tomado. Eu abortei um renascimento de uma criação e potência em mim. Eu criei um amor e uma entrega de cuidado em mim. O que é a aspiração de uma potência de vida? O que é uma aspiração causar tristeza e tesão ao mesmo tempo? O que é uma escolha? Aspirou-se e movimentou-se caminhos. Eu e ele. "Só a gente sabe", ele disse. Sim. Só a gente sabe.
> Na verdade, só eu sei[32].

[32] Fragmento de diário pessoal após a interrupção da gravidez.

Logo após essa caminhada, fomos a uma cerimônia de consagração de Ayahuasca, uma bebida utilizada em rituais dos povos originários latino-americanos, feita com uma combinação de plantas e raízes, as quais são compostas pela substância conhecida como DMT (dimetiltriptamina). Foi sobre esse momento que Vanessa Macedo comentou comigo no relato que trago acima.

Cada lugar que consagra esta medicina, assim como cada pessoa que a bebe, tem uma visão diferente dos poderes que ela nos oferece no campo da experiência. Alguns vão para a espiritualidade, por exemplo. Eu, particularmente, não vinculo as experiências que já tive com esse terreno. Para mim, a Ayahuasca potencializa a minha escuta ao que está acontecendo comigo, dentro de mim, nas vísceras. Dito isso, relato:

> Eu já estava grávida, mas ainda não sabia. Que coisa impressionante é o poder da natureza. A ayahuasca foi a primeira a me falar que eu estava grávida. Não foi minha primeira vez, mas estava em um local novo, onde achei o mestre de cerimônia bem fanfarrão. Então, na primeira dose, pedi para a planta "vir devagar". Dizem que a planta se comunica conosco e, por isso, fiz meu pedido. De fato. Ficava repetindo para mim"Nossa.. não bateu nada. Ela veio suave". Só que, na realidade, eu passei toda a primeira dose com as mãos vibrando na direção do útero e com as pernas abertas. Fui para a mata que tinha próximo e agachei de cócoras. Lá permaneci por um tempo, mantendo as mãos com o mesmo movimento e no mesmo local. Caminhava na mata e acocorava. Da mata fui para a fogueira. Sentei numa pedra, apoiei meus pés no chão e mantive minhas pernas abertas e mãos continuamente no mesmo local. Ali fechei os olhos. Abro com o rapaz do qual engravidei ao meu lado. Vamos deitar, cada um em seu tapetinho. Antes de deitar, ele coloca a mão na direção do meu útero e faz um movimento de empurrar para cima, pressionando a mão no meu corpo, pelo centro, até chegar ao esterno. Eu esquento e choro naturalmente. Muitas e muitas lágrimas caem como um escoar de rio no mar.

No dia seguinte, uma taróloga me fala sobre criação. E no dia seguinte a este, na gira de malandro em um terreiro de umbanda, um malandro fecha o punho, bate no meu ventre e diz "você vai precisar firmar com sua pomba gira aqui". Saí de lá direto para a farmácia e comprei o exame de gravidez. No dia seguinte, às 5:30 da manhã, estava grávida[33].

As experiências descritas aqui são dos diários de uma anatomia de si, banhada pela perspectiva formativa. Eu fui guiada pelos oráculos e acredito que o corpo é um deles. Entendo que escrever e dançar esses diários é uma ação antipatriarcal e anti hegemônica, assim como é um embate à afirmação preponderante e uma disputa de narrativa, tanto contra a narrativa de corpo-máquina, quanto da narrativa quanto à afetação à saúde mental da mulher que aborta. Não só de angústias e amarguras vive uma abortista, muitas vezes essas são as menores emoções experienciadas. Eu vivi alívio, como muitas outras mulheres, e vivo alegria, comemorando muitas vezes. Vibro minha coragem de ser quem desejo ser, vibro minha vida e vibro minha liberdade. É uma sensação de peito vibrante.

Annie Ernaux nos conta sobre a motivação que a levou a escrever sua experiência de aborto clandestino após 40 anos de sua feitura:

> Ter vivido uma coisa, qualquer que seja, dá o direito de escrevê-la. Não existe verdade inferior. E, se eu não relatar esta experiência até o fim, estarei contribuindo para obscurecer a realidade das mulheres e me acomodando do lado da dominação masculina do mundo.
> (2022, p. 35)

Nesse relato, Annie afirma que não deseja experienciar o não dizer. Ela deseja vivenciar a experiência do dizer, do escrever e do não contribuir para o obscurecimento da realidade que milhões de mulheres vivem até hoje e não sabemos até quando isso fará parte do real existir de muitas de nós. Essa é uma das motivações desta pesquisa. Busco em sala uma expressão corporal que revele a natureza da experiência que me forma e tenho o desejo de que o acontecimento se torne dança e que a dança se torne parte de um acontecimento.

Pedra enrolada na linha vermelha que cai no mar, fica no fundo e na

[33] Fragmento de diário pessoal reescrito durante esta pesquisa.

superfície. Linha vermelha faz onda nas camadas visuais - pedra faz aterramento nas vísceras[34].

Comecei a experimentar uma proposta de interrupção no corpo e a pensar sobre o que isso poderia vir a ser. Interrupção é parar e depois retornar? Questionei-me corporalmente sobre o que seria uma interrupção e o que está no entre de um rompimento. Insisti nesta pesquisa primeiramente no chão e depois caminhei para a bipedia, na qual surgiu uma qualidade mais de engasgo, alguns espasmos talvez. Não sei como denominar aquela qualidade tônica de movimento. Num desses dias de pesquisa, escrevi no diário de bordo:

> Comecei a pesquisar o fluxo contínuo e a interrupção, mas não consegui fazer mais de 7 minutos no primeiro momento. Chorei. Fiquei gelada e não consegui prosseguir. Tive que parar e vir escrever. Olhei o relógio e ainda faltavam 50 minutos para acabar o ensaio. Queria que já tivesse acabado. Chorei, mas não sei que choro é esse. Não o reconheço. São minhas vísceras que choram. Parece que elas estão separadas de mim. É como se não tivesse chegado nelas a consciência da boa escolha do abortamento. Como podem elas estarem separadas de mim, se elas sou eu?
>
> Achei esta emoção muito esquisita, mas eu a vivi[35].

Esta pesquisa se inicia quando ela nem sabia que aconteceria: com a interrupção da minha gravidez. Em seguida, a interrupção do mestrado em si, tendo trancado a matrícula por seis meses. Neste momento de interrupção concreta da pesquisa, descobri que meu verdadeiro ponto de interesse eram os depoimentos vivos da experiência de abortamento clandestino. A experiência da interrupção vivida há anos formou corpo e formou o caminhar da experiência da própria pesquisa, sendo quase um espelhamento entre a vivência e o processo. Eu só me atentei a isso no meio do redemoinho, alertada por uma fala de Alonso Alarcón, artista-pesquisador mexicano, que realizou pós-doutorado no PPGDan e esteve na minha banca de qualificação.

[34] Fragmento de diário de bordo - 2023.
[35] Fragmento de diário de bordo - 2024.

Neste trilhar, a interrupção chegou à sala de pesquisa corporal, tendo sido um dos caminhos percorridos para se chegar a gestos, partituras corporais e outras texturas de movimento, como o engasgo, a partir de provocações minhas e de Vanessa Macedo.

Nós, mulheres, nascemos com variadas narrativas impostas, além de variadas micro e macro violências inerentes à experiência de nossa existência. Uma das imposições, é a maternidade, e uma das violências, é a ilegalidade e criminalização do aborto. A gravidez, a decisão de realização de um aborto ou não, são experiências que se constituem corpo também a partir dessas premissas introjetadas em nós e dos que nos rodeiam. Talvez seja por essa razão, que são poucas as pessoas com as quais, em geral, as mulheres compartilham a realização de um abortamento clandestino. Por não saber como serão julgadas socialmente por seus pares e também por sentirem que seu ato é passível de denúncia, processo judicial e prisão. Uma sociedade que escolhe arriscar nossa vida a nos cuidar, em quem podemos confiar?

Por fim, Annie em “O acontecimento”:

> Terminei de pôr em palavras isso que se revela para mim como uma experiência humana total, da vida e da morte, do tempo, da moral e do interdito, da lei, uma experiência vivida de um extremo ao outro pelo corpo.
> (2022, p. 71)

Em algum momento da pesquisa prática, trabalhando três vezes por semana de 3 a 4 horas por dia, a leitura, a escuta, o corpar e o dançar os diários e os depoimento me afetaram emocionalmente, o que me mostrou o quão a escolha por co-corpar essas experiências era um risco e um desafio, assim como o quanto a ilegalidade transforma uma experiência que já não seria fácil em algo muito pior, pois o medo de morrer ou de se machucar gravemente é muito inerente à experiência, assim como a dor física. Diariamente, tive que construir força para continuar escutando os depoimentos de dor daquelas mulheres e, com o passar do tempo, fui descobrindo que o meu tônus muscular estava mais firme e mais animal, que eu queria ficar em quatro apoios e não entrar quase em bipedia. Tem uma gravidade específica desta pesquisa.

Pesquisando sobre a etimologia da palavra *gravidez* encontrei que ela é uma irmã da palavra *gravidade*, sendo ambas filhas do termo em latim *gravis*, que tem, entre muitos outros sentidos, o sentido de *pesado* e *sério*. Fez todo o sentido eu ter me convidado ao chão. A gravidade me convocou. A força da Terra parece imensa quando age em um corpo que contém outro dentro. Lembro do peso e do enraizamento que senti no pouco tempo que permaneci grávida.

Ali sou eu, mas
não sou; fui

ATRAVESSAMENTO II

AS ESCRITAS DE SI

No ônibus, à caminho de SP, pesquisei sobre a clínica que eu estava indo e sobre o médico que faria meu aborto. Me deparo sem demora com algumas reportagens sobre ele e suas mais de duas prisões, devido à prática de abortamentos. Imediatamente veio ao meu pensamento: E se a polícia chegar para prendê-lo quando eu estiver na sala de cirurgia? O que vai acontecer comigo? Tratei de espantar logo esse pensamento.

No dia seguinte, fui à clínica. Na frente, estava escrito apenas "Clínica Médica". Havia dois seguranças, um de cada lado da rua. Ao entrar, encontrei uma sala cheia de casais e de meninas jovens acompanhadas de uma mulher, provavelmente sua mãe ou alguma parente, pensei.. Também teve uma mulher com duas pessoas que pareciam crianças, provavelmente eram um casalzinho adolescente e a menina engravidou. Me perguntei como aquelas pessoas estariam se sentindo. Me chamaram e eu fui levada para uma seção meio escondida da clínica, onde fiquei até ser chamada para a sala de cirurgia. Tomei um sedativo e apaguei. Acordo com a enfermeira pedindo para eu colocar a calcinha e acompanhá-la. O pagamento foi feito nesta mesma salinha, em dinheiro. Ao sair, todas as pessoas da sala de espera bisbilhotavam de rabo de olho e depois olhavam pro chão, sempre curvadas, como que querendo esconder suas identidades[36].

[36] Fragmento de diário pessoal.

Cartas, poemas, diários e contos. Registro minhas sensações a partir da linguagem escrita há décadas. Percorro-me por entre palavras e lacunas espalhadas por cadernos, que me revelam o que eu esqueço, assim como constroem o que recordo. As palavras me dão as mãos no entendimento de quem estou sendo no tempo da escrita. É nelas e nos movimentos da dança, "acompanhando o ritmo dos múltiplos corpos que se sucedem num *continuum* ao longo da vida" (Keleman, 1979, p. 8) que me (re)conheço, me (re)começo. Começo-me de novo, mais uma vez e novamente a cada escrita e leitura. Algo precisava ser feito com a vivência abortiva clandestina pela qual passei. Um sentimento ladrava por dentro de mim desde o acontecimento em si e eu sabia que, em algum momento, aquela experiência que tentei traduzir em palavras e que senti violentamente seria parida.

> Quero mergulhar mais uma vez nesse período da minha vida, saber o que se encontra ali. Essa exploração vai se inscrever na trama de um relato, o único capaz de recuperar um acontecimento que era apenas tempo dentro e fora de mim. Uma agenda e um diário íntimo mantidos durante esses meses vão me trazer as referências e as provas necessárias ao estabelecimento dos fatos. Vou me esforçar, acima de tudo, para me aprofundar em cada imagem, até que tenha a sensação física de "alcançá-la", e que surjam algumas palavras sobre as quais eu possa dizer "é isso". Ouvir de novo cada uma dessas frases, que não se apagaram de mim, cujo sentido na época deve ter sido tão insuportável, ou, inversamente, tão reconfortante, que afundo em desgosto ou doçura ao pensá-las hoje.
> (Ernaux, 2022, p.16)

Janaína Leite, atriz e pesquisadora, de quem busco companhia através de seus estudos, investiga e cria, há alguns anos, processos cênicos autobiográficos. Da sua própria história foram criadas *Festa de separação*[37], onde nos conta, junto com seu ex-parceiro, sobre o término do relacionamento e *Conversas com meu pai*[38], onde nos relata sua relação com seu pai, entre outros. Ao ler sua dissertação *Autoescritas performativas: do diário à cena* (2014), ver alguns fragmentos de seus trabalhos cênicos e escutar algumas entrevistas disponíveis no Youtube[39],

---

[37] Leite, Janaína; Fepa. Direção: Luiz Fernando Marques. *Festa de separação - um documentário cênico*. Teatro sem fronteiras. [entrevista]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d4oBWW1CPqo. Acesso em: 04 abr. de 2025;

[38] Leite, Janaína. *Bastidores - Conversas com meu pai*. Entrevista concedida ao Centro Cultural São Paulo. [entrevista em vídeo] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AjsVXD-TVKA . Acesso em: 04 abr. de 2025;

[39] 1. Leite, Janaína. *Biografia e autobiografia com Janaína Leite*. Entrevista concedida a Jhoao Junnior. 2021. [entrevista em vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SsSFKqoNFOg. Acesso em: 11 dez. de 2024;

2. Leite, Janaína. *Autobiografia como possessão. Festival de dramaturgia.* Entrevista concedida a Bruna Vargas. 2021. [entrevista em vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rL8a2wby7iE&t=4983s. Acesso em: 11 dez. de 2024;

3. Leite, Janaína. *Conversas de Laboratório com a América Latina: cenários do Sul - ações feministas.* LCICC - UFF. 2021. [entrevista em vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nxfgv1ujRyw&list=PL45tOkKAPj--QnQ-rjaqzicMbHXaXQOaJ. Acesso em: 11 dez. de 2024;

percebi que os meus escritos em papel e em dança são arquivos vivos e que contam uma certa trajetória lacunar de uma mulher branca latino-americana, com descendência europeia e nativa, em formando no caminhar da vida. São escritos autobiográficos, uma contação de histórias pessoais, uma construção contínua e esburacada de uma narrativa de si. Como nos diz Édouard Louis, as pessoas que contam suas histórias, são sobreviventes das suas experiências. Tê-las vivido, lhes faz poder expressá-las e contá-las.

2.1 As escritas de si e sua dimensão política

Foi no encontro com Vanessa Macedo e com o grupo de estudos "feminismos, testemunhos, decolonialidades e dança", vinculado ao PPGDan-UFRJ e realizado em 2024, supervisionado por Vanessa Macedo, Lígia Tourinho, Alonso Alarcón, Maria Inês Galvão e Princesa Ricardo[40], que tive o olhar e a percepção encantadas pelos escritos e estudos autobiográficos no meio artístico. Ali tive acesso a materiais profundos e arrebatadores de artistas que pensam, escrevem e criam performances autobiográficas, como a própria Vanessa, Margareth Rago, Janaína Leite, Gloria Anzaldúa e Carol Hanish, me munindo de informações sobre a dimensão política dos relatos autobiográficos feministas, e a possibilidade de fazê-los em múltiplos formatos, seja pela linguagem descritiva, como se é mais ordinário, ou pelas outras múltiplas linguagens artísticas, como a dança.

Foi nesta abertura de olhar que retornei aos poemas de Ana Alkimim com outro envolvimento. Ana é uma poetisa brasileira, moradora da Europa, que realizou um aborto legal do seu quarto filho. Ela nos conta sua experiência e os pensamentos que lhe atravessaram no livro *O imprevisto* (2023), do qual fui ao lançamento aqui no Rio de Janeiro. Um desses belos acontecimentos da vida. Uma grande amiga, que viveu ao meu lado a experiência da dúvida e da

---

4. Leite, Janaína. *Desmontagem de Stabat mater.* MITsp, 2020. [Vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X4iPkY9C2nc&list=PL45tOkKAPj--QnQ-rjaqzicMbHXaXQOaJ&index=10 Acesso em: 11 dez. de 2024;

5. Leite, Janaína. *O corpo da mulher, suas representações e a coragem da verdade.* MITsp, 2020. [Vídeo] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fpdTFu905rs&list=PL45tOkKAPj--QnQ-rjaqzicMbHXaXQOaJ&index=11. Acesso em: 11 dez. de 2024;

6. Leite, Janaína. *Teatro sem fronteiras - festa de separação: um documentário.* 2012. [Vídeo] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d4oBWW1CPqo&list=PL45tOkKAPj--QnQ-rjaqzicMbHXaXQOaJ&index=2. Acesso em: 11 dez. de 2024

[40] Vanessa Freitas de Paiva Macedo é artista-pesquisadora e co-orientadora desta pesquisa. Lígia Losada Tourinho é artista-pesquisadora, professora titular do PPGDan/UFRJ e orientadora desta pesquisa. Alonso Alarcón é coordenador nacional de dança INBAL e pós-doutor em dança pela UFRJ. Maria Inês Galvão Souza é professora titular do PPGDan/UFRJ. Princesa Ricardo Marineli é artista da dança e pós-doutoranda em dança pela UFRJ (2023).

tomada de decisão do abortamento, me convidou para acompanhá-la no lançamento do livro de uma amiga dela. Essa amiga era a Ana. Eu fui e, para minha surpresa, o livro era sobre a experiência do seu abortamento. A criação nos persegue, parece que nos fareja. Ao chegar em casa, o li e me emocionei ao me dar conta da potência daquela escrita e daquele compartilhamento sensível, profundo e muitas vezes duro. Há uma defesa pela legalidade do aborto em seu livro, e também há uma defesa de que, independente das circunstâncias, o abortamento não é um evento qualquer na vida de uma mulher. Eu me identifico com isso. Um de seus poemas me perseguiu durante meses e meses: "o aborto mesmo legal jamais será uma festa"(Alkimim, 2023, p. 163). Foi por ele que a linguagem da poesia começou a compartilhar a pesquisa cênica comigo. Ele não desgrudava do meu pensamento e assim continuou, vindo a integrar o caminho formativo da pesquisa e, finalmente, a virar cena.

A potência do encontro com os poemas de Ana reafirma a dimensão política das escritas de si. Entrando em contato com uma experiência artística sobre uma vivência similar a minha, me fortaleci de coragem, me ancorei na força de seu relato e segui na construção do meu, a fim de dialogar e de multiplicar as nossas vozes. Interessou-me para além das similitudes, os descompassos. A riqueza de declararmos publicamente experiências subjetivas e profundas de nossa condição de geradoras de vida é podermos criar empatia com as diversas reações e acolhê-las, sejam elas quais forem. Quando compartilhamos, criamos estofo coletivo para lidar com as múltiplas realidades, ao invés de afogá-las na lama.

Como já disse, eu comemoro meu aborto em muitos momentos da vida. Não comemoro ter tido que fazê-lo, de forma alguma. Esta é uma experiência que não gostaria de ter vivido. Porém, comemoro ter podido realizar um abortamento e estar aqui para contar para quem quiser, por meio desta escrita e da minha dança, qual é a minha relação com esta parte da minha trajetória. Poder seguir com o caminho de vida que mais me pareceu plausível à época e não ter me machucado ou até falecido por conta disso, é, sim, motivo de comemoração. Por isso que o poema de Ana me movimentou tanto a ponto de surgir uma cena de festa e de *Parabéns para você* na performance. Busquei músicas para este momento, indo do eletrônico ao funk, até encontrar a que permaneceu na trilha sonora. De forma livre, dentro da pesquisa com a metodologia do caminho formativo, o corpo foi se movendo, rebolando, acelerando e movendo em câmera lenta. Fui me deleitando de mim e da minha escolha. Sim, tem um deleite.

Todo Eu é multiplicidade, um coletivo, um universo de bactérias, células, tecidos, gentes e experiências. A dimensão política de se ser compõe toda esta multiplicidade, formando as

tramas das biografias de cada pessoa. Falo, então, de uma experiência corpada por muitas mulheres, para além de mim, mais precisamente, por uma em cada 7 mulheres no território brasileiro, segundo a Pesquisa Nacional do Aborto[41] (2021). A clandestinidade, muitas vezes, nos dá mais garantias da realização do procedimento até nos casos em que a interrupção da gravidez é legal. Somos levadas a conhecer os caminhos das brechas, as fissuras por entre as pedras duras do poder. E, assim, mulheres morrem. O aborto é reconhecido como o quinto maior causador de mortes maternas no Brasil[42]. Todas as pessoas sabem, mas nós continuamos morrendo.

Carol Hanish, ativista pelos direitos das mulheres, em seu texto *O pessoal é político*, afirma que: "(...) é uma ação política dizer as coisas como elas são, dizer o que eu realmente acredito sobre minha vida ao invés do que sempre me foi dito para dizer"(1969, p.1). Entendo essa fala como uma defesa de que sejamos honestas com as nossas experiências e que devemos dar legitimidade à subjetividade delas, ao invés de esconder essas camadas do coletivo. Conheci Carol Hanish por meio das pesquisas de Vanessa Macedo[43], que a cita em sua pesquisa sobre a dimensão política do autodepoimento na cena, e a absorvi em minhas referências. Para mim, sua fala expõe a regurgitação das palavras das mulheres, que as trazem à esfera pública para falar elas próprias sobre suas experiências e não mais deixar que sejam imaginadas e contadas por terceiros que, na realidade, as desconhecem.

Quanto mais frequento rodas de conversas entre mulheres, sejam do meu foro íntimo ou não, fica mais evidente que as nossas questões e angústias não são do foro individual, mas, ao contrário, são assuntos coletivos e políticos, conforme Hanish (1969, p. 1) observou no tempo em que frequentou grupos de conversas de mulheres norte-americanas: "(...) uma das primeiras coisas que descobrimos nesses grupos é que problemas pessoais são problemas políticos. Não há soluções pessoais desta vez. Só há ação coletiva para uma solução coletiva." Esses diálogos são essenciais para a manutenção de nossa saúde, pois uma vez que se entende que não estamos passando por determinada violência ou angústia sozinhas, mas ao contrário, temos

[41] Pesquisa Nacional do Aborto, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/mDCFKkqkyPbXtHXY9qcpMqD/abstract/?lang=pt#:~:text=Cerca%20de%2010%25%20das%20mulheres,um%20aborto%20aos%2040%20anos. Acesso em: 10 dez. de 2024.

[42] Secretaria de Vigilância em Saúde/Ministério da Saúde. *Mortalidade Materna por aborto no Brasil, 2010 a 2021*, Brasília: MS, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2022/boletim-epidemiologico-vol-53-no47. Acesso em: 10 out. de 2024.

[43] MACEDO, Vanessa. *Narrativas de si: um ato político nas obras cênicas de mulheres* . Revista Brasileira de Estudos em Dança, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 133–154, 2024. DOI: 10.58786/rbed.2024.v3.n5.64153. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rbed/article/view/64153. Acesso em: 25 dez. de 2024.

uma legião junto conosco, a vida ganha leveza e apoio e, assim, conseguimos seguir e lutar por nossos direitos. Essa é também uma das dimensões políticas de trabalhos artísticos autobiográficos sobre as temáticas que cabem às mulheres. Ter acesso a essas vidas, muitas vezes com questões tão similares às nossas, nas artes cênicas, no cinema, em um livro, pode nos fortalecer como coletivo e nos fazer refletir sobre o que nos requer envolvimento.

Neste caminhar, há um movimento crescente de trabalhos cênicos autobiográficos de mulheres nos últimos anos no Brasil. A Mostra Mulheres em Cena[44], da Cia Fragmento de Dança, que tem Vanessa Macedo como fundadora e diretora, é um dos espaços que une uma gama desses trabalhos, nos quais suas criadoras não têm medo de expor as vísceras e ocupar o espaço coletivo com suas histórias, experiências, dores e alegrias, ampliando as narrativas possíveis pré-existentes com suas subjetividades e afetividades e convocando os que assistem a compartilhar ou, ao menos, escutar, a realidade de suas experiências. Expondo aos quatro ventos, deixando que as experiências particulares sejam queimadas, banhadas de água doce e salgada e enterradas em terra fértil, inicia-se mais um processo rumo à floração de novas realidades. Margareth Rago afirma:

> Ao contrário da necessidade de purificação pela escrita que desenrola o filme da vida, como nas autobiografias clássicas masculinas, que visam zerar o passado e aliviar a alma, **essas narrativas femininas visam romper o isolamento feminino na vivência da dor; portanto, acentuam a dimensão do testemunho, apontando para a denúncia das violências sofridas pelo terrorismo do Estado, pelo autoritarismo do partido político, pela Igreja ou pelos preconceitos sociais.** (grifo meu)
> (2006, p. 2)

Denúncias, defesas, rompimento e compartilhamento coletivo da dor, apontamento dos terrorismos e autoritarismos patriarcais, religiosos e sociais são, realmente, muitas vezes, se não o tema principal, o pano de fundo dos trabalhos autobiográficos femininos. O alívio de nossas almas não nos interessa. Antes, interessa-nos o alívio da nossa carne.

> Para que haja parrésia, é preciso que, dizendo a verdade, abra-se, instaure-se, afronte-se o risco de machucar o outro, de irritá-lo, de deixá-lo em cólera e de suscitar de sua parte um certo número de condutas que podem ir até a mais extrema violência. É portanto a verdade, no risco da violência.
> (Foucault *apud* Rago, 2006, p. 4)

A parrésia comporta um risco violento, ela não caminha sem que ele esteja ao lado.

[44] É possível encontrar vários vídeos de apresentações e rodas de conversa ocorridas durante as oito edições do festival Mulheres em Cena no Youtube. Aqui deixo o teaser do último (2024). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2JJ-Dvw_-6c. Acesso em: 1 dez. de 2024.

Estava lendo o trabalho de mestrado de Vanessa[45] *e me tocou seus questionamentos sobre a dor. Ela se questiona se naquela sua criação específica tem dor, se ela sente dor. Se sim, de onde ela vem? Por quê? De quê? Minha garganta fecha e sinto um nó. Carrego esse questionamento comigo. Passo dias refletindo sobre a existência ou não de uma dor e sobre as perguntas que derivam dessa constatação, seja ela positiva ou negativa. Me lembro da falar de Alonso em minha qualificação. Ele fala sobre parecer que ali existia uma ferida. Existe? E, se sim, que ferida é esta?*

Após dias de reflexão, entendi, por ora, que sim, existe dor. Existe uma dor que é revolta. Uma ferida que é vinculada a me sentir ofendida e revoltada por não poder decidir com autonomia sobre uma intervenção em mim, em quem sou, nas minhas vísceras. Não sinto dor pela decisão e realização do aborto. Apesar de, paradoxalmente, a dúvida sobre como teria sido e se ainda será existir. A experiência não é boa, devido aos mil medos vinculados, principalmente, à ilegalidade. A dor não está em um sofrimento quanto à decisão, o que seria o mais óbvio para muitas pessoas. A dor está em ter o conhecimento que mulheres sofrem, se machucam gravemente e morrem por conta da realização de um procedimento simples como é o abortamento. A dor está aí. Sempre que escuto os relatos que colhi durante a pesquisa, me dói profundamente. Sinto nas vísceras.[46]

Sinto-me convocada eticamente a falar sobre os efeitos que o abortamento clandestino tem na experiência viva de uma mulher, desestigmatizando o sofrimento emocional como algo dominante na experiência abortiva, assim como, apontando diretamente para as hipocrisias sociais e os autoritarismos patriarcais e religiosos que nos colocam em risco constante e desnecessário. Escrever com palavras, gestos, pinturas ou com outra linguagem escolhida, sobre nossas experiências é relembrarmos de nós, da importância pública do que vivemos e de como estamos acompanhadas por tantas, como somos tanto mar juntas.

[45] Macedo, Vanessa. *Frida Kahlo: Entre chagas e borboletas.* Dissertação. 2008. (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo.
[46] Fragmento de diário de bordo - 2024.

2.2 Clandestinas

É no colo das clandestinas que a sociedade dorme tranquila, que pede carinho. Nas corpas dos sangues espalhados e mortes distribuídas por abortos mau executados que resistem no mundo dos proibidos, que a sociedade se acolhe, se aninha.[47]

Silvia Federici afirma que nós, com os nossos ventres, somos as produtoras da mão de obra do mercado. Esta é uma das razões para o Estado desejar deter o controle sobre nossas escolhas e uma das formas de fazê-lo é pelas leis de abortamento. Apesar de tanta crueldade, são em nossos colos que os que determinam os regramentos que nos ferem descansam e procuram afago. A hipocrisia social está aí, escancarada: ou se finge que não se vê, e nessa cegueira voluntária muitas morrem, ou quando não se pode negar que se viu, o julgamento judicial e a condenação social são operantes. O silêncio é o principal pacto entre a sociedade e as clínicas e locais de venda de remédios abortivos. Não é difícil descobrir onde ir, se necessário. O que realmente não se quer saber é a identidade das abortistas, assim como suas experiências. Este é um ponto importante. Todo mundo conhece uma mulher que já abortou, mas poucas querem saber quem elas são.

O caso das 10.000 mulheres, que ganhou popularidade após o lançamento de um podcast (2023) chamado: *Caso das 10 mil,* criado pela Folha de São Paulo[48], evidencia essa hipocrisia. Nele conta-se a história de uma clínica clandestina de abortos em Campo Grande/MS, de uma médica e dona da clínica, de seus funcionários, e das mulheres que abortaram, que foram processadas e condenadas.

Resumindo o caso: existia uma clínica de planejamento familiar na cidade de Campo Grande, que realizava abortos ilegais clandestinamente. Toda a comunidade local sabia o que se fazia ali. Era estabelecido um pacto de silêncio entre as instituições públicas locais, a sociedade campo-grandense e a clínica, conforme explicitam as jornalistas responsáveis pela narração e pesquisa do podcast (2023) mencionado. Após uma reportagem infeliz, na qual dois jornalistas

[47] Fragmento de diário de bordo - 2023.

[48] Folha de São Paulo. *O caso das 10.000.* [podcast] Spotify, 2023. Disponível em: https://open.spotify.com/show/5udt7SYVJBWfvvSeZoVwdt?si=6bb6d4e707574001. Acesso em: 01 out. de 2024.

fingem querer realizar um aborto clandestino e levam para rede nacional a existência da clínica, nem as instituições públicas e nem os políticos conservadores locais puderam continuar silenciosos e coniventes. A pressão política era maior. Assim, a clínica foi fechada, a médica responsável foi acusada pelos abortos que realizou, vindo a cometer suicídio antes do julgamento, os funcionários foram condenados pelo cometimento do crime de realização de aborto em terceiros, as quase 10.000 fichas de mulheres tiveram suas informações vazadas para a sociedade local e algumas delas foram condenadas judicialmente pela prática de abortamento.

Nesta pesquisa mergulhei em alguns dos relatos dessas mulheres, publicados no livro *Isoladas - a história de oito mulheres criminalizadas por aborto*[49] (2011). Elas não foram só condenadas no âmbito judicial, mas também socialmente e esse é um dos julgamentos que muitas temem: o medo de como serão julgadas por sua família e pela comunidade a qual pertencem. Como Débora Diniz (2024) afirma, as mulheres que abortam são mulheres comuns. São mulheres católicas, evangélicas, candomblecistas; mulheres manicures, donas de casa, advogadas, políticas, herdeiras, mulheres ricas e mulheres pobres, etc. Todas as mulheres em todas as classes sociais, de todas as cores e religiões interrompem gravidez, independente da razão. Elas sou eu e, talvez, também seja você.

2.2.1 Depoimentos biográficos sobre a experiência de abortamento no Brasil

Por ser corpo coletivo, isolar-me nos meus diários não me contemplou. Desde o princípio, interessei-me por conhecer o comum e o diverso das experiências abortivas. Busquei entender quais sensações e sentimentos emergem após a realização de um aborto ilegal e clandestino a partir das palavras daquelas que viveram. Assim como meus diários revelam a ardência emocional do momento em que foram escritos, as palavras delas também o fariam.

A luta dos feminismos em defesa da saúde e da autonomia de escolha do planejamento de vida das mulheres deságuam há alguns anos em movimentos de auxílio mundial para um abortamento seguro. Coletivamente, as mulheres encontram estratégias para ajudar umas as outras. Só nós sabemos nossas dificuldades, dores e necessidades. Só nós nos preocupamos com nossa saúde e dignidade. Somos nós por nós.

[49] Disponível em: https://catarinas.info/wp-content/uploads/2018/04/Isoladas-%E2%80%93-A-hist%C3%B3ria-de-oito-mulheres-criminalizadas-por-AADS.pdf. Último acesso em: 10 dez. de 2024.

Desses movimentos foram produzidos muitos documentários sobre o tema do abortamento clandestino, assim como textos e canais informativos. Alguns deles me acompanham de forma bem próxima nesta pesquisa: *Clandestinas - documentário sobre o aborto no Brasil*[50], *Vessel*[51], *Eu vou contar*[52], *Uma história Severina*[53], *À margem do corpo*[54], entre outros. Todos compartilham relatos graves sobre violências psicológicas e médicas, sobre casos de quase morte, assim como relatos de movimentos que lutam cotidianamente para dar apoio às mulheres que vivem em territórios nos quais o aborto é ilegal. Este é o caso de *Vessel* (2014), documentário que relata um pedaço do histórico do movimento feminista *Women on Waves*, que adentrava territórios que criminalizavam o aborto, embarcava mulheres e as levava ao alto mar para lhes dar medicamento abortivo. Esse movimento foi muito importante, tendo contribuído, inclusive, para a pressão social que ocasionou a legalização do aborto em Portugal. Durante anos o movimento contribuiu com ajuda às mulheres brasileiras, encaminhando medicamentos via correios (através do *Women on Web*). Porém, desde o ano de 2013, os medicamentos abortivos começaram a ser interceptados pela Anvisa, ocasionando um aumento de mortes de mulheres brasileiras, como declarou uma de suas fundadoras, Dra. Roberta Gomperts, na Audiência Pública da ADPF 442[55], realizada no ano de 2018, que ainda está em julgamento.

Para além dos documentários, mergulhei na leitura dos relatos compartilhados no livro *Isoladas - a história de oito mulheres criminalizadas por aborto* (2011), que mencionei anteriormente. Outros relatos públicos e anônimos, colhidos no site *Women on web*, também foram fundamentais para a navegação desta pesquisa. Encontrei depoimentos de muitas brasileiras neste site, expondo a subjetividade das realidades que viveram. Falar o que é real para nós e não o que disseram que é correto falar.

Apenas alguns depoimentos compõem diretamente o resultado cênico desta pesquisa, porém todos eles estão na fantasmagoria do trabalho. A sua leitura repetida e cotidiana alterava

---

[50] Fadhia, Salomão. *Clandestinas.* Brasil: Babi Lopes, 2014. [Vídeo] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AXuKe0W3ZOU&t=114s. Acesso em: 12 dez. de 2024.

[51] Whitten, Diana. *Vessel.* EUA, Holanda, Tanzânia, Portugal, 2014. [Vídeo] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=83r-vlLuGEg. Acesso em: 12 dez. de 2024.

[52] Diniz, Débora. *Eu vou contar.* Brasil: 2020. [Vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VvxYFxy0rP8. Acesso em: 12 dez. de 2024.

[53] Diniz, Débora; Brum, Eliane. *Uma história Severina.* Brasil: 2005. [Vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=65Ab38kWFhE. Acesso em: 12 dez. de 2024.

[54] Diniz, Débora. *À margem do corpo*. Brasil: 2006. [Vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4PoxtwM8nik. Acesso em: 12 dez. de 2024.

[55] STF. *Audiência Pública - Discriminalização do aborto (2/4).* Brasília, 2018. [Vídeo] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=73iYl4OxCYE&t=17402s - minutagem: 3h10m45s até 3h25m48s. Acesso em: 12 dez. de 2024.

a experiência anatômica do meu dia a cada momento de encontro. Sempre um nó na garganta, sempre uma identificação, sempre uma revolta e uma tristeza simultâneas. O trabalho de ouvir repetidamente esses depoimentos foi forte e um tanto avassalador, pois me sentia mais envolvida com o que estava sendo testemunhado a cada leitura e as palavras iam formando corpo.

Inicialmente, escolhi depoimentos anônimos ou escritos por mulheres desconhecidas por mim, e os encaminhei a amigas, para que dessem voz àquelas palavras. Entretanto, a ausência da real vivência daqueles fatos por quem os estava lendo impedia que surgisse o tônus do acontecimento em suas vozes. Seria necessário uma direção de texto um pouco mais elaborada e eu não me convenci de que esse seria o melhor caminho. Como um sinal da criação, recebi um relato espontâneo de uma pessoa próxima, com quem eu havia conversado sobre minha experiência quando retornávamos de um trabalho. Nesse dia, nós duas descobrimos que abortamos no mesmo mês e no mesmo ano. Seu depoimento me tocou profundamente. O tom de sua voz, as pausas, tudo era real. Percebi que me interessava colher mais testemunhos descritos por quem os viveu. Infelizmente, não era mais possível, devido ao tempo avançado, buscar relatos mais íntimos e próximos. Então, fui às reportagens jornalísticas, busquei experiências vividas pelas vozes que as contam e as uni à pesquisa corporal. O engajamento corporal que surgiu modificou a forma, o tônus e a cena. Os gestos ficaram mais agudos, com uma fluidez quebradiça, uma queda de algo que já está no chão. Passei a me sentir cada vez mais acompanhada dos fantasmas dessas mulheres, tanto das vivas, quanto das que morreram por conta de um abortamento clandestino mal sucedido.

Compartilho aqui alguns desses depoimentos, alguns deles presentes sonoramente no trabalho cênico e outros não. Darei nomes fictícios, a fim de evitar qualquer exposição.

Joana:

> Eu não consegui viver confortavelmente com isso até hoje. Então, remexer nisso, eu ser chamada para responder como um crime, e numa situação tão dolorosa. Porque só eu estou sendo intimada? Este é ainda o meu grande questionamento. **Por que só nós, mulheres, somos punidas?** Ninguém consegue me responder isso. Será que ninguém pensa nisso? Por que só a mulher? Eu me sinto injustiçada. Eu acho que o rapaz com quem eu me envolvi também é responsável, eu acho até que muito mais, porque se ele tivesse me apoiado, não que eu esteja querendo me isentar da culpa, **mas eu acho que ele também é muito responsável por tudo isso, e com a vida dele não aconteceu nada**. **Agora eu tenho que ir ao fórum, todo mês, prestar contas, onde eu estou, onde eu moro. Por**

dois anos eu vou ter que passar por isso, não posso sair daqui sem me comunicar.[56] (grifo meu)

Liz:

Ninguém sabia o que fazer e a maioria vinha com histórias horríveis de seringas com produtos suspeitos sendo aplicados nas vulvas das mulheres e que poderia levar à morte. Ainda assim parecia melhor que ter um filho. [...]
O meu maior terror foi procurar o médico e o **medo de ser acusada**. Depois descobri que outras amigas passaram por isso e todas tiveram dificuldades no pós procedimento. Pouca gente externa sobre o assunto, mas é importante que falemos disso com nossas amigas e pessoas de confiança. **A criminalização do aborto nos faz passar por dificuldades mil vezes maiores do que abortar em si, que é uma decisão que, quando a temos, não nos resta dúvidas, enquanto a criminalização nos deixa com medo e inseguras, nos enfraquece[57].** (grifo meu)

Rafaela:

Eu já tinha uma filha e não tinha a menor condição de ter uma outra criança. Eu tenho reações horríveis a anticoncepcional. Eu não pude contar para minha mãe, porque ela não iria me apoiar. Então, eu fui sozinha para uma clínica. Paguei 700 reais. Quando eu cheguei lá eu fui recebida por um **médico vestido de açougueiro**, com um **avental branco todo ensanguentado e com instrumentos claramente artesanais**, rudimentares. Ele aplicou uma injeção local, que eu não me lembro se funcionou ou não. Eu **senti dores absurdas** e aí eu comecei a ter uma **crise de vômito**, enquanto **o médico me torturava dizendo que se eu não tivesse procurado ele, eu não estaria vivendo aquilo.** Eu comprei os remédios que eu tinha que comprar e nos seis dias seguintes eu fiquei completamente fora de mim, pela situação toda, e com sangramentos muito constantes. Até que um dia, depois de muito sangramento, de um sangramento muito forte, eu desmaiei sozinha no meu quarto. Eu deixei um recado para minha mãe dizendo que eu ia viajar e fui encontrar meu namorado que me levou para um hospital particular, perto da casa dele. A minha sorte é que o hospital tinha convênio com o SUS, mas eu cheguei no hospital e eu desmaiei de novo quando eu cheguei. E quando eu acordei a plantonista falou que eram seis da manhã e que o plantão dela tinha acabado, que ela não ia poder me atender. Que **era para eu dizer pro médico seguinte que eu tinha tido um aborto espontâneo** e aí eu vi ela dando instruções para as técnicas de enfermagem que estavam por lá. Quando ele chegou **ele ficou falando coisas horríveis sobre o aborto e as técnicas de aborto, enquanto as enfermeiras ficavam tentando convencer ele de que eu era uma "moça direita" e que eu tinha realmente sofrido um aborto e que eu estava sofrendo muito. E desde que eu cheguei lá, a plantonista anterior tinha me dito que se eu não dissesse que era um aborto espontâneo, ele ia me deixar morrer[58].** (grifo meu)

Maria Luísa:

---

[56] Galli; Sydow. *Isoladas: a história de 8 mulheres criminalizadas por aborto*, p. 7. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1nSnf2QtJkfKEHTYzhA_VV0IrZ3aYBmwrnzy4dLvWLNc/edit?tab=t.0 Acesso: 05 abr. de 2025;

[57] Women on Web. *Depoimento anônimo sobre aborto - Liz.* Disponível em: https://abortionstories.womenonweb.org/pt/page/19970/liz. Acesso em: 5 abr. de 2025;

[58] Fadhia, Salomão. *Clandestinas.* Brasil: Babi Lopes, 2014. [Vídeo] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AXuKe0W3ZOU&t=114s. Acesso em: 12 dez. de 2024.

Engraçado que eu li, na época, quando eu estava procurando ajuda de alguma entidade que pudesse me amparar, me ajudar, me orientar, porque eu estava totalmente perdida. **Eu li uma reportagem que intitulada "Mães monstros",** que falava justamente dessa clínica. Aí eu li a reportagem e falei: **"Meu Deus do céu, eu sou essa mãe tão monstro assim, será?" Eu até conversei com a minha filha depois.**[59] (grifo meu)

Laura:

Parece aquela época da Inquisição, igualzinho. **Parece que as mulheres que fizeram isso são bruxas, são a escória da sociedade.** Parece mais ou menos isso aí. É isso o que a gente pensa, é isso o que a gente sente na pele. É assunto proibido, até hoje você falar para alguém disso aí, nossa, cai o mundo. Tem que falar em silêncio, falar baixo essa palavra.[60] (grifo meu)

Lorena:

É muito injusto isso, é o nosso corpo, mas a gente não fez o filho sozinho. E só a mulher que tem que passar por um processo doloroso, muitas vezes, correndo risco de morte, sabe-se lá em que condições insalubres. Eu tive a felicidade de fazer num lugar decente, e que me trataram como gente, e quantas perdem a vida, quantas não vão poder ser mais mãe, ter filho, não vão poder reconstruir a vida, ter um novo relacionamento, quantas morrem? E para os homens? E a outra parte, os outros 50%? Por que sem nenhuma punição? Por que não dividir essa pena com eles também? Eu acho que melhoraria muita coisa. Não sei se isso, algum dia, vai acontecer nessa sociedade machista em que a gente vive. Não sei se eu vou viver para ver isso mudar, mas é uma coisa que eu acho que precisava ser mudada.[61] (grifo meu)

Maiara Rejane:

Dia 02 de Julho, voltava de uma festa, havia bebido e pra piorar me desentendi com uma amiga. Voltei pra casa aos prantos, emocionalmente abalada. No corredor do prédio, um vizinho que sequer conhecia me acompanhou até ao meu AP. Sinceramente não sei o porquê dele ter entrado em minha casa. Mas enfim; Ele começou a me acarinhar e aconteceu e ele não tinha preservativo. Trocamos contatos e ele foi para o AP dele. No outro dia, acordo assustada, em pânico e lembro do acontecido, Demorei um pouco para associar quem foi o cara. Lembrei do contato dele e entrei em contato. Logo ele veio até mim, dizendo que ia comprar a pílula do dia seguinte. Eu iria comprar logo cedo, mas ele insistiu em trazer a noite. Assim o fez, às 20h do dia 03.07 **tomei a pílula,** acreditando que iria me resguardar. Pois bem... Tenho endometriose confirmada e ainda achava que esse problema me livraria da gravidez. Os dias foram passando, comecei a me achar estranha fisicamente e exatamente no dia do meu aniversário senti um enjoo que me chamou atenção. Enjoava o cheiro de detergente líquido e perfumes. Comecei a me preocupar, mas a "pílula" me resguardava. Uma amiga falava pra eu ir fazer uma transvaginal, mas eu achava muito cedo. **(Durante esse tempo tomei inúmeros chás: Canela, Lona, Artemísia,**

---

[59] *Isoladas: a história de 8 mulheres criminalizadas por aborto*, p. 21. Disponível em: https://www.geledes.org.br/isoladas-oito-mulheres-criminalizadas-por-aborto/. Acesso: 05 abr. de 2025;

[60] *Isoladas: a história de 8 mulheres criminalizadas por aborto*, p. 41. Disponível em: https://catarinas.info/wp-content/uploads/2018/04/Isoladas-%E2%80%93-A-hist%C3%B3ria-de-oito-mulheres-criminalizadas-por-AADS.pdf. Acesso: 4 dez. de 2024;

[61] *Isoladas: a história de 8 mulheres criminalizadas por aborto*, p. 51. Disponível em: https://catarinas.info/wp-content/uploads/2018/04/Isoladas-%E2%80%93-A-hist%C3%B3ria-de-oito-mulheres-criminalizadas-por-AADS.pdf Acesso: 4 dez. de 2024.

Arruda, Infusão de Cravo, Vitamina C, Aspirina Escaldava os pés e me enrolava, nada contra a quem faz, mas pra mim não resolveu nada disso aí. Já que minha menstruação estaria chegando dia 21.07. Chegou o dia 21... E nada da minha menstruação. Meu corpo já mudava ; os seios doloridos e mamilos enormes, enjoos, xixi toda hora e ainda minha cabeça me enlouquecendo. Ainda tinha esperança que minha menstruação viria. Mas ela não veio no dia 08 de agosto de 2018. Fui fazer a transvaginal, ainda acreditando que aquilo não estaria acontecendo comigo. (Só essa amiga sabia, não contei a ninguém da minha família). Logo no procedimento o médico disse: estou vendo aqui uma gravidez. Sim, ele confirmou o que eu achava que não ia acontecer. Entrei num desespero. E ele ainda disse que eu estava com 7 semanas. Eu pensava: Como? Se só tem 1 mês de relação sexual. Não acreditava naquilo. E tampouco minha amiga.
Saí chorando da Clínica, sem chão, sem saber o que fazer. **Só tinha essa amiga a contar.**
Foi quando ela disse: Você vai procurar ele e falar . Assim o fiz e o mesmo ficou surpreso, já que teria me dado a pílula. Eu já estava estressada, nervosa, sem saber o que fazer. Ele não queria e nem eu, não pelo bebê em si. Mas pelo acontecido, a forma como aconteceu. Não iria me perdoar nunca, ter um filho, criar uma criança de um cara que sequer conhecia, o que diria minha família e amigos? Eu não saberia dar conta disso. Se fosse de um namorado, um amigo que tivesse me relacionado, mas **era um cara que talvez se aproveitou da minha embriaguez para se satisfazer.** Enfim, eu já estava decidida e ele dizia o mesmo. Pedi para providenciar o dinheiro, o conhecido de minha amiga comprou os 3 comprimidos por R$150,00 e naquela mesma noite na casa dessa amiga, madrugada aliás por volta das 1:20 pus debaixo da língua 1 comprimido e os outros 2 introduzi na vagina com a ajuda de um aplicador vaginal. **Todos foram dormir e eu com minha angústia, remorso tudo ao mesmo tempo, preocupação de acontecer algo de ruim comigo.** Passei a madrugada em claro, por volta das 5h comecei a sentir contrações e umas 6:30 fui ao banheiro sentindo cólicas fortes, mas como tenho endometriose era suportável. Nesse momento, saiu o 1º coágulo. Chamei minha amiga e ela disse que não era o saco gestacional. Para eu deitar e assim o fiz. Pus absorvente e uma toalha grossa embaixo das pernas, porque o sangue não descia e era forte. Por volta das 8h fui novamente ao banheiro, senti descer algo, me agachei e fiz força, foi quando s**aiu um coágulo grande e com algo estranho dentro. Essa amiga disse ser o saco**. Durante a manhã e tarde passei o dia todo debilitada, fraca e com cólicas que iam e viam. Minha amiga comprou Água Inglesa e pediu que eu começasse a beber uma tampinha 3x dia. **Esse dia pra mim, foi aterrorizante e ao mesmo tempo de alívio.** Não sabia ainda definir o que estava passando comigo. Dia 12 de agosto estava na casa da minha mãe e senti fortes cólicas insuportáveis, tomei ibuprofeno e melhorei. Dia seguinte, já em casa, novamente as dores cólicas fortes iguais as que tenho quando a endometriose ataca. Vim sangrando e dia 21.08 acredito ter descido minha menstruação, porque estava o sangue muito forte e durou apenas 4 dias. Desses dias pra cá, o sangue cessou e sintomas ainda continuaram, sentia enjoo os seios inchados, corpo estranho, muitos gases, barriga inchada demais. E sangue descendo pouco. Ontem dia 11.09 fui fazer a transvaginal pra ter a certeza e realmente não havia nada, nem restos ovulares, apenas o útero aumentado, hoje 12.09 ainda desce sangue. Estou tomando chá de tanchagem que ajuda a limpar o útero e talvez seja isso que acelerou a saída do sangue. Contabilizando, devo estar com 33 dias do acontecido. Mas fora o trauma, estou tentando melhorar, às vezes choro, sinto estar fraca. Mas ainda assim agradeço a ajuda que tive dessa minha amiga. Porque eu não sei o que eu poderia ter feito, sem o apoio dela. **A gente se sente sem chão.** Ainda mais na situação a qual me envolvi. **O cara irresponsável, após o aborto sequer me perguntou se estava bem, imagina ter um filho com um imprestável desse?**
P: A ilegalidade de seu aborto afetou seus sentimentos? R: **Sim e muito. Muito mais pela situação que eu me encontrava. Me senti desolada, sem apoio, sem rumo a seguir. Desamparada é a palavra.**[62] (grifo meu)

[62] WOMEN ON WEB. *Depoimento de Maiara Rejane*. Disponível em: https://abortionstories.womenonweb.org/pt/page/16801/maiara-rejane. Acesso em: 1 jan. de 2025.

Nih:

> Descobri a gravidez com 7 semanas, para mim foi um choque, não queria e não podia ter agora, **estou passando por problemas financeiros e um término de um casamento** no qual sofri muito, conheci uma pessoa e comecei ficar com ela e **me cuidei, mas falhou** e por azar acabei engravidando, o pai do bebê simplesmente não queria me apoiar, queria que eu tivesse, que me ajudaria, não entendia minha situação, sofri muito, tive que me virar sozinha já não aguentava mais trabalhar passando mal, cansaço, mal estar estava muito mal, quase em depressão quando achei esse site, li vários depoimentos e vi que não estava sozinha, me preparei e comecei a correr atrás de abortar, **tomei muitos chás que só me fizeram passar mal, tomei uma dosagem falsa de cytotec, não senti nada, só vomitei e tive sono,** iam passando os dias e eu corria contra o tempo, eu precisava acabar com isso logo, o pai da criança estava nem aí, só curtia e já estava com outra e eu sentia nojo dele por estar sofrendo e não tendo apoio, foi quando apareceu minha luz no fim do túnel, um amigo de outra cidade conseguiu pra mim 4 comprimidos por 250 reais, eu apostei neles porque era todo dinheiro que eu tinha e pesquisei muito sobre os originais e quando ele me mandou foto fiquei aliviada de ver que eram mesmo. Foi dificil mandar os comprimidos, mas ele conseguiu por Sedex. Chegaram na segunda e fiz o processo na quinta à noite, tomei 2 sublingual e mais 2 intravaginal, indicação do rapaz que vendeu. Meia hora depois de tomar os sublingual e colocar os outros, começaram as cólicas e os calafrios, as cólicas foram aumentando tive que tomar banho quente para aliviar, depois tive febre e consegui dormir, acordei às 4h com contrações e cólicas muito fortes, mas nada de sangramento. Tomei mais um banho quente e um analgésico para dor e dormi mais um pouco, quando foi 6 horas da manhã, senti algo estourar dentro de mim e senti um líquido quente no absorvente. Fui ao banheiro e era um líquido amarelado que vi que era minha bolsa estourando, voltei a deitar e não consegui dormir com contrações. Depois, às 8 horas da manhã, senti que algo ia descer, corri pro banheiro e sentei no vaso e fiz força. Desceu sangue com coágulos, e logo em seguida, desceu o feto que ficou pendurado pelo cordão que tive que cortar, porque não queria descer, depois disso mais sangue e coágulos e a dor diminuiu e ficou uma cólica tipo menstruação, só que com fluxo maior. Estou me sentindo muito bem, os sintomas sumiram, vejo cor na vida de novo e me **sinto aliviada por ter conseguido. Se vocês estão nessa situação, mantenha a calma, pensem positivo e vão em frente que tudo vai dar certo! Boa sorte a todas.**
> P: **A ilegalidade de seu aborto afetou seus sentimentos?** R: **Sim, tive medo de alguém descobrir ou ter complicações e ter que ir pro hospital.**
> P: Como as outras pessoas reagiram ao seu aborto? R: 4 pessoas souberam , 3 me apoiaram e 1 foi contra.[63] (grifo meu)

Gabi (relato recebido por whatsapp, encaminhado por uma mulher conhecida):

> No dia que eu descobri que estava grávida até o dia do aborto foram exatos 25 dias. **Foram 25 dias inundados de solidão, medo e de uma experiência arrebatadora com meu corpo. Eu sabia que o que eu decidisse seria uma mudança avassaladora para a minha vida.** Uma escolha que atravessaria a minha experiência daqui para a frente. Acho que a gente passa por esses momentos na vida, que a gente sabe que está numa grande virada da nossa história. Eu tinha consciência de que aquele era um desses. Eu sabia que não seria mais a mesma pessoa, que eu já não era mais a mesma pessoa. **O medo foi com certeza um dos principais afetos desse período. Medo de me ver sozinha sem ter acesso à informação que me desse qualquer segurança.** Os cenários que estavam sendo apresentados para

[63] WOMEN ON WEB. *Depoimento anônimo – Nih.* Disponível em: https://abortionstories.womenonweb.org/pt/page/16252/nih. Acesso em: 1 jan. de 2025.

> mim eram sempre carregados de silenciamento, caso eu escolhesse abortar. Como se eu fosse ser a primeira pessoa ou a última a passar por isso. O entorno me dizia que eu não podia escolher ser dona do meu próprio corpo e da minha própria vida. **Eu nunca me senti tão sozinha quanto nesses dias.** [...] Eu tive a sorte do meu ginecologista me deixar claro, desde o princípio, que aquela escolha era minha. Mesmo me endividando, eu tive a oportunidade, que muitas mulheres não têm, de ser acompanhada por um profissional desses. [...] Mesmo com todo o apoio e com a certeza da escolha que fiz, o aborto foi uma das experiências mais traumatizantes da minha vida. Traumatizante de trauma mesmo. Uma experiência física estressante. Eu fiz o aborto medicamentoso. [...] A casa estava toda preparada para viver aquilo comigo. Os isotônicos estavam na geladeira, frutas, uma comida leve preparada, meu companheiro da época com o dia liberado para me acompanhar durante o processo e minha irmã, que é médica, avisada e me acompanhando à distância. Tomei o primeiro comprimido. [...] Tomei a segunda dose. Pouco mais de 30 minutos depois, eu já começo a sentir cólicas. O que aconteceu depois foi uma completa entrega de mim ao meu útero. **Meu corpo se dobrava em direção dele, minhas vísceras expulsam tudo que tinha dentro de mim**. As contrações eram um guia para o restante do meu corpo. [...] Eu me dou conta entre as contrações, que eu estou parindo esse feto. **A ida para o hospital foi inevitável. Eu fui engatinhando pela casa, pelo elevador, corredor do prédio, até chegar no carro. Eu já não conseguia mais ser bípede e tudo o que essa posição corporal nos traz.** Era na quadrupedia que meu corpo encontrava alguma chance de se locomover. A necessidade de vocalizar era instintiva e a de focar na minha respiração também. Chego ao hospital sem dar a chance de não ser notada. Os gritos de dor convocam a todos a não serem alheios ao que estava acontecendo no meu útero. Muito rapidamente sou atendida. [...] **Não tem mais batimentos cardíacos. O choro incontrolável vem. A concretude da escolha vem como um soco no estômago.** Mais uma contração e ainda muita dor. [...] A dor permanece e ainda é muito forte. [...] A dor que senti não se aproxima de nenhuma outra que eu já tinha sentido. Os remédios começam a fazer efeito e começo a sentir meu corpo entorpecido. [...] Meu corpo volta a não ser só o meu útero. [...] Meu corpo não está expulsando o feto. [...] A imagem seguinte sou eu acordando no quarto. [...] Eu escutei muitas outras mulheres dividindo sua experiência de aborto. São muitas. **É impressionante como silenciam as nossas experiências, mas eu sinto que é exatamente quando eu não finjo que esse episódio não aconteceu na minha vida, que eu consigo dar contorno para essa experiência. Isso é muito importante.** (grifo meu)

Ao ter contato com depoimentos profundamente emocionais e subjetivos de mulheres que viveram esta experiência comum, conhecidas por mim ou não, confirmei que, para além da esfera da ilegalidade e da possibilidade da privação de liberdade, o que poderíamos chamar de uma esfera mais objetiva do assunto, há uma gama imensa, subjetiva e emocional, que precisa ser cuidada, olhada, estudada, partilhada, assim como precisa ganhar a devida importância na esfera coletiva, para que essa questão seja cada vez mais realocada na seara da saúde, recebendo seus devidos investimentos públicos. Eu me dei conta de que isso também era e é o que me faz querer compartilhar a minha experiência e me envolver com outras. Antes da interrupção, no momento de turbilhão, onde parece que se tem um vendaval dentro do estômago, o sentimento de medo e angústia é grande. Muitas vivem o sentimento da solidão. Isso precisa ser falado, compartilhado, ouvido e assimilado coletivamente.

Não temos muitas fontes oficiais no Brasil sobre as emoções e sentimentos que envolvem um aborto clandestino e suponho que isso se dê devido à ilegalidade do ato. Porém, nessa breve apresentação de alguns depoimentos que me formam nesta pesquisa, é evidente a repetição de alguns sentimentos como o medo de morrer, a solidão, o desamparo e o alívio. Meu corpo vibra de excitação em alguns momentos. Sinto uma vibração interna e visceral.

2.2.2 Diários - autodepoimentos escritos nos silêncios das páginas. Tempo espiralado das escritas de si

Estou emocionada ao ler meus escritos de X anos atrás. Dia 5 de novembro meu aborto faz aniversário[64].

Eu me emocionei muitas vezes ao ler meus diários. Emoção que soltava risada, bufada, incredulidade, cumplicidade, choro. Olhar, ler e sentir um testemunho sobre um tempo vivido por si, permite um deslocamento para quase uma terceira pessoa. Como se aquelas letras no papel fossem de outrem, um alguém que se conhece muito, que se tem muita intimidade, mas que também se desconhece, pois se faz outro, diferente de si. Os diários são uma forma de registro e também uma forma de conversar consigo fora do campo das ideias. Ali, materializa-se uma conversa que aconteceria no pensamento, exteriorizando-a e permitindo revisitas. É um ato de honestidade, se o interlocutor desejar.

Tenho um sistema "assistêmico" de escrita. Digo isso, porque depois de um certo momento da vida e uma aparente bagunça de alguns rituais, meus diários são espalhados. A cada momento que decido escrever, me faço presente em um caderno ou folha de papel diferente. Isso acontece naturalmente, por livre e espontânea desorganização. Assim, além dos silêncios temporais inerentes aos escritos cotidianos, eles estão também espalhados geograficamente, perturbando um pouco mais o aspecto linear que é incompatível com esta forma de escrita de si.

Meus diários, portanto, habitam uma geografia e um tempo espiralar que, como nos ensina Leda Maria Martins, poeta e acadêmica brasileira, é aquele que não é linear, que não segue uma ordem esperada, mas sim que se curva, se dobra, se entrelaça (Martins, 2021). Assim são os diários. Os meus, no caso, ainda tinteiam montanhas e folhas diversas, espalhadas por cadernos que vagueiam pelo tempo e espaço.

[64] Fragmento de diário de bordo - 2024.

Os diários têm mais lacunas do que continuidade (Leite, 2014) e são nelas que as histórias também são contadas, nesses silêncios das páginas, no que não se conta, não se registra. Ele se perde como exercício diário e se torna necessário quando se precisa contar para si sobre algum acontecimento que o pensamento apenas não dá conta. Percebo que os meus diários têm mais silêncios do que palavras. Porque não se registra algo? Por desimportância? Por falta de tempo? Por vergonha de si? Por receio de que outro leia? Talvez tudo junto. Da gravidez à decisão de realizar o aborto, da interrupção propriamente dita até os dias de hoje são muitos hiatos. Preenchida de lacunas escritas na ação da vida e de memórias densas, caminho por eles a fim de trazê-los como testemunho de outros tempos e do presente.

Eu abortei. Abortei um garoto. Abortei junto um enjoo, uma barriga e uma vida. Abortei um caminho de vida.

A mulher solitária da casa vermelha saltou de uma janela, sobrevoou o mundo e parou, aterrissou numa casa verde e marrom. Verde de esperança e marrom de merda.

A mulher solitária não é mais solitária. Ela encontrou um amor há 2 meses. Dois meses que são dois anos ou mais de tamanho mergulho no magma da Terra que esses dois comparsas deram.

Eu abortei desse amor. Abortei um amor que se criava no meu ventre e fruto de um encontro inesperado e inebriante.

Eu fiz a escolha mais difícil da minha vida até agora. Eu receio ficar triste por um tempo. Eu sinto que terei menos entregas de sorrisos.

Eu aspirei. Não. Aspiraram o embrião do meu útero. Eu aspirei uma formação dentro de mim, aspirei tecido conjuntivo entrelaçado ao meu. Meu tecido conjuntivo que estava sendo material para formar uma outra vida, que ia ser formada do meu tecido conjuntivo, que ia ser eu por 9 meses. Por mais 8 meses, porque já me habitava há um mês.

Aspirei um pedaço de mim.

Foi uma imersão enlouquecida de hormônios nesse mês, na realidade na uma semana e meia que eu soube que estava gestando.

Quem me mostrou foi minha abuelita-ayahuasca na cerimônia que fomos, três dias antes de descobrirmos que eu estava grávida, ela me fez colocar a mão no ventre e ficar ali dando energia para um embrião que estava se formando em mim. Nosso pequeno cacto. Nosso pequeno cacto. Nosso pequeno cacto[65].

Eu tomei um susto na primeira vez que li esse fragmento, quando já mergulhada na pesquisa. Agora, escrevendo este texto, me assusto de novo, me assusto todas as vezes que leio. Arregalo os olhos, franzo a testa e puxo o ar profundamente. Sinto que essas palavras não são minhas, mas de uma ancestralidade de mim. A tristeza que as habita não é uma realidade presente no agora. Elas vão de encontro ao que vim formando-me desde então. Isso é uma das questões mais inquietantes do trabalho de pesquisa com diários próprios: o encontro com outras formas subjetivas e anatomias emocionais que já formaram o mesmo ser, esse eterno envolvimento e corrompimento do que se está. Nessas palavras estão expostas a materialidade de uma perspectiva formativa.

Sinto-me uma espectadora de mim quando me releio em tempos passados. O ato de escrever sem saber o que virá, tem como premissa a possibilidade de se contradizer a todo tempo. Entretanto, apesar dos não reconhecimentos das palavras, as sensações descritas me incorporam instantaneamente. Retorno ao local e à experiência, relembro a sensação vivida e as imagens e cheiros que habitaram o momento descrito.

O que me faz querer falar sobre o aborto cenicamente? Estar refletindo sobre os autodepoimentos, autoficções, autobiografias têm me feito perceber o tamanho da violência relacional que sofri com J. Não foram apenas os atos pós-aborto, com toda sua moral católica e patriarcal de pensamento, quando ele vinha me culpar pela tristeza dele e falar de sonhos comigo segurando bebês, o que me fez chegar ao ponto de ter que lhe falar que eu não era responsável pela sua felicidade e que não iria lhe dar um filho. Foi também no momento pré. Foi da dúvida, SUS e pré natal, J. com a mão na minha barriga ao dormir, sua ausência em ser explícito sobre suas condições emocionais e financeiras, suas acusações de que eu estava pensando demais e só pensava em como sustentar essa

[65] Fragmento de diário pessoal após a realização do aborto.

criança caso ela nascesse, suas acusações de que eu era fria, quando na verdade estava sendo responsável comigo.

(...)

Enquanto eu escrevia estas palavras, ao virar a página, páginas e páginas voaram pela minha janela. Folhas soltas - relatos sobre o aborto que estavam soltos no caderno e VOARAM PELA JANELA. Caíram em um platô, que não sei se conseguirei ter acesso.

Os vi voando em câmera lenta, sem acreditar que isso estava acontecendo.

Eu tinha demorado para recolhê-los, pois estavam espalhados em vários cadernos.

Meus diários não são lineares.

Por uma fração de segundos, tive o impulso de me esticar e jogar para pegá-los. Ainda bem que as raízes foram mais fortes. Permaneci na janela com o busto para fora incrédula que tinha perdido papeis que relatam momentos logo após o aborto.

Eles voaram.

Um gesto simbólico, eu diria.

Eram papeis que traziam uma reflexão que ia completamente de encontro com o relato que hoje escrevo sobre a pessoa que estava comigo. Eles terem saltado ao infinito, se lançado ao ar, é quase um grito silencioso de que aqueles escritos não fazem mais sentido, após o tempo passado. Não os escritos em si, nem as palavras e a experiência...

Digo sobre a dúvida que me pairava. E que, por óbvio, ainda se aloja bem lá no fundo dos meus pensamentos: o que teria acontecido se eu tivesse tido uma criança naquele momento? É fácil acreditar em contos de fadas, fomos criadas por eles. Mas eles não são reais e nem cotidianos. A vida é bem mais cruel do que isso.

Eles se lançam e voam para falar: o que você fez era o melhor para você.

Esqueça a dúvida. Ela não era sua. Era de outra pessoa.

Hoje descobri que os papeis também falam comigo.[66]

[66] Fragmentos de diário pessoal - 2024. Os papeis escritos que voaram foram recuperados dois dias depois pelo zelador do prédio onde moro. Ventou fortemente, quase choveu, mas a água e o vento se fizeram mais comedidos do que o desejo dos papeis voltarem às minhas mãos e ganharem estas páginas e publicidade.

Lembro de sentir o vento no rosto, como se eu existisse naqueles papeis que alçavam seu voo de liberdade. Os diários são uma dramaturgia preenchida de tempos espiralados e silêncios. Federici: “Ninguém pode descrever, de fato, a angústia e o desespero sofridos por uma mulher ao ver seu corpo se voltando contra si mesma, como acontece no caso de uma gestação indesejada.” (2017, p. 165)

Passado algum tempo da realização do aborto, deparo-me com minha revolta e com a força de quem tomou sua vida para si, desobedecendo o ordenado e mantendo-me comigo.

> Afinal, tendo sido educadas para a maternidade, para serem missionárias, enfermeiras ou professoras, as mulheres foram tacitamente convidadas a esquecerem de si mesmas, ao renunciar ao exame da própria existência, e, acima de tudo, foram estimuladas a cuidar do outro em primeiro lugar.
> (Rago, 2013, p. 64)

Tem uma revolta que vem no peito de uma forma tão pulsante que o desejo é sair por aí como uma amazona ou uma vicking lutadora, com espada na mão, arrancando cabeças. Como ousam querer controlar o que faço comigo? Como ousam querer nos dizer o que é melhor ou não para nós, de que instinto somos ou não somos moldadas? Socorro. Virem suas bocas de lixo e suas mãos nojentas para lá. Tirem seus corpos e olhares imundos da nossa frente e nos deixem passar belas, livres e fortes. Necessita-se de muita força e muita parceria para se viver nesse mundo no corpo reconhecido como um corpo de mulher. Só nos deixem em paz. Nos esqueçam. Declaro que sou completamente a favor do aborto. Defendo, sim, a vida. Àquela primeira já existente e formada, a vida da mulher. [67].

Muitos desses escritos são palavras no escuro, não pensadas, mas declaradas espontaneamente pela vida das mãos. Pula-se da raiva para a dor, que se move para o alívio e esbarra no festejo sem perceber para onde e de onde vem as transições. São muitas formas que coabitam uma experiência.

[67] Fragmento de diário pessoal escrito há algum tempo da feitura do abortamento clandestino.

Mar em dia de maré cheia

ATRAVESSAMENTO III

O ABORTAMENTO CLANDESTINO E ILEGAL

Se eu desvelar meu segredo, o que dirão? Dirão que mereço as mazelas da ferida exposta. Devastarão minhas trilhas e tramas. Se já não calada pela morte que se faz surda no barulho das certezas ásperas, calarão-me a boca e me jogarão palavras fedidas. Dirão que mereço a prisão e a morte. Falo nas esquinas clandestinas[68].

Sim. Todas e todos sabem que os abortos clandestinos acontecem diariamente e são realizados por muitas mulheres de variadas idades, umas já com filhos e outras pré-adolescentes ou até crianças. Encontrar um endereço de uma clínica de aborto não é uma tarefa difícil. Elas estão aí expostas ao mundo, no pé da rua. Encontrar medicamentos para sua realização doméstica, tampouco.

Minha trajetória é permeada pela vivência de uma faculdade pública de Direito e por trabalhos vinculados com a violência doméstica e o sistema prisional. Sou formada, para além da poesia dos gestos e da dança, pelas leis e sua instrumentalização como luta social, para alguns, e como estratégia de controle, para outros. Assim, não tenho como deixar de adentrar minimamente no campo da legislação nacional e nas pesquisas institucionais sobre o abortamento clandestino, uma vez que ambos permeiam a construção do processo cênico resultante desta pesquisa.

Há um acordo tácito entre a sociedade civil e a interrupção de gravidez. Como já dito, muitas pessoas sabem onde encontrar uma clínica de aborto, assim como onde ir e para quem pedir um medicamento. O que não se deseja saber, encontrar, ouvir ou dar assistência são às abortistas. Nós, sim, temos que ser clandestinas. Não querem saber quem somos, a experiência que vivemos; não querem nos dar cuidado e nem se preocupam em nos respeitar, apenas querem nos julgar e nos controlar. Muitas vezes, até nos encarcerar ou nos deixar morrer.

A experiência da realização de um aborto clandestino implica, para além da tomada de uma decisão difícil e radical, um grande receio quanto à própria saúde e vida. Muitas mulheres

[68] Fragmento de diário pessoal um pouco após o abortamento.

morrem por conta da realização de abortos clandestinos. Segundo informações oficiais da Organização Mundial da Saúde, o aborto clandestino está entre as cinco maiores causas de mortalidade materna no mundo[69]. Há muitas histórias: desde materiais mal esterilizados ou completamente rudimentares (cabides e cabos de mamona são exemplos de materiais utilizados por mulheres no desespero por abortar), a médicos que, ao atenderem mulheres que afirmam ter vivido um aborto espontâneo, as deixam morrer quando desconfiam que houve indução voluntária. São muitas as motivações que causam um grande receio nas mulheres, o que torna a experiência ainda mais tensa e velada.

Isso acontece porque ainda não conseguimos retirar o aborto da seara criminal, da culpa, do constragimento, do errado. Foi apenas em 2016 que a igreja católica iniciou um movimento de perdão às mulheres da igreja que confessassem seus abortos, devido a uma decisão do Papa Francisco. Ou seja, a igreja católica que antes não perdoava, mas sim jubilava, hoje perdoa, o que reforça o estigma da culpa nas mulheres que abortaram.[70] E assim seguem a maioria das religiões.

Eu vivi a experiência da cobrança do sofrimento após a realização do aborto do homem de quem engravidei. Logo após a interrupção da minha gravidez, minhas taxas hormonais voltaram ao padrão e voltei a me sentir produtiva, uma vez que me sentia muito densa durante as semanas iniciais que permaneci em gestação. Estava muito aterrada, era só chão. Eu mudei de casa e esse rapaz se mudou comigo. A organização financeira da casa ficou sob minha responsabilidade e eu fiz um corre danado para conseguir bancá-la. Esse rapaz, que permaneceu na minha casa por mais três meses, momento em que eu tive de expulsá-lo, gritava comigo e me apontava o dedo afirmando que eu não estava sofrendo, questionava como eu poderia não sofrer. Ele queria me ver em depressão jogada no chão sem conseguir trabalhar ou produzir, bem ao contrário do que senti. Durante todos esses meses, para além da tentativa de manobra de me impor a

[69] EXPRESSÃO NACIONAL. *Aborto é um dos principais causadores de mortes maternas no Brasil*. TV Câmara, 2014. [Vídeo]. Disponível em: https://www.camara.leg.br/tv/445740-aborto-e-um-dos-principais-causadores-de-mortes-maternas-no-brasil. Acesso em: 25 out. de 2024.

[70] Ordaz, Paulo. *Papa Francisco autoriza o perdão da Igreja Católica às mulheres que abortaram.* El País, 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/21/internacional/1479724533_498479.html Acesso em: 09 jan. de 2025.

necessidade de um "sofrimento verdadeiro", ele ainda me manipulava para ter dúvidas sobre a decisão que eu tinha tomado e que eu sabia, conscientemente, que era o melhor para os desejos de vida que eu tinha à época e tenho hoje. A imposição do sentimento de culpa é cruel.[71]

A luta deve ser a favor do aborto, deve ser em defesa de que as mulheres possam decidir plenamente sobre sua vida reprodutiva, e consequentemente sua vida sexual. Localizar o aborto como um assunto de peso e culpa, coloca primeiramente a vida sexual das mulheres como um problema, o que não tem qualquer cabimento. Nós transamos porque gostamos, porque queremos e porque gozamos. Somos nós quem mais cuidamos das nossas vidas sexuais e reprodutivas, seja ingerindo regularmente medicamentos contraceptivos ou muitas vezes insistindo para usar camisinha em uma relação sexual. Muitas de nós já vivemos a situação e muitos homens sabem (mesmo fingindo que nunca fizeram) que, com frequência, "esquecem" a camisinha para ver se "cola" transar sem. Alguns ousam dizer que aperta, o que é risível. Isso quando não tiram no meio do sexo sem que percebamos, o que configura uma grave violência sexual contra a mulher[72].

Neste caminho:

> De fato, é uma arma tão poderosa que estão a ser feitos grandes esforços para nos levar ao silêncio ou a usar slogans fracos como "Pró-escolha". É interessante que possamos ver e ler todo o tipo de palavras, símbolos, linguagem, nuances e excitação sexuais nas prateleiras das revistas dos supermercados, nos ecrãs da televisão e do cinema, mas quando se trata de falar publicamente sobre a realidade de como as mulheres vivem o sexo na nossa vida real, ainda há muita vergonha, culpa e medo a ter em conta. A gravidez e o aborto são o resultado do sexo. Como dizia um cartaz na Marcha da primavera da NOW em Washington: "Se o aborto é um crime, foder é um crime".
> [...]
> Mas o aborto deve ser SEGURO, LEGAL, PRONTAMENTE ACESSÍVEL e SEM CULPA para ser uma escolha genuína e livre de restrições.
> [...]
> Este argumento de culpabilização contra o aborto vem daqueles especialistas liberais que não querem ser totalmente contra o aborto ou a "escolha", mas querem certificar-se de que todas as mulheres pagam pelo seu pecado de engravidarem (elas próprias?) passando pela

[71] Fragmento de diário pessoal.

[72] O caminho é árduo e qualquer movimento em direção à legalização do aborto é importante e deve ser comemorado. Recentemente, após a defesa desta pesquisa, em 29 de março de 2025, a Juíza Luíza Barros proferiu uma decisão deferindo o pedido de aborto de uma mulher que engravidou após a retirada da camisinha sem seu consetimento durante o ato sexual.
Santos, Rafa. *Tirar camisinha sem consentimento justifica aborto legal, decide juíza.* Consultor Jurídico. Disponível em: https://www.conjur.com.br/2025-mar-29/tirar-camisinha-sem-consentimento-justifica-aborto-legal-decide-juiza/#:~:text=A%20ju%C3%ADza%20Luiza%20Barros%20Rozas,que%20%C3%A9%20conhecida%20como%20stealthing. Acesso: 05 abr. de 2025.

> quantidade adequada de angústia pela sua decisão de abortar. Desde que a mulher agonize corretamente, pode "escolher" abortar.
> (tradução livre)[73]
> (Hanish, 1989, sem pag.)

O aborto é um evento comum na vida das mulheres. É feito desde sempre e para sempre o será. Partindo da premissa de que as emoções se fazem na anatomia e corpam, formando quem estamos a cada experiência, a vivência de uma clandestinidade deixa seu corpo em nossas vísceras. No Museu da Contracepção e do Aborto, localizado em Viena, há informações de realização de aborto como um ato comum que datam de, aproximadamente, 1600 a. c., descritos em um papiro egípcio: "a mulher esvazia o concebido no primeiro, segundo ou terceiro período de tempo. Para isso, havia várias bebidas à base de plantas". Em Roma, "os médicos possuíam um vasto conhecimento que poderiam usar para atender à demanda por aborto que existia naquela época. Já eram conhecidos mais de duzentos abortivos"[74].

No âmbito mundial, o aborto é legalizado em 77 países e é ilegal nos 116/134[75] restantes, nos quais as penas variam, chegando aos 30 anos para abortos espontâneos (El Salvador tem uma das legislações mais severas). São 16 os países (dados de 2022, do Centro de Direitos Reprodutivos[76]) onde o aborto é completamente ilegal, incluso o aborto sem indução: Egito, Filipina, Laos, Senegal, Nicarágua, El Salvador, Honduras, Haiti, República Dominicana, entre outros.

É válido destacar que a ilegalidade enlaça todas as mulheres que habitam a nação que as criminaliza, uma vez que as emoções que a clandestinidade provoca permeiam todas as classes sociais. Porém, é importante informar que a segurança dos procedimentos abortivos difere bastante. Mesmo que não exista garantia de 100% de segurança em nenhum procedimento ilegal, as classes sociais mais abastadas conseguem realizar procedimentos de aborto em locais, aparentemente, mais estruturados, enquanto às mulheres de baixa renda são oferecidos serviços, muitas vezes, em ambientes mal higienizados, isso quando elas mesmas não tentam abortar sozinhas com utensílios domésticos, como cabides. Por esta razão, a maioria das

---

[73] HANISCH, Carol. *The case for a positive abortion law*. Meeting Ground, n. 11, nov. 1989. Disponível em: https://carolhanisch.org/CHwritings/Abortion.html. Acesso em: 7 abr.de 2025;

[74] Vicenti, Marcel. *Xixi no sapo e truque da cerveja: como eram os antigos 'testes' de gravidez*. UOL, 2022. Disponível em: https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2022/11/10/xixi-no-sapo-e-truque-da-cerveja-como-eram-os-antigos-testes-de-gravidez.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 05 set. de 2024;

[75] A depender dos países que se reconhecem;

[76] Reuters. **S***aiba quais países do mundo tem algumas das leis mais rígidas contra aborto*. 2022. Disponível em: https://oglobo.globo.com/mundo/saiba-quais-paises-do-mundo-tem-algumas-das-leis-mais-rigidas-contra-aborto-25499219 Acesso em: 28 out. de 2024.

mulheres que vem a óbito por conta de um aborto clandestino são mulheres pobres e negras. A proibição da realização do aborto é um potencial feminicídio do Estado e perpetua a tentativa de genocídio praticado contra a população negra, aqui, especificamente, as mulheres.[77]

3.1 O aborto no Brasil - legislação e luta

agulha de tricô, seguida de morte.
clínica ilegal, seguida de hemorragia.
chá abortivo, seguido de prisão.
remédio pelo correio, seguido de filho sem orelha.
não encontrou solução, seguida de suicídio.
(Alkimim, 2023, p. 35)

Somos regidas por legislações que não foram criadas por nós. O Código Penal Brasileiro, que rege até hoje a criminalização do aborto e os casos em que, excepcionalmente, ele é legal, foi promulgado em 1940 e criado por homens. São muitas mortes evitáveis por causa desta lei. Mesmo depois de 85 anos, nos mantemos assim, sendo majoritariamente legisladas por homens conservadores. Foi de espantar ver um projeto de lei (PL 1904/2024) que piorava a nossa legislação de aborto, ter sua urgência de votação aprovada na Câmara dos Deputados. As ruas, a população civil e política e a mídia mais uma vez demonstraram suas forças, pressionando o Senado Federal a não votar, o que arrefeceu a tentativa misógina de alguns congressistas. No entanto, esta ação nos demonstra que permanecemos em risco e que nem um direito está garantido.

No Brasil, o aborto induzido é legal em três situações:

1. quando a gravidez representa risco de vida para a gestante (artigo 128, I, Código Penal Brasileiro);

2. quando a gravidez é resultado de um estupro (art. 128, II, CPB);

3. quando o feto for anencéfalo (caso inserido no rol de possibilidades legais de aborto pelo Supremo Tribunal Federal, no ano de 2012 - ADPF 54)[78].

---

[77] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Estudo aponta que mulheres negras são mais vulneráveis ao aborto no Brasil*. Portal Fiocruz, 2024. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-aponta-que-mulheres-negras-sao-mais-vulneraveis-ao-aborto-no-brasil. Acesso em: 4 nov. de 2024.

[78] Costa, Danúbia. *12 anos de julgamento da ADPF 54: Relembrando a decisão do STF que descriminalizou a interrupção de gravidez de fetos anencéfalos.* Migalhas. Disponível em: https://www.migalhas.com.br/depeso/420014/12-anos-adpf-54-stf-descriminalizou-interrupcao-de-fetos-anencefalos. Acesso: 05 abr. de 2025.

Porém, a legalidade não é sinônimo de execução. São muitas as notícias que relatam o descumprimento aos regramentos jurídicos vinculados ao aborto, muitas vezes por causas morais e religiosas, ocasionando um grave desrespeito aos direitos humanos de mulheres e crianças. Um exemplo é o caso recente (2022) de uma menina de 11 anos que ganhou espaço na mídia brasileira[79]. Sua família recorreu à justiça para a realização de um aborto induzido, pois ela havia engravidado após ter sofrido grave violência seguida de estupro. Seu pedido foi negado pela Juíza do Tribunal de Justiça de Florianópolis, com a justificativa de não ser possível realizar um aborto após a 22ª semana de gestação, argumento que não tem qualquer amparo legal. O caso ganhou forte repercussão após a publicação de imagens da audiência em que a juíza pergunta: "Você suportaria ficar mais um pouquinho?", a induzindo a permanecer mais algumas semanas em gestação, a fim de aumentar a sobrevida do feto. Esse não é um caso isolado, muitas outras crianças e adultas vítimas de violência sexual, mulheres que correm risco de vida com a gravidez ou mulheres que estão gestando fetos com anomalias graves e pouca, ou nenhuma, chance de sobrevida, não conseguem realizar o aborto pela via legal no Brasil.

A antropóloga Débora Diniz (2020), afirmou em entrevista[80] para a jornalista Paula Guimarães:

> O aborto se torna uma questão de um pânico moral, tema de fanatismo contra vítimas tão inocentes, indefesas. É de uma perversidade tão grande que uma situação de violência sexual contra uma menina de 10 anos passa a ser objeto de tamanha controvérsia, tamanha perseguição e fanatismo com ampliação de camadas de sofrimento e maus tratos à saúde dela. É a prova do que faz a criminalização de uma necessidade de saúde.

O que resta a essas mulheres, muitas vezes, é a clandestinidade, sendo mais um aos 25 milhões de abortos clandestinos que são feitos por ano no mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde[81], sendo um milhão desses realizados no Brasil[82]. Segundo o Ministério da

---

[79] Batistela; Borges. *Juíza de SC impede menina de 11 anos estuprada de fazer aborto e compara proceimento a homicídio.* Globo-G1, 2022. Disponível no site: https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/06/20/juiza-sc-aborto-crianca-11-anos-estuprada.ghtml. Acesso: 01 de jan. de 2025;

[80] Guimarães, Paula. *A saga de uma criança para fazer aborto legal no Brasil após sofrer estupro*. Universa, 2020. Disponível no site: https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/a-saga-de-uma-crianca-para-fazer-aborto-no-brasil/#page8 Acesso em: 09 jan. de 2025;

[81] ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *Saúde sexual e reprodutiva*. 2022. Disponível em: https://www.paho.org/pt/topicos/saude-sexual-e-reprodutiva. Acesso em: 9 jan. de 2025.

[82] CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. *Uma mulher morre a cada 2 dias por causa do aborto inseguro, diz Ministério da Saúde*. 2023. Disponível em: https://www.cofen.gov.br/uma-mulher-morre-a-cada-2-dias-por-causa-do-aborto-inseguro-diz-ministerio-da-saude/. Acesso em: 9 jan. de 2025.

Saúde (dados de 2018), uma mulher morre a cada dois dias no Brasil devido a um aborto inseguro[83]. Todos esses números são estimativas, não garantindo que não sejam muito maiores, uma vez que a ilegalidade dificulta a descoberta da real quantidade de procedimentos que são feitos anualmente, assim como as mortes consequentes.

Todos os outros casos de aborto induzido são considerados crimes, sendo tipificadas nos artigos 124 a 127 do Código Penal Brasileiro:

> Art. 124 - Provocar aborto em si mesma ou consentir que outrem o provoque:
> Pena - detenção, de um a três anos.
>
> Art. 125 - Provocar aborto, sem o consentimento da gestante:
> Pena - reclusão, de três a dez anos.
>
> Art. 126 - Provocar aborto com o consentimento da gestante:
> Pena - reclusão, de um a quatro anos.
> Parágrafo único. Aplica-se a pena do artigo anterior, se a gestante não é maior de quatorze anos, ou é alienada ou débil mental, ou se o consentimento é obtido mediante fraude, grave ameaça ou violência.
>
> Art. 127 - As penas cominadas nos dois artigos anteriores são aumentadas de um terço, se, em consequência do aborto ou dos meios empregados para provocá-lo, a gestante sofre lesão corporal de natureza grave; e são duplicadas, se, por qualquer dessas causas, lhe sobrevém a morte.

Se mulheres que têm o direito de interromper sua gravidez não o conseguem fazer pela via legal, o que sobra para as mulheres que não estão neste rol? No Brasil, uma em cada 7 mulheres de até 40 anos já abortou, segundo a Pesquisa Nacional do Aborto (2021)[84]. São nossas amigas, mães, professoras, médicas; somos nós.

> O aborto não é uma experiência maravilhosa. Todas as mulheres sabem-no. MAS PODER FAZER UM ABORTO LEGAL E SEGURO QUANDO DECIDIMOS QUE PRECISAMOS DE UM É MARAVILHOSO e não só é maravilhoso, como é ABSOLUTAMENTE NECESSÁRIO PARA A LIBERTAÇÃO DAS MULHERES.
> Por isso, temos de ser a favor do aborto. Valorizamos a vida de mulheres vivas, que respiram, reais, em detrimento da vida potencial do feto por nascer. Temos de afirmar o aborto como um meio disponível de controle da natalidade, ainda que imperfeito.
> (Hanish, 1979. Tradução livre, sem pag.)[85]

---

[83] CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. *Uma mulher morre a cada 2 dias por causa do aborto inseguro, diz Ministério da Saúde*. 2023. Disponível em: https://www.cofen.gov.br/uma-mulher-morre-a-cada-2-dias-por-causa-do-aborto-inseguro-diz-ministerio-da-saude/. Acesso em: 9 jan. de 2025.

[84] AGÊNCIA BRASIL. *Uma em cada sete mulheres, aos 40 anos, já passou por aborto no Brasil*. 2023. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-03/uma-em-cada-sete-mulheres-aos-40-anos-ja-passou-por-aborto-no-brasil. Acesso em: 5 nov. de 2024.

[85] HANISCH, Carol. *The case for a positive abortion law*. Meeting Ground, n. 11, nov. 1989. Disponível em: https://www.carolhanisch.org/CHwritings/Abortion.html. Acesso em: 5 abr. de 2025.

Resta-nos a organização social civil. Neste mesmo caminho segue o projeto Vivas[86], projeto brasileiro com sede em São Paulo, protagonizado por Débora Diniz e Rebeca Mendes, que auxilia mulheres brasileiras a terem acesso ao serviço de abortamento legal e seguro em países latino-americanos. Assim como o Vivas, existem várias outras organizações de mulheres em todo o território brasileiro que fornecem o serviço gratuito e solidário de encaminhamento de medicamentos abortivos, assim como auxílio jurídico e psicológico.

Organizadas também conseguimos a instauração da ADPF 442[87] (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental) no ano de 2017 junto ao Supremo Tribunal Federal, que tem como objeto principal a descriminalização do aborto voluntário até a 12ª semana de gestação no Brasil. Em razão do julgamento, foi realizada uma audiência pública, disponível na íntegra no canal do Youtube[88], com a participação de diversos setores da sociedade. Apesar do julgamento já ter sido iniciado, inclusive com voto favorável à descriminalização do aborto voluntário proferido pela relatora do caso, Drª. Ministra Rosa Weber[89], o processo continua aguardando ser colocado em pauta para o término das votações e sua devida finalização. Temos uma ponta de esperança com o trâmite desta ADPF, entretanto, enquanto não há sentença, continuamos nas frestas como clandestinas.

---

[86] PROJETO VIVAS. *Site do Projeto Vivas*. Disponível em: https://projetovivas.org/. Acesso em: 5 set. de 2024;

[87] Mais informações sobre a ADPF 442 disponíveis em: https://www.generonumero.media/reportagens/adpf442-descriminaliza-aborto/ Acesso em: 05 de nov. 2024.

[88] Supremo Tribunal Federal. *Audiência Pública - Descriminalização do aborto (1/4)*. 2018. [vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dugDjoH-PYI. Último acesso em: 05 abr. de 2025;

[89] Íntegra do voto da Ministra Rosa Weber. Disponível em: https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/Voto.ADPF442.Versa771oFinal.pdf Acesso em: 08 nov. de 2024.

Não há Terra firme

CRIAÇÃO

DIÁRIO DE UMA INTERRUPÇÃO - PARIR DEPOIMENTOS EM GESTOS, IMAGENS E CENA

Sinto que há tantos caminhos para se falar sobre o tema que às vezes me pego confusa.

A experiência dessa criação tem sido tão solitária quanto à descoberta da gravidez e a decisão do aborto. Não que eu esteja só. Não estou, mas o processo da solitude às vezes angustia. Talvez isso tenha relação com minha estrutura emocional anatômica. Não sei. Sei que é angustiante muitas vezes. Tenho muitas dúvidas. Dúvidas de que caminhos seguir para que não ofenda as pessoas que sentem apenas dor quando falam desse tema. Sei que tem muitas assim por aí, mas eu não sou uma delas. Não é a realização de um aborto que me deixa feliz e me faz comemorar. O que eu comemoro é a minha vida e a autonomia da minha escolha. É ter escolhido meu caminho e poder estar viva e com saúde para comemorar isso, haja vista a quantidade de mulheres que morrem no Brasil devido a complicações de um aborto clandestino, assim como aquelas que são condenadas pela feitura de uma interrupção de gravidez, uma vez que é ilegal. Então, comemoro minha sorte, que também é transfigurada em privilégio, o que não deveria ser comemorado. Não comemoro meu privilégio, pois luto para que todas possam fazer seus abortos de forma segura e simples. Comemoro e agradeço por estar viva. Comemoro e agradeço por não ter um filho agora. Por não ser, talvez, uma mãe arrependida.

Na sala de ensaio hoje senti vontade de ficar de cabeça para baixo durante o áudio que fala sobre a sensação de descoberta da minha gravidez. É um mundo que cai, é um embrião em um útero em um saco gestacional. Ele navega ali, mínimo. Segundo o google, o saco gestacional se forma entre 4 e 5 semanas de gravidez, mede de 2 a 3mm e fica no centro do útero. É um mundo de cabeça pra baixo, no qual o meu ventre era a parte mais importante para o meu corpo todo, como se ele tomasse o lugar da cabeça. Naquele momento quem gere o corpo é o ventre.

Tenho vontade de ficar no meio do espaço cênico, com uma luz fina, minúscula, como uma linha em 3mm, de cabeça para baixo. Não sei se é possível, mas me veio esta imagem e essa vontade corporal enquanto estava pesquisando. Eu fui levada pelo pensamento do corpo para esta posição.[90].

Não há terra firme. O tempo de um processo criativo é singular. Há uma lentificação necessária na chegança em sala, para que se entenda que caminharemos por uma pesquisa corporal ainda desconhecida. Ao iniciar, só há pistas e um tanto de desvios. O tempo alargado possibilita uma abertura de disponibilidade e engajamento para adentrar neste labirinto junto aos arquivos e fantasmas que impulsionam a caminhada. Que corpo emerge? Com a descoberta dos procedimentos iniciais, vou me sentindo disponível e com os sentidos porosos para iniciar o mergulho, que vão se transformando a cada dia de contato com os arquivos anatômicos, auditivos e escritos. O acolhimento à anatomia emocional que estou a cada dia, altera a forma como respondo aos procedimentos propostos por mim e por Vanessa Macedo, mas tem imagens que se repetem, sugerindo possíveis trilhas.

A dramaturgia final da performance desta pesquisa se construiu em um duplo gesto de formas que eram sugeridas pelo corpo ao entrar em sala (o que começou a acontecer após um tempo de imersão na pesquisa corporal) e a imaginação, além das influências de ideias distantes de projetos que ainda não foram gestados e nem sei se serão. Uma retroalimentação entre imaginação e forma corporal se intensificava com o passar do tempo de pesquisa. Cenas surgiam em meus pensamentos em caminhadas e em sonhos e serviram como baliza para algumas experimentações de estados corporais. Com as imagens que surgiram em pensamento, criei um primeiro esboço de roteiro para ajudar a guiar a pesquisa cênica corporal, pensando no alinhavar entre início, meio e fim, assim como de que forma eu gostaria de guiar as pessoas que testemunhariam a performance. Para mim, era essencial nessa construção denunciar as mazelas e depor sobre as alegrias vividas depois de não se estar mais acompanhada daquela gravidez indesejada.

Sinto que este trabalho começou a ser gestado com as imagens de *Um dia por minuto*, como já mencionei anteriormente. Mesmo nunca tendo saído do papel, os pensamentos sobre o projeto, sobre a construção dramatúrgica e a cenografia iniciaram o movimento para a criação. O

[90] Diário de bordo - 24 de nov. de 2024.

ambiente da casa já aparecia, mas neste caso era uma tentativa de réplica do quarto que habitei no período de descoberta, dúvida e abortamento. O quarto tinha um cheiro muito específico, que não sei dizer nem de onde vinha. Ali vivi raiva, choro, dor, amor e alegria, tudo em poucos dias. Muitas coisas aconteciam em um minuto, um lapso de tempo minúsculo e um tanto imenso. De todas as imagens, o ambiente doméstico foi o que permaneceu.

Na pesquisa dramatúrgica, entrelacei-me com outras obras artísticas, que vieram fortalecer algumas intuições. As gravuras de Paula Rego, artista-plástica portuguesa, foram algumas delas. Na sua séria chamada *Aborto* (2000), Paula expõe mulheres em seus ambientes domésticos, sozinhas, com objetos caseiros. O nome da série sugere o contexto das gravuras: mulheres induzindo seus abortos sozinhas e de forma insegura.

Figura 1 - gravura da série *Aborto* (2000)
Autora: Paula Rego

Figura 2 - gravura da série *Aborto* (2000)
Autora: Paula Rego

Figura 3: gravura da série *Aborto* (2000)
Autora: Paula Rego

As gravuras de Paula foram referência para gestualidades e um reforço à intuição de um ambiente caseiro como espaço cenográfico.

Logo após o aborto, assim como no caso de *Um dia por minuto*, imaginei a criação de *Se eu desvelar o meu segredo, o que dirão?*, projeto de instalação-performance ainda não gestado. A imagem: eu, nua, de pernas abertas com a coluna curvada para trás e peito estufado para o teto, com linhas vermelhas saindo da minha vagina e formando um grande tecido no chão. Neste chão, travesseiros estariam dispostos e dentro de cada um deles teria uma pequena caixa de som com depoimentos reais de abortamento clandestino. As pessoas seriam convidadas a se deitar e ouvir os relatos. É no colo das clandestinas que a sociedade dorme e descansa tranquila, que a sociedade pede cuidado. A instalação duraria 6 horas e de duas em duas, eu me moveria. Optei por caminhar pela dança cênica ao invés de adentrar numa performance-instalação nesta pesquisa, a fim de dar voz às formas anatômico-emocionais e possibilitar que os procedimentos do caminho formativo criassem a corporeidade gestual do trabalho. Ao invés da sustentação de uma forma, as formas transitam aqui, como na biografia da vida. De todo modo, esse embrião de ideia ofereceu a esta pesquisa os depoimentos de outras mulheres que abortaram na clandestinidade. Porém, aqui estas vozes e histórias me envolveram profundamente. Não houve distanciamento entre corpo e voz, mas, ao contrário, houve colagem.

Hoje percebo que a dramaturgia foi sendo criada antes mesmo desta pesquisa existir. O envolvimento com os depoimentos de abortamento talvez tenham sido uma das partes mais difíceis de encontrar *o* corpo da cena. Porém, com o passar do tempo de imersão na pesquisa, da escuta e da leitura, repetidas e constantes, a gravidade me chamou e a quadrupedia e o chão se fizeram presentes. Construo um caminho à margem do centro, costruindo um quadrado externo, onde o centro fica vazio. Me inspiro nos abortos que são realizados às margens da legalidade e da sociedade; histórias que não querem ser ouvidas, tendo poucos ouvidos à disposição.

A cada dia de sala de pesquisa dobrava-me e desdobrava-me em devires de outros tempos e de experiências de outras mulheres, corpando com seus relatos e depoimentos, construindo a subjetividade somática do corpo da pesquisa em contato com essas vozes. Esforço-me para, com a repetição da escuta dos relatos e depoimentos, deixar que emerja um corpo subjetivo aberto aos campos de força daquelas palavras, tons e experiências, fazendo corpo coletivo em mim. Um corpo baixo, engasgado, voltado para o ventre se impunha. Um aninhar as pernas e niná-las, como uma criança pequena. Daí os primeiros gestos corporais foram vindo.

A escuta massiva dos depoimentos em conjunto com a pesquisa teórica, me guiaram a uma imagem de multidão, e, assim, a criação da trilha desta cena se deu. Para esta faixa, contei com a participação do musicista e compositor João Acácia, grande amigo que se interessou no mesmo momento em realizar esse desejo comigo. Encaminhei para João os áudios dos depoimentos com os quais eu vinha trabalhando e conversamos sobre o ambiente sonoro que gostaríamos de construir. A trilha nessa cena seria uma protagonista. Interferências, interrupções, sobreposições progressivas dos áudios viriam a ser construídas no intuito de causar incômodo e a sensação de multidão. Depois de algumas conversas e experimentações, chegamos em um bom resultado, que fez toda a diferença na criação corporal. A bipedia ganhou uma qualidade tônica específica, articulada e à procura da gravidade. A bacia ganha algum protagonismo nos movimentos.

Para além desta faixa da trilha, o restante foi escolhido por mim, em pesquisa intuitiva e conjunta com os movimentos que a anatomia emocional sugeria para cada uma das cenas.

O rascunho de um primeiro esboço de roteiro:

> Cenário:
>
> Uma cadeira. Penso que seria muito legal ter um fogãozinho mini de duas bocas, onde eu coloque o bolo dentro do forno. A cadeira poderia vir a compor depois esse cenário "casa", representando o lugar onde muitas

mulheres realizam suas interrupções ilegais. A Débora[91] cita uma mulher, que foi a que levou o caso para a corte interamericana[92] , que morreu com uma mamona presa no útero na tentativa de interromper sua gravidez. Débora fala que toda mulher (ou toda pessoa? Agora não lembro) deveria ter a foto dela com um galho de mamona do lado. Penso em ter isso no ambiente dessa "casa".

A cadeira vem também para ser o lugar da delegacia, da algema, da prisão, da audiência.

Talvez uns travesseiros com pedras dentro (por causa dos escritos que vieram surgindo) ou agulhas de tricô - representando o lugar do acolhimento e da violência no mesmo espaço (esse seria para uma cena específica - a 5), mas tenho muitas dúvidas também.

ROTEIRO

Entrada. Penso em ser oferecido um chá de artemísia[93] para as pessoas. Importante informar antes que não se deve tomá-lo se estiver com suspeitas de gravidez e desejar mantê-la.

Cena 1. Oráculos - a pré descoberta na cerimônia da Ayahuasca e na gira de malandros na Umbanda. Ambientação sonora ritualística, mais vinculada com sons de mato. Luz baixa. Corpo segue um caminho de gestos feitos nestes espaços. Caminhada, acocoramento, vibração com mãos no útero, pernas abertas, socos leves no útero (gira de malandro). Finaliza com a posição quase fetal lateralizada.

Transição: silêncio - movimentos de fluxo e interrupção começam de forma sutil.

Cena 2. Interrupção - áudios de relatos. A construção sonora vem com relatos onde consigo escutar plenamente o que as mulheres dizem e com algumas interferências/interrupções feitas por sonoridades que ainda estão sendo escolhidas com cuidado.[94]

Sinto que é uma cena de progressão. Ou seja,

[91] Débora Diniz.
[92] Conhecido como *Caso Beatriz.*
[93] O chá de Artemísia é um dos chás abortivos.
[94] Neste momento, eu já estava conversando com João Acácia sobre a composição desta faixa da trilha sonora.

1. Som: Os relatos em áudio, assim como as interferências/interrupções vão aumentando, sutilmente e progressivamente, até que os áudios começam a se sobrepor uns sobre os outros (minha ideia foi trazer a sensação de centro de cidade - caos e multidão, trazendo à tona a multidão de pessoas que abortam, assim como o fato de sermos mulheres comuns, que estão em todos os espaços a qualquer tempo).

2. Luz ir ganhando com essa progressividade, até talvez abrir para o final e início da próxima cena.

3. Corpo: fluxo mais lento com interrupções mais demoradas e depois vai ganhando um pouco mais o gesto em pé e da qualidade de engasgo.

Transição ? (Estes gestos anteriores vão sendo levados para a cadeira, até que sento? Não experimentei essa cena ainda).

Cena 3. Cadeira

Meu áudio com tom de deboche falando sobre o controle de natalidade que as abortistas fazem, sobre alguns dados estatísticos. A imagem inicial que me vem é ficar parada, sentada na cadeira, com as mãos para trás.

No fim do áudio, eu trago um diálogo com uma poeta brasileira, mas que fez o aborto na Espanha: “o aborto, mesmo quando legal, nunca será uma festa”. Eu discordo disso. Muitas vezes eu comemoro, de alguma forma, ter interrompido a gravidez.

Eu também trago isso no áudio.

Transição. Inicia uma música de festa (um eletrônico sutil sem voz. Estou nessa pesquisa e acho que encontrei a música) - eu, que desejo estar com os cabelos na frente do rosto, tapando minha “identidade”, ajeitaria o cabelo, mostraria o rosto, colocaria um brinco ou qualquer coisa que simbolize que estou me arrumando e levantaria para dançar essa música.

Cena 4. Sim, às vezes, é uma festa.

Talvez, câmera lenta e depois movimentos mais enérgicos. Não sei.

Transição: áudio meu falando que eu sou privilegiada por me sentir assim e viver a interrupção assim, uma vez que para muitas mulheres o aborto signfica cemitério.

Cena 5. Comecei a experimentar um corpo para esta cena, mas tenho dúvidas quanto a qual caminho seguir nela. O corpo que experimentei foi um corpo em quatro apoios, com movimentos articulares bem definidos e subidas e descidas ao chão, mantendo a posição de quatro apoios como referência. A experimentação desta posição me veio pela posição que muitas vezes o aborto acontece em ambiente doméstico.

Também ainda não sei sonoridade e nem se tem. Na realidade, sinto que um caminho pode ser de silêncio (assim como fazemos culturalmente o um minuto de silêncio quando acontece uma tragédia ou um falecimento).

Uma outra imagem que me veio foi a de derrubada desses objetos de pedras, poeira e agulhas no chão, saindo dos travesseiros. Violência onde se tem aconchego, mas não sei. Muitas dúvidas sobre as duas possibilidades que me vieram.

Transição. Silêncio. Tudo parado. Depois de um tempo, levanto e me direciono para o lugar que é "a casa" no cenário (imagino canto fundos). Encho umas duas, três bolas de aniversário que estarão escondidas em algum lugar ali. As amarro. Vou ao forno e pego o bolo.

Cena 6. Parabéns para você.

Falo "Hoje a interrupção da minha gravidez faz aniversário e gostaria de convidá-los para cantar parabéns e comemorar comigo."

Acendo vela. Cantamos parabéns e sirvo alguns pedaços de bolo para as pessoas.

Retorno e brinco com as bolas - luz vai caindo e finaliza. Ou estouro uma bola e a luz corta ali, finalizando.

Ou não sei. Ainda não sei como finalizar.

A criação deste roteiro me ajudou como um guia, do qual eu pude fazer muitos desvios que me levaram ao desapego de algumas imagens para construção de outras. Ele serviu como uma baliza para a pesquisa corporal, depois de algumas semanas deixando que o encontro entre os materiais (diários e depoimentos) e o corpo acontecesse de uma forma mais livre e bem aprofundada no caminho formativo de co-corpar as experiências lidas e escutadas. A partir da

construção prévia da anatomia emocional do trabalho e do esboço de roteiro, a dramaturgia, preenchida dos estados corporais, começou a ser construída mais profundamente.

> *A cada ensaio algo novo surge, a repetição traz o novo o tempo inteiro, o que muitas vezes me faz ficar confusa. Tenho mais dúvidas do que certezas. Será que é isso que é o que vivo ou isso é o que eu desejo dizer? A repetição de partituras corporais muito coreografadas me parece difícil de conceber neste momento do processo. Sinto que o improviso a partir de sensações, balizas e qualidades de movimentos nutridas e emergidas são mais honestos agora.. Tem gestos que se repetem desde o primeiro dia de algumas experimentações e eles me servem como baliza para os movimentos, como forma da anatomia emocional dos tempos dançados, mas não só. A percepção emotiva que aquela forma me causa, me levando a um estado específico de tônus corporal e gestos que brotam dele, é o que de fato interessa nesse momento.*[95]

Estive acompanhada de muitas mulheres durante esta pesquisa, tanto as presentes em minha vida, como as que dividem suas histórias e o espaço cênico comigo a partir de suas vozes que ecoam. Pesquisei junto a túmulos, alívios, sorrisos que foram, são e serão.

A partir do olhar externo de Vanessa Macedo e algumas conversas, entendemos que eu não precisaria ser tão explícita sobre a minha experiência, podendo deixá-la na gestualidade. Somado a isso, tive dificuldade em tornar a entonação de minhas palavras mais próximas do que desejávamos. Eu precisaria de mais tempo para trabalhá-la e regravá-la. Decidimos, portanto, retirar os áudios em *off* com meus depoimentos e abrimos um maior espaço para que o corpo, por si, junto com a trilha sonora, comunicasse. No outro momento, tomei a voz da cena e o *off* se transformou em fala ao vivo, uma fala sentada que se balança e treme.

Na sua pesquisa sobre a criação autobiográfica de Frida Kahlo, Vanessa Macedo nos fala sobre as maneiras que a história contada pode aparecer em cena:

> O falar de si mesmo pode aparecer na obra de forma sutil, metafórica ou explícita. Independentemente do quanto existe da realidade pessoal do criador, está claro que

[95] Diário de bordo - 2024

> sempre se tratará de recriação. Isso porque, embora a criação seja sustentada por fatos reais, são fatos poetizados e que adquirem vida própria, ou seja, existem independentemente da ligação que possuem com a realidade que os deu origem.
> (2008, p. 6)

E segue:

> O processo criador, portanto, inevitavelmente, sente a interferência de muitos fatores, internos e externos, e não se obriga a ter uma coerência linear e objetiva. Isso acontece mais naturalmente ainda na arte autobiográfica, pois mais do que transfigurar a vida ela transfigura o que é particular do artista criador. Essas questões estão sendo elucidadas para deixar claro que isso não a impede de ter um universo essencialmente original; pode nascer estreitamente vinculada a quem lhe dá origem, mas é capaz de desvencilhar-se e adquirir vida própria. Por isso Frida Kahlo e tantos outros artistas transcenderam por meio de uma obra tão cheia de detalhes particulares, íntimos. Por isso, um diário pode tornar-se uma obra de arte.
> (2008, p. 15)

A obra tem vida própria, como nos ensina Macedo. Não enxergo minha experiência *ipsis litteris* no processo, e não era isso o que eu desejava, mas me enxergo presente. Da vida, faz-se poesia combativa.

A dramaturgia, então, foi se criando em uma conjunção entre a anatomia emocional que o próprio trabalho começava a produzir e o esboço de cenas que me propus a experimentar. Ao fim, algo ficou e algo escapou. A cena da Ayahuasca permanece iniciando o trabalho. Colho as ervas e faço o chá, acaricio o ventre, assim como desfiro socos, acocoro com força e inverto a postura para o ventre ficar acima da cabeça. “Todo útero é sempre o centro de um mundo. Dure o mundo quanto durar.” (Alkimim, 2023, p. 109). O corpo desta cena foi construído a partir do co-corpar com meu diário do dia que tive o primeiro sinal de que estava grávida. A cena começa lenta, a fim de ambientar quem chega e lentifica o espaço-tempo.

Outras cenas foram se formando a partir da dramaturgia que o corpo propunha em sala: a caminhada lenta (sensação do como o tempo passa nesse momento de angústia, desespero e dúvida. O que fazer com este indesejo?), os gestos de entrada em si, entre outros.

Apesar de não seguir o escrito em roteiro, a premissa da finalização da performance permaneceu. Era importante para mim poder parabenizar o feito abortivo e a vida da mulher. Danço, faço calda para o bolo e acendo a vela. Convido as pessoas para cantarem comigo. Para minha surpresa, no primeiro dia que encenei esta cena para Macedo, senti vontade de chorar ao cantar *Parabéns para você/ nessa data querida/ muitas felicidades/ muitos anos de vida*. E essa vontade nunca mais se desfez. Todas as vezes que fiz esta cena, meus olhos simplesmente

enchiam de água e um rio escorria. É a anatomia emocional se colocando sobre a pesquisa e a cena, compondo em tempo real o trabalho. Maritza Jimenez (2019), poeta latino-americana: “como sangre salió y en mi cuerpo dormía al despertar yo bailaba bailaba mi nueva libertad lloro y confieso”.

Uma escolha dramatúrgica foi a de passar a metade da performance com o rosto escondido atrás dos meus cabelos, simbolizando a clandestinidade do ato, a não identidade daquela que aborta, assim como o não revelar, por ser um assunto da esfera privada para a maioria das pessoas. O ato de esconder o rosto comunica também a necessidade da clandestinidade em um país onde podemos ser condenadas criminalmente por interromper a gravidez. A clandestinidade é compulsória e um ato de autoproteção.

Nesta linha de denúncias sutis, danço uma *Cueca* com um lenço verde. A *Cueca* é uma dança tradicional chilena dançada em par. Depois da ditadura militar e o desaparecimento de muitas pessoas, mulheres começaram um movimento de protesto popular dançando sozinhas a *Cueca*, acompanhadas de lenços brancos nas mãos, que convocavam seus entes queridos desaparecidos à cena. Era, e continua sendo, uma prática de protesto contra a ditadura militar de Pinochet. Neste cenário, surgiu a *Cueca Sola*. Eu me deparei com o texto sobre esta dança no meio do percurso do mestrado e, por alguma razão que desconheço, ela me retorna enquanto eu esperava uma peça de teatro começar no SESI Centro-RJ. Busco músicas, encontro algumas e no dia seguinte experimento essa dança, que faz muito sentido. Danço com um lenço verde, cor que se tornou representante da luta pela legalização do aborto na América Latina. Danço com mulheres que morreram, por consequência de um aborto mal executado. Convoco-as à cena para dançarem e denunciarem comigo.

A escrita e a criação de uma performance em dança entrelaçaram-se desde o momento em que iniciei a pesquisa prática corporal. Os diários de bordo somaram-se aos diários pessoais, adicionando mais uma camada no *continuum* formando a que propunha. Os diários se confundiam a todo tempo, não sendo possível separar o diário de bordo com o diário da vida. Talvez pela temática, talvez pela metodologia proposta, talvez pela geografia espiralada na qual construo meus diários.

Pedra, que vira
areia, que vira pó e
voa pelos mares

PARTO

Parir

Pari no dia de defesa desta pesquisa. Pari uma gestação de muitos anos. Pari uma gestação de violência estatal, assim como o da dimensão política do compartilhamento de nossas experiências com o coletivo. Pari a cria.

Abri-me a esta pesquisa sabendo que ela também me formaria. Ela não se finda, é contínua como o formando de si, o que angustia e excita ao mesmo tempo. Agora ela sou eu, como sempre foi desde o princípio, mas agora ela nasce. Nasce e cresce. Talvez esse seja o diário mais precioso que eu já escrevi, um diário íntimo que se torna público, expondo vísceras por aí.

Pesquisar com depoimentos pessoais, seja de si ou de outras, tem uma força que corpa e forma corpo e o caminho formativo me permitiu aprofundar isso, acolhendo minhas emoções diárias no processo, sem que elas precisassem ser anuladas quando chegavam à sala de pesquisa. Foi um acolher outras dentro de mim e me deixar formar por elas. Essa característica da metodologia de pesquisa corporal, que também está em processo de criação, que está *em formando*, contém um risco. Acolher as emoções cotidianas da performer-criadora na sala de pesquisa quer dizer conviver com seus humores e disponibilidades e isso pode gerar conflitos, amarguras, mas também muita vida e honestidade. Também é importante que a performer não confunda o espaço de trabalho com o viver cotidiano. Acolher as emoções pessoais e suas formas anatômicas não significa que não se está em um contexto de trabalho rigoroso. É um processo que se faz em conjunto com a vida, emocionalmente falando. É uma criação de fantasmagorias com a anatomia emocional que se está. E é bem rico de material corporal para a criação de uma performance em dança, tendo em vista que o caminho formativo se propõe a trabalhar com a emoção a partir das formas anatômicas que gera, emergindo variados tônus, formas e velocidades, sendo um campo fértil.

Sinto que a criação partindo de um caminho formativo também necessita de uma baliza de tempo. Quero dizer com isso que, por ser uma metodologia de criação, mas não o mote principal da cena criada, deve-se entender em algum momento como forjar o caminho formativo criado para determinada cena, a fim de que a anatomia emocional construída venha à tona a cada dia de apresentação. Porém não é para excluir o caminho formativo deste momento, mas para criar

um diálogo entre ele e a artificialidade da repetição de uma cena. Como forjar o caminho formativo criado é uma pergunta. Como se manter em envolvimento é outra.

Depois de sua primeira respiração completa, ao ouvir os testemunhos de quem esteve presente, pude notar que o corpo construído por meio do caminho formativo alcançou alguns desejos, como por exemplo o de causar reações anatômicas aos que testemunharam. O trabalho de pesquisa, aprimoramento e aprofundamento corporal continua como uma constante, sempre inacabado, sempre a construir e destruir algo, como uma areia movediça que não cessa seus movimentos. A pesquisa se prolongará, respirará e seguirá *em formando…*

Convido-as a mergulharem mais uma vez comigo ou, caso esteja olhando o horizonte sentada em uma pedra alta, que agora ela vire areia e você possa adentrar as águas desta dança: https://youtu.be/B9quT1Q2QsQ.

REFERÊNCIAS

Livros, textos e artigos:

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 8, v. 8, n. 1, p. 229-236, jan. 2000.

BACELLAR, Camila Bastos. Performance e teorias encarnadas: guianças para habitar o corpo-encruzilhada. *Revista Ilinx*, [s.d.].

BRETON, David Le. *A sociologia do corpo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CUNHA, Liana da Silva. Eu não sou esgoto do gozo alheio. *Revista Arte da Cena*, v. 7, n. 2, ago./dez. 2021. Disponível em: http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce. Acesso em: 5 abr. 2025.

DAMÁSIO, António. *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.

DAMÁSIO, António. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. 2. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.

DARWIN, Charles. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. 1. ed., 6. reimp. São Paulo: Companhia de Bolso, 1965.

ERNAUX, Annie. *O acontecimento*. 1. ed. São Paulo: Fósforo, 2022.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. *Revista Sala Preta*, São Paulo, v. 8, p. 235-246, nov. 2008.

Favre, Regina. Corpar nosso verbo principal. *Laboratório do Processo Formativo*, 2014. Disponível em: https://laboratoriodoprocessoformativo.com/2014/02/corpar-nosso-verbo-principal/ Acesso em: 01 agosto. 2024.

FEDERICI, Silvia. *Além da pele*. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2023.

FEDERICI, Silvia. *O Calibã e a bruxa*. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2017.

FREIRE, Ana Vitória. *Dança: criação autobiográfica e memória*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2022.

Foster, Diana Greene. *Gravidez Indesejada* - The Turnaway Study - o mais extenso estudo americano sobre as consequências. 1ª Edição. Editora Sextante, 2024.

GALLI, Beatriz; SYDOW, Evanize. Isoladas: a história de oito mulheres criminalizadas pelo aborto. 2011. Disponível em: https://www.geledes.org.br/isoladas-oito-mulheres-criminalizadas-por-aborto/. Acesso em: 5 abr. 2025.

GREINER, Christine; KATZ, Helena. Corpo, dança e biopolítica: pensando a imunidade com a Teoria Corpomídia. In: *Anais do 2º Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança: Dança: contrações epistêmicas*, 2011.

HANISH, Carol. O pessoal é político. 1969. Disponível em: https://www.carolhanisch.org/CHArticlesList.html. Acesso em: 5 abr. 2025.

HANISH, Carol. *The case for a positive abortion law*. Meeting Ground, n. 11, nov. 1989. Disponível em: https://www.carolhanisch.org/CHwritings/Abortion.html. Acesso em: 5 abr. 2025.

JORGE, Soraya. Me senti dançando algo. In: *9º Seminário de Dança Angel Vianna*, Faculdade Angel Vianna, Rio de Janeiro, 2015.

JORGE, Soraya. Movimento Autêntico: um ritual contemporâneo? In: BATALHA, Ana Paula; MACARA, Ana; MORTARI, Kátia (org.). *Entre o ser e o estar – técnicas somáticas e práticas performativas*. Lisboa: Edições FMH, Faculdade de Motricidade Humana, 2018.

JORGE, Soraya. O pensamento movente de um corpo que dança – ou a necessidade de se criar um estilo para falar de Movimento Sensível. 2009. Monografia (Pós-graduação Lato Sensu em Terapia Através do Movimento, Corpo e Subjetivação) – Faculdade Angel Vianna, Rio de Janeiro, 2009.

KATZ, Helena. Corpar – porque corpo também é verbo. In: BASTOS, Helena (org.). *Coisas vivas: fluxos que informam*. São Paulo: ECA-USP, 2021. p. 19-30.

KATZ, Helena. Porque o pós-humano não existe. In: *Anais do IV Congresso de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas (Memória Abrace X)*, 2006. Disponível em: https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:c98f45e4-788c-4da1-9262-f214ffb74083. Acesso em: 5 abr. 2025.

KELEMAN, Stanley. *Anatomia emocional*. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

KELEMAN, Stanley. *Corporificando a experiência: construindo uma vida pessoal*. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2017.

KELEMAN, Stanley. *O corpo diz sua mente*. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

MACEDO, Vanessa. *Frida Kahlo: entre chagas e borboletas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MACEDO, Vanessa. *Narrativas de si: um ato político nas obras cênicas de mulheres*. Revista Brasileira de Estudos em Dança, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 133–154, 2024. DOI: 10.58786/rbed.2024.v3.n5.64153. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rbed/article/view/64153. Acesso em: 25 dez. 2024

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória. *Revista Letras*, n. 26, 2003. Tema: Língua e literatura: limites e fronteiras.

RAMIRES, José Francisco. *A escrita da vida: literatura, filosofia e emoções em "A origem das espécies", de Charles Darwin*. 1. ed. São Paulo: Editora Acadêmicos, 2021.

TURNER, Victor. *Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

VIANNA, Klauss. *A dança*. 8. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2018.

Legislação:

BRASIL. Código Penal. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. *Diário Oficial da União*: seção 1, p. 23941, 31 dez. 1940. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 5 abr. 2025.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 5 abr. 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Ficha de tramitação do Projeto de Lei nº 1904/24. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2434493. Acesso em: 01 abril 2025

Podcast:

Folha de São Paulo. *O caso das 10.000.* [podcast] Spotify, 2023. Disponível em: https://open.spotify.com/show/5udt7SYVJBWfvvSeZoVwdt?si=6bb6d4e707574001. Acesso em: 01 de out. 2024.

Vídeos/Documentários:

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Audiência Pública - Discriminalização do aborto (2/4). Brasília: STF, 2018. [Vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=73iYl4OxCYE&t=17402s. Minutagem: 3h10m45s até 3h25m48s. Acesso em: 12 dez. 2024.

DINIZ, Débora. À margem do corpo. Brasil: 2006. 1 vídeo (23min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4PoxtwM8nik. Acesso em: dez. 2024.

DINIZ, Débora. Eu vou contar. Brasil: 2020. 1 vídeo (12min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VvxYFxy0rP8. Acesso em: dez. 2024.

DINIZ, Débora; BRUM, Eliane. Uma história Severina. Brasil: 2005. 1 vídeo (23min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=65Ab38kWFhE. Acesso em: dez. 2024.

FADHIA, Salomão. Clandestinas. Direção de Babi Lopes. Brasil: 2014. 1 vídeo (26min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AXuKe0W3ZOU&t=114s. Acesso em: abr. 2025.

LEITE, Janaína. Autobiografia como possessão. Festival de dramaturgia. Entrevista concedida a Bruna Vargas. 2021. [Entrevista em vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rL8a2wby7iE&t=4983s. Acesso em: 11 dez. 2024.

LEITE, Janaína. Bastidores - Conversas com meu pai. Entrevista concedida ao Centro Cultural São Paulo. [Entrevista em vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AjsVXD-TVKA. Acesso em: 04 abr. 2025.

LEITE, Janaína. Biografia e autobiografia com Janaína Leite. Entrevista concedida a Jhoao Junnior. 2021. [Entrevista em vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SsSFKqoNFOg. Acesso em: 11 dez. 2024.

LEITE, Janaína. Conversas de Laboratório com a América Latina: cenários do Sul - ações feministas. LCICC - UFF. 2021. [Entrevista em vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nxfgv1ujRyw&list=PL45tOkKAPj--QnQ-rjaqzicMbHXaXQOaJ . Acesso em: 11 dez. 2024.

LEITE, Janaína. Desmontagem de *Stabat mater*. MITsp, 2020. [Vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X4iPkY9C2nc&list=PL45tOkKAPj--QnQ-rjaqzicMbHXaXQOaJ&index=10. Acesso em: 11 dez. 2024.

LEITE, Janaína. O corpo da mulher, suas representações e a coragem da verdade. MITsp, 2020. [Vídeo]. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=fpdTFu905rs&list=PL45tOkKAPj--QnQ-rjaqzicMbHXaXQOaJ&index=11. Acesso em: 11 dez. 2024.

LEITE, Janaína. Teatro sem fronteiras - Festa de separação: um documentário. 2012. [Vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d4oBWW1CPqo&list=PL45tOkKAPj--QnQ-rjaqzicMbHXaXQOaJ&index=2. Acesso em: 11 dez. 2024.

LEITE, Janaína; FEPA. Direção: Luiz Fernando Marques. *Festa de separação - um documentário cênico*. Teatro sem fronteiras. [Entrevista]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d4oBWW1CPqo. Acesso em: 04 abr. 2025.

WHITTEN, Diana. *Vessel*. EUA, Holanda, Tanzânia, Portugal: 2014. 1 vídeo (1h29min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=83r-vlLuGEg. Acesso em: dez. 2024.

Entrevista:

KILOMBA, Grada. *Programa Roda Viva – Grada Kilomba/13/05/2024*. 2024. 1 vídeo (1h33min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=up-F2Pzf0LY. Acesso em: jan. 2025.

LEITE, Janaína. *Biografia e autobiografia com Janaína Leite*. Entrevista concedida a Jhoao Junnior. 2021. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SsSFKqoNFOg. Acesso em: nov. 2024.

LEITE, Janaína. *Autobiografia como possessão – Festival de Dramaturgia*. Entrevista concedida a Bruna Vargas. 2021. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rL8a2wby7iE&t=4983s. Acesso em: nov. 2024.

LEITE, Janaína. *Conversas de Laboratório com a América Latina: cenários do Sul – ações feministas*. LCICC – UFF. 2021. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nxfgv1ujRyw&list=PL45tOkKAPj--QnQ-rjaqzicMbHXaXQOaJ. Acesso em: nov. 2024.

LEITE, Janaína. *Desmontagem de Stabat mater*. MITSP. 2020. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X4iPkY9C2nc&list=PL45tOkKAPj--QnQ-rjaqzicMbHXaXQOaJ&index=10. Acesso em: nov. 2024.

LEITE, Janaína. *O corpo da mulher, suas representações e a coragem da verdade*. MITSP. 2020. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fpdTFu905rs&list=PL45tOkKAPj--QnQ-rjaqzicMbHXaXQOaJ&index=11. Acesso em: nov. 2024.

LEITE, Janaína. *Teatro sem fronteiras – Festa de separação: um documentário*. 2012. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d4oBWW1CPqo&list=PL45tOkKAPj--QnQ-rjaqzicMbHXaXQOaJ&index=2. Acesso em: nov. 2024.

Sites e Reportagens:

AGÊNCIA BRASIL. Uma em cada sete mulheres, aos 40 anos, já passou por aborto no Brasil. 2023. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-03/uma-em-cada-sete-mulheres-aos-40-anos-ja-passou-por-aborto-no-brasil. Acesso em: 5 nov. 2024.

ALCÂNTARA, Manoela; RODRIGUES, Galtiery. Entenda caso da menina de 13 anos que tenta fazer aborto legal em GO. Metrópoles, 30 jul. 2024. Disponível em: https://www.metropoles.com/brasil/entenda-caso-da-menina-de-13-anos-que-tenta-fazer-aborto-legal-em-go. Acesso em: 30 mar. 2025.

BATISTELA; BORGES. Juíza de SC impede menina de 11 anos estuprada de fazer aborto e compara procedimento a homicídio. Globo-G1, 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/06/20/juiza-sc-aborto-crianca-11-anos-estuprada.ghtml. Acesso em: 01 jan. 2025.

BENEVIDES, Carolina. Para especialistas, mulheres ainda são vistas como propriedades. Jornal O Globo. 2014. Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/para-especialistas-mulheres-ainda-sao-vistas-como-propriedades-12014705. Acesso em: 01 abr. 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Aborto é um dos principais causadores de mortes maternas no Brasil*. Expressão Nacional/Programa TV Câmara, 2014. Disponível em: https://www.camara.leg.br/tv/445740-aborto-e-um-dos-principais-causadores-de-mortes-maternas-no-brasil. Acesso em: abr. 2025.

COSTA, Danúbia. 12 anos de julgamento da ADPF 54: Relembrando a decisão do STF que descriminalizou a interrupção de gravidez de fetos anencéfalos. *Migalhas*. Disponível em: https://www.migalhas.com.br/depeso/420014/12-anos-adpf-54-stf-descriminalizou-interrupcao-de-fetos-anencefalos. Acesso em: 05 abr. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Uma mulher morre a cada 2 dias por causa do aborto inseguro, diz Ministério da Saúde. 2023. Disponível em: https://www.cofen.gov.br/uma-mulher-morre-a-cada-2-dias-por-causa-do-aborto-inseguro-diz-ministerio-da-saude/. Acesso em: 9 jan. 2025.

ELOY, Leo. Artistas debatem direito ao aborto e expõem violência da criminalização. Fundação Bienal de São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.nonada.com.br/2022/09/artistas-debatem-direito-ao-aborto-e-expoem-violencia-da-criminalizacao/. Acesso em: jan. 2025.

EXPRESSÃO NACIONAL. *Aborto é um dos principais causadores de mortes maternas no Brasil*. TV Câmara, 2014. [Vídeo]. Disponível em: https://www.camara.leg.br/tv/445740-aborto-e-um-dos-principais-causadores-de-mortes-maternas-no-brasil. Acesso em: abr. 2025.

FEDERICI, Silvia. Silvia Federici: 'os movimentos feministas mais poderosos do mundo hoje estão na América Latina'. *Brasil de Fato*, 2023. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2023/12/17/silvia-federici-os-movimentos-feministas-mais-poderosos-do-mundo-hoje-estao-na-america-latina. Acesso em: abr. 2025.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Estudo aponta que mulheres negras são mais vulneráveis ao aborto no Brasil. *Portal Fiocruz*, 2024. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-aponta-que-mulheres-negras-sao-mais-vulneraveis-ao-aborto-no-brasil. Acesso em: 4 nov. 2024.

GALLI; SYDOW. Isoladas: a história de 8 mulheres criminalizadas por aborto, p. 7. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1nSnf2QtJkfKEHTYzhA_VV0IrZ3aYBmwrnzy4dLvWLNc/edit?tab=t.0. Acesso em: 05 abr. 2025.

GUIMARÃES, Paula. A saga de uma criança para fazer aborto legal no Brasil após sofrer estupro. *Universa*, 2020. Disponível em: https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/a-saga-de-uma-crianca-para-fazer-aborto-no-brasil/#page8. Acesso em: 09 jan. 2025.

MOSTRA MULHERES EM CENA. Teaser. 2024. [Vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2JJ-Dvw_-6c. Acesso em: nov. 2024.

OLIVEIRA, Vera; DOMINGUES, _. Aborto inseguro afasta Brasil da meta de redução de mortalidade materna. *Gênero e Número*, 2022. Disponível em: https://www.generonumero.media/reportagens/aborto-mortalidade-materna/. Acesso em: abr. 2025.

ORDAZ, Paulo. Papa Francisco autoriza o perdão da Igreja Católica às mulheres que abortaram. *El País*, 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/21/internacional/1479724533_498479.html. Acesso em: 9 jan. 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Saúde sexual e reprodutiva. 2022. Disponível em: https://www.paho.org/pt/topicos/saude-sexual-e-reprodutiva. Acesso em: 9 jan. 2025.

PESQUISA NACIONAL DO ABORTO. 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/mDCFKkqkyPbXtHXY9qcpMqD/abstract/?lang=pt. Acesso em: 10 dez. 2024.

PROJETO VIVAS. Site do Projeto Vivas. Disponível em: https://projetovivas.org/. Acesso em: 5 set. 2024.

REUTERS. Saiba quais países do mundo têm algumas das leis mais rígidas contra aborto. *O Globo*, 2022. Disponível em: https://oglobo.globo.com/mundo/saiba-quais-paises-do-mundo-tem-algumas-das-leis-mais-rigidas-contra-aborto-25499219. Acesso em: 28 out. 2024.

SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE / MINISTÉRIO DA SAÚDE. Mortalidade materna por aborto no Brasil, 2010 a 2021. Brasília: MS, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2022/boletim-epidemiologico-vol-53-no47. Acesso em: 10 out. 2024.

VEHVILAINEN, Jenna. As cidades que pagam mais de R$ 45 mil a seus habitantes para terem filhos. *BBC News Brasil*. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/revista-50544933. Acesso em: 23 mar. 2025.

VICENTI, Marcel. Xixi no sapo e truque da cerveja: como eram os antigos 'testes' de gravidez. *UOL*, 2022. Disponível em: https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2022/11/10/xixi-no-sapo-e-truque-da-cerveja-como-eram-os-antigos-testes-de-gravidez.htm. Acesso em: 5 set. 2024.

WOMEN ON WEB. Abortion stories. Disponível em: https://abortionstories.womenonweb.org/pt/. Acesso em: 17 ago. 2024.

WOMEN ON WEB. Depoimento anônimo – Liz. Disponível em: https://abortionstories.womenonweb.org/pt/page/19970/liz. Acesso em: 5 abr. 2025.

WOMEN ON WEB. Depoimento anônimo – Nih. Disponível em: https://abortionstories.womenonweb.org/pt/page/16252/nih. Acesso em: 1 jan. 2025.

WOMEN ON WEB. Depoimento de Maiara Rejane. Disponível em: https://abortionstories.womenonweb.org/pt/page/16801/maiara-rejane. Acesso em: 1 jan. 2025.

Figuras:

Figura 1 - gravura da série *Aborto* (2000), Autora: Paula Rego. Portugal.

Figura 2 - gravura da série *Aborto* (2000), Autora: Paula Rego. Portugal.

Figura 3 - gravura da série *Aborto* (2000), Autora: Paula Rego. Portugal.